



AULA 04 – Estrutura e classe de palavra

*Gramática e Interpretação de
texto ITA 2020*

Professora Celina Gil

SUMÁRIO

Apresentação.....	3
1 - Estrutura e Formação de palavras	3
1.1 – Elementos básicos	4
1.2 – Elementos modificadores.....	5
1.3 – Elementos de ligação	7
1.4 – Derivação	7
1.5 – Composição	8
1.6 – Redução.....	9
1.7 – Hibridismo	9
2 – Classes de palavras e suas estruturas.....	9
2.1 - Palavras variáveis	10
2.2 – Palavras invariáveis	22
3 – Crase e demais formas combinadas	24
3.1 – Crase.....	24
3.2 – Formas combinadas	29
4 – Colocação Pronominal.....	31
4.1 – Próclise	31
4.2 – Mesóclise.....	33
4.3 – Ênclise.....	34
5 – Exercícios.....	35
5.1 – Lista de Exercícios.....	35
5.2 - Gabarito	70
5.3 – Exercícios comentados.....	71
Considerações finais.....	116



APRESENTAÇÃO

Olá!

Na aula de hoje veremos **um dos assuntos mais cobrados do ITA**: Classe de palavras.

AULA 04 – Estrutura e classe de palavra

Colocação pronominal e formas combinadas.

- Estrutura e Formação da palavras;
- Classes morfológicas;
- Colocação pronominal; e
- Crase e demais formas combinadas.

Classe de palavras é o assunto mais importante dessa aula. É muito cobrado no ITA. O tópico mais importante desse assunto, sem dúvidas, é o uso dos conectivos. Esse tópico só será tratado com profundidade na próxima aula. **Você precisa compreender muito bem os conceitos da aula de hoje para não chegar em “usos do conectivo” com dúvidas!**

Isso não significa, porém, que você deve deixar de estudar os outros temas. Principalmente crase e colocação pronominal são **essenciais para sua redação.**

Estrutura e formação de palavra são assuntos pouco cobrados no ITA – diferente do IME que ainda cobra muito esse assunto. Dê atenção, principalmente ao **valor dos radicais, dos prefixos e dos sufixos.** Isso pode ajudar você a reconhecer classes de palavra e conhecer o significado de verbetes que você ainda não conhece. Para seu vocabulário, portanto, pode ser um diferencial.

Você encontrará exercícios de outros vestibulares também na nossa lista final.

Vamos lá?

1 - ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Pensar na estrutura e formação de palavras significa analisar as pequenas unidades que formam uma palavra. Pense, por exemplo, na seguinte palavra:

Inegável

Se dividirmos a palavra **segundo sua formação**, teríamos:

In-e-neg-ável

Esses elementos que **estruturam** a palavra podem ser divididos, segundo Cegalla (2008) em alguns tipos:

Elementos básicos e significativos – raiz, radical e tema. (**neg**)

Elementos modificadores – afixos, desinência e vogal temática. (**In-**, **-ável**)

Elementos de ligação – vogal de ligação e consoante de ligação (**-e-**)

Quanto à **formação** das palavras, ela pode ocorrer por:



Derivação – sufixação, prefixação e parassintética.

Composição – aglutinação ou justaposição.

Além da possibilidade de ocorrência de **redução e hibridismo**.

Vamos ver melhor cada um deles, começando pelos elementos de estrutura de palavra.

1.1 – ELEMENTOS BÁSICOS

Raiz

Se pensarmos numa árvore, uma raiz é aquilo que fica na base, que sustenta a estrutura do tronco e da copa. Quando falamos de palavras, **a raiz é o elemento originário e irreduzível em que se concentra a significação das palavras** (CEGALLA, 2008, p.91).

A raiz tem a ver com a **origem da palavra no sentido histórico**. No português, o mais comum é que as palavras venham do latim ou do grego.

Veja um exemplo:

Raiz *noc*, do latim *nocere* = prejudicar.
Palavras formadas com *noc* têm significado ligado a “dano” de algum modo.
Ex.: nocivo, inocente, inocentar etc.

Radical

O radical é o elemento básico e significativo das palavras. (CEGALLA, 2008, p.91). Aqui, pensa-se no aspecto gramatical **prático**, da **língua portuguesa atual**.

Palavras que compartilham o mesmo radical fazem parte do mesmo **campo semântico**, ou seja, possuem significados conectados.

Veja um exemplo:

Radical **livr-** compõe uma série de palavras, todas do mesmo campo semântico.
Ex.: **livro**, **livraria**, **livreiro**, **livrinho** etc.

Todas essas palavras se relacionam de algum modo com o objeto livro, respectivamente, o próprio objeto (livro), o local onde se compra esse objeto (livraria), a pessoa que vende esse objeto (livreiro) e uma versão pequena desse objeto (livrinho).

Tema

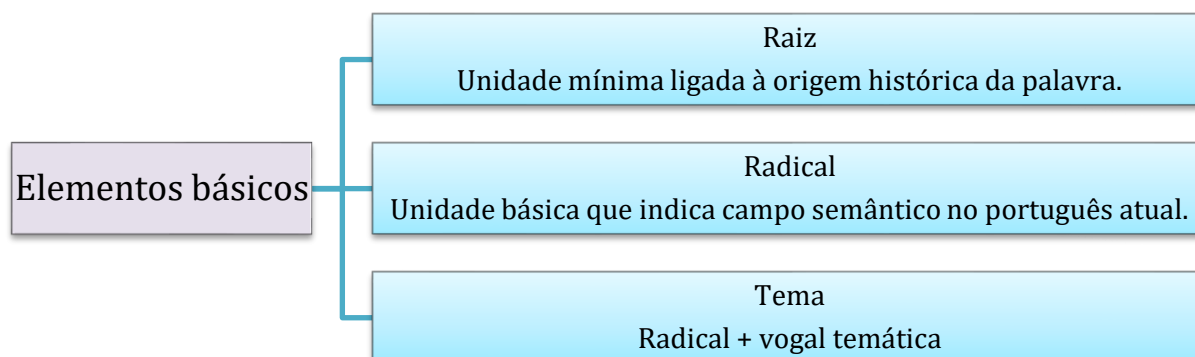
O tema é formado pelo radical + vogal temática. Veremos melhor a vogal temática a seguir, então por ora, apenas lembre-se do seguinte exemplo:

Canta = **cant** + **a**



O tema “canta” se liga ao -r para formar o verbo **cantar**. O verbo será flexionado mantendo o tema “canta”

Ex.: **Canta, cantava, cantara, cantarão** etc.



1.2 – ELEMENTOS MODIFICADORES

Afixos

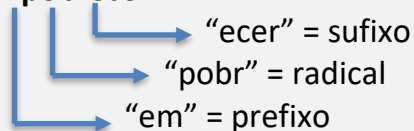
Afixos são **elementos que se agregam aos radicais ou temas**, formando **palavras derivadas**.

Quando se agregam **antes** dos radicais ou temas, se chamam **prefixos**.

Quando se agregam **depois** dos radicais ou temas, se chamam **sufixos**.

Vamos ver um exemplo:

Empobrecer



Principais prefixos e seus significados	
a- (ab) = afastamento	ad- = aproximação
anti- = oposição	des- = separação e ação contrária ou negação
dis- = separação, movimento para diversos lados	e- (ex) = movimento para fora
i- (in) = movimento para dentro ou negação	pos- = posteridade
pre- = anterioridade	sub- = inferioridade
super- = superioridade, excesso	trans- = movimento para além



Desinência

A desinência é um elemento que se adiciona no fim das palavras para indicar sua **flexão**.

As desinências nominais indicam flexões de **gênero** (feminino e masculino) e **número** (singular e plural). Veja o exemplo:

Menino
↳ A flexão “o” indica masculino singular

As desinências verbais indicam flexões de **número**, **pessoa**, **tempo** e **modo**. Veja o exemplo:

Amamos
↳ A flexão “mos” indica 1ª pessoa do plural, no presente do indicativo
Comeu
↳ A flexão “u” indica 3ª pessoa do singular, no pretérito perfeito.

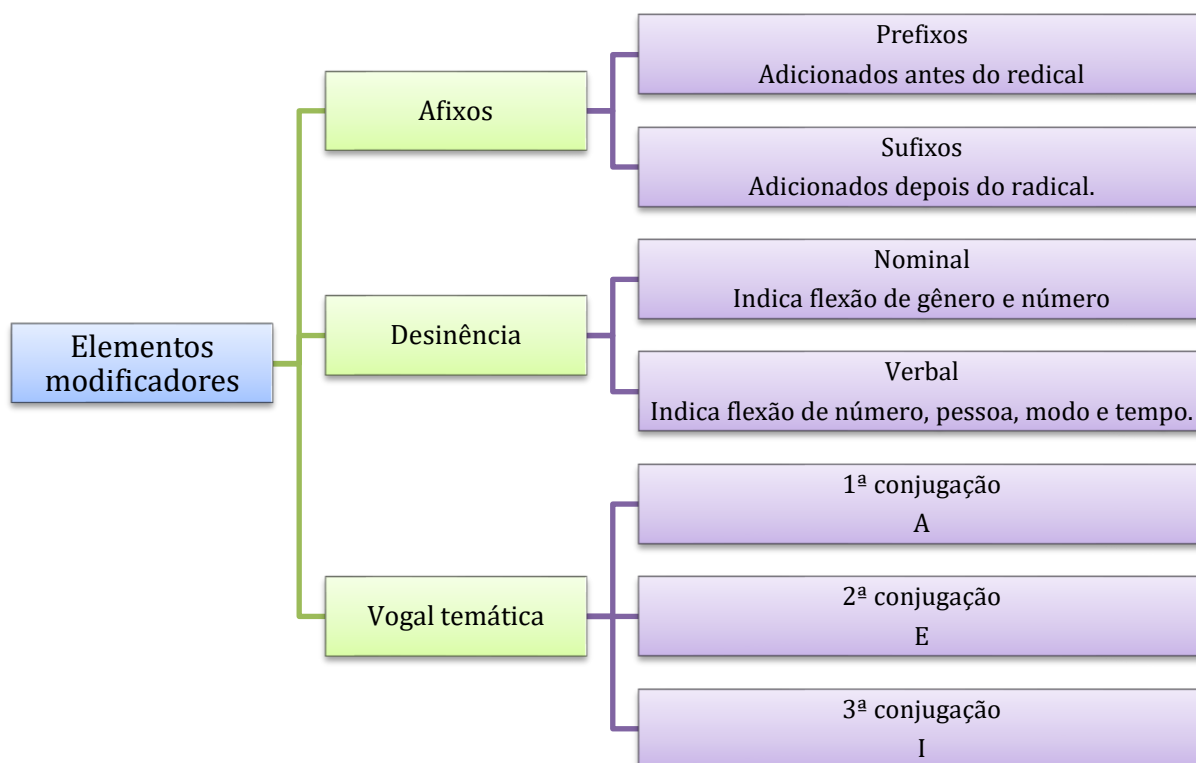
Vogal temática

Conforme adiantamos acima, a vogal temática é **uma vogal que se liga ao radical** formando nomes e verbos. O mais importante sobre esse assunto é lembrar as vogais temáticas dos verbos:

A – caracteriza verbos da 1ª conjugação: amar, andar, cantar etc.

E – caracteriza verbos da 2ª conjugação: comer, saber, viver etc.

I – caracteriza verbos da 3ª conjugação: cair, partir, sorrir etc.

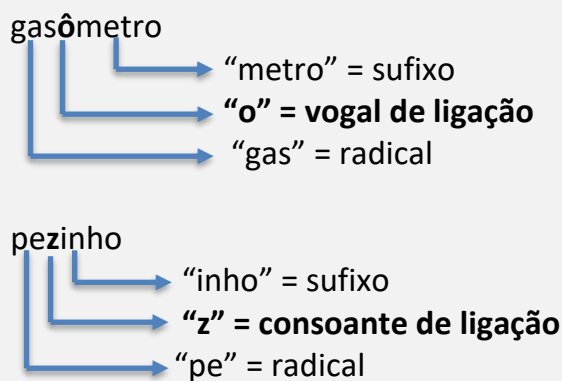


1.3 – ELEMENTOS DE LIGAÇÃO

Vogais e consoantes de ligação

Em algumas palavras, é preciso que se adicione uma letra na estrutura por questões de **sonoridade**: sem esse elemento, a pronúncia seria mais difícil.

Veja exemplos abaixo:



Vamos agora observar os processos e elementos ligados à formação de palavras.

1.4 – DERIVAÇÃO

A derivação é um processo que consiste em **formar uma palavra nova (derivada) a partir de outra já existente (primitiva)** (CEGALLA, 2008, p.96). Pode ocorrer de alguns modos:

Sufixação

Ocorre quando se **acrescenta um sufixo a um radical**.

Felizmente = “Feliz” é uma palavra
“-mente” é um sufixo

Prefixação

Ocorre quando se **acrescenta um prefixo a um radical**.

Desligar = “ligar” é uma palavra
“Des-” é um prefixo

Parassintética

Ocorre quando se **acrescenta um prefixo e um sufixo a um radical**.

Alistar = “Lista” é uma palavra
“A-” é um prefixo
“-ar” é um sufixo

ATENÇÃO: A maioria das palavras formadas por derivação parassintética são verbos.



Há ainda dois tipos de derivação que você deve lembrar caso apareçam numa prova. São menos comuns, mas é importante que você tenha pelo menos uma noção:

- **Derivação regressiva:** quando a terminação do verbo é substituída por uma vogal, criando um substantivo.

Ex.: pescar → pesca

- **Derivação imprópria:** não se adiciona nenhum elemento, mas há mudança na classe da palavra. Veremos melhor esse assunto no tópico 2, quando falarmos de substantivação.

1.5 – COMPOSIÇÃO

A composição é um processo que consiste em **associar duas ou mais palavras ou dois ou mais radicais para formar uma palavra nova** (CEGALLA, 2008, p.98). Pode ocorrer de dois modos:

Justaposição

Na justaposição, unem-se as palavras **sem que sua estrutura seja alterada**. Os elementos podem se unir **com hífen ou não**.

Girassol = gira + sol

Cor-de-rosa = cor + de + rosa

Aglutinação

Na aglutinação, unem-se as palavras **suprimindo um ou mais de seus elementos fonéticos**. Isso significa que na aglutinação há perda de algum som.

Embora = em + boa + hora

Fidalgo = filho + de + algo (ou seja, filho de alguém importante)

Hidrelétrica = hidro + elétrica

1.6 – REDUÇÃO

Algumas palavras apresentam **abreviações** possíveis **que não alteram seu significado**. A esse fenômeno, dá-se o nome de **redução**.

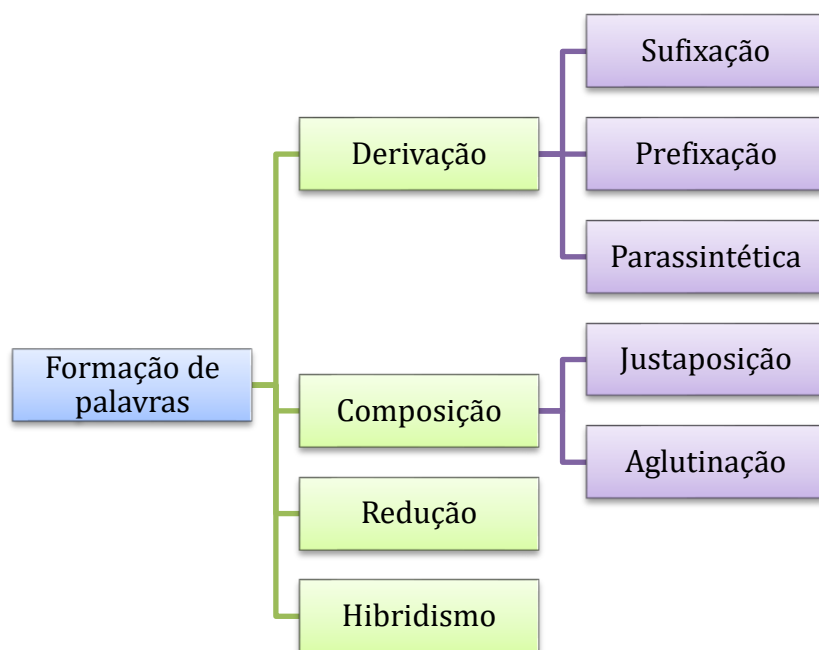
Foto → Fotografia
Moto → Motocicleta
Quilo → Quilograma

1.7 – HIBRIDISMO

Consiste em palavras compostas por elementos de **línguas diferentes**. Veja exemplos:

Psicologia = psico (raiz latina) + logia (raiz grega)
Televisão = tele (raiz grego) + visão (raiz latina)

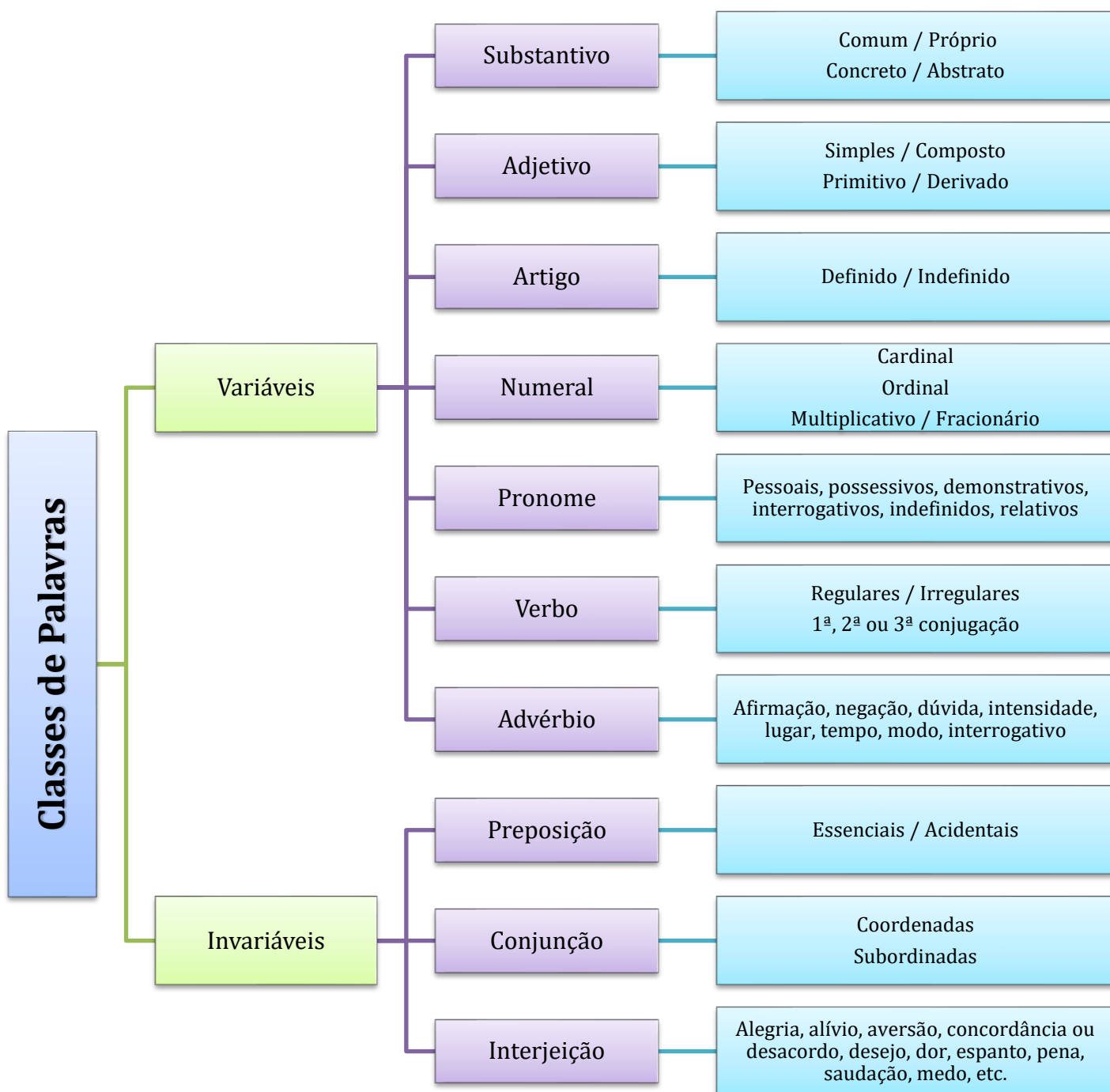
ATENÇÃO: não se preocupe tanto em decorar as origens das raízes. Isso é um assunto pouquíssimo cobrado.



2 – CLASSES DE PALAVRAS E SUAS ESTRUTURAS

As palavras da língua portuguesa são divididas em **dez classes**, cada uma com mais uma série de possibilidades e subdivisões: substantivos, adjetivos, artigos, numerais, pronomes, verbos, advérbios, preposições, conjunções e interjeições. Estas classes, podem ser separadas em **variáveis** e **invariáveis**:





2.1 - PALAVRAS VARIÁVEIS

Substantivo

Aquilo que dá **nome** às coisas. São substantivos as palavras que representam pessoas, objetos, fenômenos, lugares, ações, sentimentos, estados físicos e emocionais e qualidades.



Um substantivo pode ser **simples** ou **composto**.

Simples – É formado apenas por um radical. Ex: banana, pé, flor etc.

Composto – É formado por mais de um radical. Ex.: banana-da-terra, pontapé, couve-flor etc.

Além disso, o substantivo pode ser **primitivo** ou **derivado**.

Primitivo – dá origem a outras palavras. Ex.: pedra, ferro etc.

Derivado – se origina de outra palavra + sufixo ou prefixo. Ex.: Empedrado, ferrovia etc.

Classificação do Substantivo			
Comum	Próprio	Concreto	Abstrato
Indica a totalidade de seres de uma espécie ou designa uma abstração. Podem ser coletivos , ou seja, palavras no singular que representam grupos (Ex.: manada)	Nome que particulariza alguém pertencente a determinado conjunto ou espécie. Possuem nomes próprios, principalmente: pessoas, lugares, animais de estimação.	Indica os seres (reais ou imaginários) propriamente ditos. São independentes . Ex.: pessoas, animais, vegetais, minerais, mitos e lendas, profissões, locais, instituições, objetos etc.	Indica elementos e realidades imateriais. São dependentes , ou seja, só existem em função e outros. Ex.: sentimentos, estados emocionais físicos, qualidades, ações, etc.

Quanto ao **grau** dos substantivos e seus significados mais frequentes:

Grau dos substantivos

Normal

Denota neutralidade.
Ex: Nariz, boca, pé.

Aumentativo

Denota exagero ou tom pejorativo (depreciação).
Ex.: Narigão, bocarra, peção.

Diminutivo

Denota pequenez ou tom afetivo (carinho).
Ex.: Mãozinha, boquinha, pezinho.

*Tanto o aumentativo quanto o diminutivo podem denotar apreciação ou depreciação. “Aqueles mulherzinhas”, por exemplo, pode ser utilizado em tom pejorativo. Fique sempre atento ao contexto das construções.

Adjetivo

Palavra que se relaciona ao substantivo **caracterizando-o**, podendo expressar um modo de ser, qualidade, aspecto ou estado.

Deve sempre concordar com o substantivo a que se refere. Assim como o substantivo, o adjetivo pode ser **simples** ou **composto**; **primitivo** ou **derivado**.

Simples – grande, doce etc.

Composto – amoroso, acelerado etc.

Primitivo – claro, brasileiro etc.

Derivado – castanho-escuro, ítalo-americano etc.





Locuções adjetivas?

Ao invés de um adjetivo, podem aparecer as chamadas locuções adjetivas: expressões formadas de uma palavra ou mais com função de adjetivo

Ex.: meia de bolinhas, roupa sem costura, luz do sol, jornal de hoje etc.

As locuções não possuem necessariamente um adjetivo correspondente. Solar se equivale a do sol, mas sem costura, por exemplo, não possui correspondente.

São formadas por:

Preposição + substantivo

Preposição + advérbio

Quanto ao grau dos adjetivos e seus significados mais frequentes:

Comparativo	Superlativo
Denota qualidade inferior, superior ou equivalente entre seres ou em relação a si mesmo. Ela é mais inteligente que ele. Ele é menos inteligente do que bonito. Eles são tão bonitos quanto inteligentes.	Denota alto grau de qualidade (superior ou inferior). Pode se apresentar de dois modos: Ela é inteligent íssima (sufixo íssimo/íssima) Ele é o menos inteligente (artigo + gradação)

Artigos

Palavra que antecede o substantivo para determiná-lo. Pode indicar se o nome a que se refere é específico/conhecido ou geral/desconhecido, sendo denominado definido ou indefinido, respectivamente. Veja o quadro a seguir para entender melhor:

Artigo definido	Artigo indefinido
Forma ou definição precisa: o/a; os/as. O menino / a menina denota tratamento específico.	Forma ou definição imprecisa: um/uma; uns/umas. Uns meninos / umas meninas denota tratamento generalizante.



Por vezes, um artigo pode preceder um adjetivo. Estes casos são chamados de **substantivação do adjetivo**, pois há uma mudança de função.

Ex: **O dourado** do sol (dourado funciona como substantivo, mesmo sendo normalmente adjetivo).

Outras classes de palavras também podem ser substantivadas pelo emprego de um artigo na frente:

Substantivação do numeral: “Os dois entraram em casa”

Substantivação do verbo: “O amar é essencial”

Substantivação do advérbio: “O sim me deixou feliz”

Numerais

Palavra que indica quantidade ou posição de algo em uma série.

Relaciona-se ao substantivo. Também pode indicar uma multiplicação ou uma divisão de algo.

Cardinal	Ordinal	Multiplicativo	Fracionários
Indica quantidade determinada. Ex.: um, dois, três etc.	Indica posição em uma série. Ex.: primeiro, segundo, terceiro.	Indica quantas vezes algo foi multiplicado. Ex.: dobro, triplo etc.	Indica em quantas partes algo foi dividido. Ex.: metade, terço etc.



Não confunda o **artigo** um com o **numeral** um. O artigo denota indefinição enquanto o numeral denota uma quantidade precisa. Você saberá quando a palavra pertence a cada classe dependendo do contexto.

Ex.: Um homem ligou e deixou um recado.

Um → Artigo indefinido um → Numeral cardinal

Pronomes



O pronome é uma das classes de palavras **mais pedidas** no vestibular. Preste bastante atenção aqui!

É uma palavra que se relaciona a um substantivo de modo a substituí-lo. Um pronome também pode acompanhar um substantivo de modo a determinar-lhe uma extensão de significado.

Quando agem para substituir são chamados **pronomes substantivos** e quando agem para adicionar significado, de **pronomes adjetivos**.

Ex.: **Alguns** alunos passaram no vestibular, **outros** não.

Alguns determina o substantivo “alunos”; **outros** assume o valor da palavra “alunos”, ali suprimida.

TIPOS DE PRONOMES

- pessoais (retos, oblíquos e de tratamento)
- possessivos
- demonstrativos
- relativos
- interrogativos
- indefinidos



Pronomes pessoais

Os pronomes **retos** e **oblíquos** variam de acordo com as pessoas do discurso da seguinte maneira:

	Pessoa	Pronomes retos	Pronomes Oblíquos
SINGULAR	1ª pessoa	Eu	me, mim , comigo
	2ª pessoa	Tu	te, ti , contigo
	3ª pessoa	Ele/ela	o/a, lhe, se, si, consigo
PLURAL	1ª pessoa	Nós	nos , conosco
	2ª pessoa	Vós	vos , convosco
	3ª pessoa	Eles/elas	os/as, lhes, se, si , consigo

* os pronomes em negrito são **reflexivos**.

Os pronomes **retos** podem substituir **sujeito**:

Ex.: **Ele** saiu.

Os pronomes **oblíquos** podem substituir **complementos**:

Ex.: Deu-**me** um susto.

Dar, neste caso, tem objeto direto (Deu um susto) e objeto indireto (Deu em mim, ou me).

Quando o pronome oblíquo não é precedido de preposição chama-se **átono**.

Quando é precedido de preposição, chama-se **tônico**.

Ex.: Deu-**me** um presente.

Deu um presente **a mim**.

Para as próximas aulas, será importante ser capaz de identificar pronomes e suas funções como complementos. Por isso, lembre-se que:

Objeto direto: me, te, o, a, nos, vos, os, as.	Ex.: Conte-as (= Conte as notícias)
Objeto indireto: me, te, lhe, nos, vos, lhes.	Ex.: Chamem-nos (= Chamem a ela e a mim)

Os pronomes **reflexivos** podem se referir ao sujeito e ao objeto.

Ex.: Eu **me** amo. (Refere-se a quem ama e a quem é amado)

Por vezes, os pronomes oblíquos **o/a, os/as** podem sofrer uma modificação em função do som:

- Quando precedidos de verbo terminado em **r, s e z** se tornam **lo/la, los/las**:

amar + o = amá-lo

vimos + as = vimo-las

fez + os = fê-los

- Quando precedidos de som nasal, se tornam **no/na, nos/nas**:

encontramos + a = encontramos-la

põe + os = põe-nos

Já os pronomes de **tratamento**, representam modos de se dirigir a alguém, seja de modo informal ou formal. Eles vêm acompanhados de verbos na 3ª pessoa:

Ex.: você, senhor e senhora, vossa alteza, vossa excelência, vossa majestade etc.



Quando se refere a alguém na terceira pessoa, o **vossa** pode ser substituído por **sua**
Ex.: Sua majestade, a rainha Elizabeth II, vem ao Brasil.

ATENÇÃO:

O “**você**” é um pronome muito particular. Apesar de se referir à segunda pessoa, os verbos que o acompanham são **flexionados na terceira pessoa**. Lembre-se dessa informação quando fizermos nossa aula de verbos!

Pronomes possessivos

Os pronomes **possessivos** são palavras que acrescentam a ideia de posse de algo por alguém:

	Pessoa	Pronomes Possessivos
SINGULAR	1ª pessoa	meu, minha, meus, minhas
	2ª pessoa	teu, tua, teus, tuas
	3ª pessoa	seu, sua, seus, suas
PLURAL	1ª pessoa	nosso, nossa, nossos, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossa, vossos, vossas
	3ª pessoa	seu, sua, seus, suas

Os pronomes possessivos concordam em **pessoa com quem possui e gênero e número com a coisa possuída**.

Ex.: Eu trouxe meus amigos.

Meus é 1ª pessoa (eu) do plural (amigos) masculino (amigos).

Pronomes demonstrativos

Os pronomes **demonstrativos** são palavras responsáveis por posicionar no tempo e no espaço o nome a que se referem. Eles podem apresentar formas variáveis ou invariáveis (neutras em gênero e número):

Espaço	Tempo	Pronomes demonstrativos variáveis		Pronomes demonstrativos invariáveis
		Masculino	Feminino	Neutro
Perto do emissor	Presente do emissor	este / estes	esta / estas	isto
Perto do receptor	Presente do receptor	esse / esses	essa / essas	isso

Longe de ambos	Tempo vago a ambos	aquele / aqueles	aquela / aquelas	aquilo
----------------	--------------------	------------------	------------------	--------

Todos os pronomes demonstrativos podem se combinar com **de** e **em** formando, por exemplo:

- deste (e variáveis) / disto; desse (e variáveis) / disso; daquele (e variáveis) / daquilo
- neste (e variáveis) / nisto; nesse (e variáveis) / nisso; naquele (e variáveis) / naquilo.

USOS NO TEXTO

Muitos alunos têm dúvida sobre como usar os pronomes demonstrativos na produção textual. Vamos ver alguns os principais usos que serão **essenciais** para uma escrita alinhada com a norma culta.

- **Este (esta, isto)** são usados para chamar a atenção para **algo que vamos dizer**.

Ex.: Estes são os meus amigos: Ana, Pedro e Julia.

- **Esse (essa, isso)** são usados para retomar **algo que já dissemos**.

Ex.: Não voltou a sair; isso fazia parte de seu passado.

- **Este (esta, isto)** são usados para se referir **ao texto em si**.

Ex.: Neste capítulo, vamos aprender Classes Gramaticais.

Esse (essa, isso) são usados para se referir a **algo dito pelo interlocutor**.

Ex.: - Vamos sair?

- Isso está fora de questão.

- **Expressões de uso fixado**, ou seja, que independem do seu sentido básico:

Além disso, isso é, isto de, nem por isso, nisso (no sentido de então), por isso.

Pronomes relativos

Os pronomes **relativos** representam nomes que já foram mencionados anteriormente.

Ex.: O menino **que** encontrei é muito legal.



A mesa sobre **a qual** coloquei o livro é branca.



Dividem-se os pronomes relativos da seguinte maneira:

Pronomes demonstrativos variáveis		Pronomes demonstrativos invariáveis
Masculino	Feminino	Neutro
o qual / os quais cujo / cujos quanto / quantos	a qual / as quais cuja / cujas ----* / quantas	que quem onde

*neste caso, *quanto* vale para masculino e feminino

Atenção para algumas questões no pronome relativo:

- Quanto: se usa no masculino e no feminino.

Ex.: Tentou **tudo quanto** possível; Aplicou **tanta** força **quanto** pôde.

- Cujos: concorda com o termo que vem depois, não com o antecedente (como os outros relativos).

Ex.: O autor **cujas obras** estudei.

- Quem: vem precedido de preposição.

Ex.: A pessoa **a quem** me dirijo é você.

Não esqueça: frases
com verbos são chamadas de
orações.

- Onde pode vir na forma *preposição a + onde*. Isso ocorre quando o verbo da oração exige preposição **a**.

Ex.: **Aonde** ela vai? (ir exige preposição **a**)

Pronomes interrogativos

Os pronomes **interrogativos** são aqueles usados para denotar perguntas diretas ou indiretas. Os principais pronomes interrogativos são:

Invariáveis:

Que: Que história é essa? / Ela quis saber que horas eram.

Quem: Quem fará o trabalho? / Eu não sabia quem faria o trabalho.

Variáveis:

Qual: Qual o seu nome? / Eu não sabia quais livros comprar.

Quanto: Quanto custa? / Eu perguntei quantas horas ia demorar a consulta.



Pronomes indefinidos

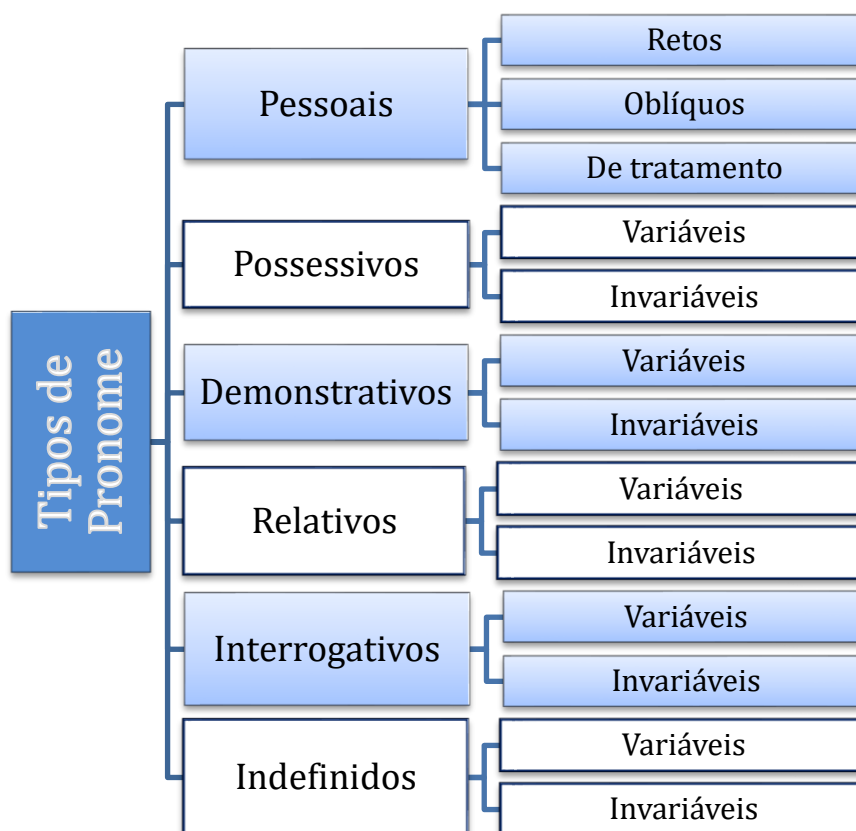
Os pronomes **indefinidos** são os que possuem significado vago. São sempre acompanhados de verbos na 3ª pessoa.

Pronomes indefinidos variáveis		Pronomes indefinidos invariáveis
Masculino	Feminino	Neutro
algum / alguns	alguma / algumas	alguém
nenhum / nenhuns	nenhuma / nenhuma	ninguém
muito / muitos	muita / muitas	nada
pouco / poucos	pouca / poucas	cada
todo / todos	toda / todas	tudo
outro / outros	outra / outras	outrem
certo / certos	certa / certas	algo
tanto / tantos	tanta / tantas	
quanto / quantos	quanta / quantas	
qualquer / quaisquer	qualquer / quaisquer	

Locuções pronominais indefinidas

Locuções que se equivalem a pronome indefinido.

Ex.: Cada qual, qualquer um, tal e qual, quem quer que seja, cada um, seja quem for, etc., todo aquele que.



Verbos

Palavra que representa a ação praticada, indicando quem a realizou e o momento em que foi realizada. Além de uma **ação**, pode expressar **estado** e **fenômeno da natureza**. Eles podem ser **regulares** ou **irregulares**.

Ex.: Eu comi muito. / Eles correm na praia. (ação feita por alguém, localizada num tempo específico)

O dia está lindo. (estado)

Chove. (fenômeno da natureza)

Quando estão na sua forma verbal pura, os verbos aparecem no **infinitivo** e terminam na letra **r**, precedidas de **a**, **e** ou **i**. As vogais caracterizam a **conjugação do verbo**.

1ª conjugação – AR	2ª conjugação – ER	3ª conjugação – IR
amar	parecer	abrir
cantar	sofrer	partir
costurar	vender	sorrir

Verbos derivados de outros verbos mantém a conjugação, assim: **Desencantar** tem a mesma conjugação de **cantar** e assim por diante.

DICA

Os principais verbos irregulares que você deve lembrar são: **ir, ser, estar, ter, haver, fazer, poder, vir.**

Um verbo pode ser classificado de acordo com sua **transitividade**, ou seja, se possui ou não complemento para ter seu sentido completo:

Verbos transitivos diretos: Eu comi uma fruta. (“comi” precisa de complemento para fazer sentido)

Verbos transitivos indiretos: Eu andei de avião. (“andei” precisa de complemento com preposição)

Verbos intransitivos: Ele morreu. (“morrer” não precisa de complemento, pois tem sentido completo em si)

Há ainda os **verbos de ligação:** Eu estou bem (“estar” indica um estado, não uma ação).

Advérbios

O advérbio é uma palavra que descreve a **circunstância** em que ocorreu uma ação (verbo). Pode também intensificar ou reforçar o sentido de um adjetivo ou de um outro advérbio.

Ex.: Choveu **hoje**.

Ele está **muito** mal.

Ela está **muito** feliz.

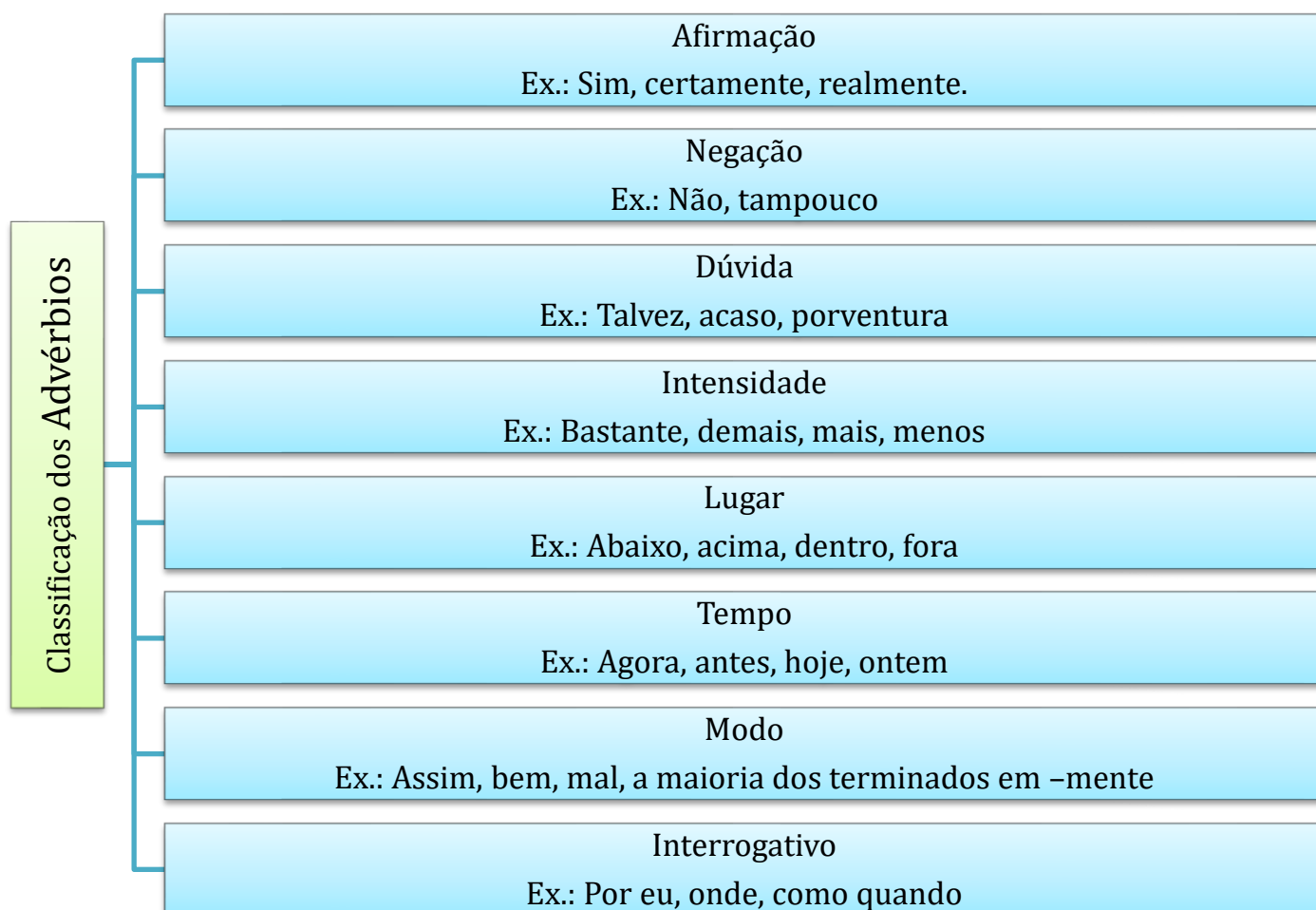


A gradação do advérbio pode se dar da seguinte maneira:

Comparativo	Superlativo
Aspecto inferior, superior ou equivalente entre ações ou em relação a si mesmas.	Pode se apresentar de dois modos:
Se aprende mais rápido português que física.	Ela aprendeu rapidíssimo (sufixo íssimo/íssima)
Se aprende menos rápido português que física.	Ele aprendeu muito rápido.(soma de dois advérbios)
Tão rápido se aprende português quanto física.	

Alguns advérbios que não possuem gradação: aqui, ali, lá, hoje, amanhã, mensalmente, anualmente e semelhantes.

Um advérbio pode se apresentar nos seguintes modos:



2.2 – PALAVRAS INVARIÁVEIS

Interjeição

São palavras que buscam expressar **sentimentos**, normalmente de modo vivo. Costumam aparecer sozinhas na frase, ou antecedendo períodos.

Viva!

Ah, que bom!

Uma interjeição pode representar advertência (Cuidado!), afastamento (Fora!), agradecimento (Grato!), alegria (Viva!), alívio (Ufa!), animação (Oba!), aversão (Xi!), concordância (Claro!) ou desacordo (Ora!), desejo (Tomara!), dor (Ai!), espanto (Ah!), pena (Oh!), saudação (Oi!), medo (Ui!), etc.

Locução Interjetiva

Duas ou mais palavras com valor de interjeição.

Ex.: Meu Deus!; Ora essa!; Puxa vida!; Que horror!; Ai de mim!; Nossa Senhora!; etc.

Perceba que as interjeições são palavras que pertencem também a outras classes, porém seu **significado** e **modo como são usadas** as agrupam nesta classe.



Agora é muito importante que você preste bastante atenção! Vamos entrar em duas classes de palavras que aparecem com grande frequência nos exercícios de vestibulares: as preposições e as conjunções, também chamadas muitas vezes de **conectivos**. Mais do que decorar os nomes de cada subdivisão, é importante que você entenda seu **valor semântico**, ou seja, aquilo que elas significam, que querem dizer. Isso será essencial para que você no futuro possa realizar a análise sintática com facilidade!



Isto será essencial para a análise sintática no futuro! Por enquanto, só não se esqueça das nomenclaturas da sintaxe:

Frase – Conjunto de palavras que forma sentido. (Ex.: Que coisa boa!)

Oração – Frase construída em torno de um verbo. (Ex.: Eu estudei hoje.)



Período – Conjunto de orações formando um todo com sentido. (Ex.: Eu corri na esteira e fiz abdominais na academia).

Preposição

A preposição é uma palavra invariável que **relaciona dois termos de uma oração**, de modo que o sentido do primeiro termo é explicado pelo segundo. Vamos ver alguns exemplos:

Vamos	a	São Paulo
Falamos	sobre	política
Quarto	de	Maria

As preposições podem ser **essenciais** ou **acidentais**:

Essenciais: sempre são preposições. Ex.: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Acidentais: às vezes são consideradas preposições. Ex.: afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, que, salvo, segundo, senão, visto.

Locuções prepositivas

Também chamadas de **preposições compostas**, são constituídas de duas ou mais palavras, sendo que a segunda costuma ser uma preposição simples **de**.

Ex.: apesar de, além de, depois de, diante de, em face de, graças a, perto de etc.

Conjunção

A conjunção é uma palavra invariável que **relaciona duas orações ou termos semelhantes**. As conjunções podem estabelecer relações de **coordenação** – quando as duas orações ligadas são independentes; ou **subordinação** – quando uma oração determina ou completa o sentido de outra.

Vamos ver alguns exemplos:

Coordenativas: O menino leu o livro **e** assistiu ao filme.

As orações têm seu sentido completo dentro de si:

O menino leu o livro. // O menino assistiu ao filme.

A conjunção, neste caso, apenas liga as duas orações que possuem cada uma **ação e quem a realizou**.

Subordinativas: Eu espero **que** ele chegue logo.

A primeira oração (Eu espero) precisa de um complemento para fazer sentido (Espero o quê?).



O que dá sentido a essa oração é a conjunção + segunda oração (Espero o quê? Que ele chegue logo.)

3 – CRASE E DEMAIS FORMAS COMBINADAS

Em se tratando de preposições, é possível que haja o aparecimento de formas combinadas. A forma que mais causa confusão entre os alunos é a crase, mas há outras possibilidades. Vamos observar como isso pode ocorrer no português.

3.1 – CRASE

A crase é um dos assuntos mais pedidos dos vestibulares, mas é também um dos que apresenta mais dificuldade aos alunos. Portanto, é preciso que você preste atenção aos seguintes pontos:

- Como a crase se forma;
- As condições básicas para que haja crase;
- Casos essenciais em que ocorre crase;
- Casos em que o emprego da crase é facultativo;
- Casos em que **não ocorre** crase e que costumam ser redigidos erroneamente.

Formação

A crase é um processo fonético, que pode resultar da **fusão da preposição “a” com:**

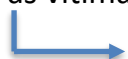
- **Artigo definido “a” ou “as”**

Ex.: Ele foi à escola.



Ele foi **a (preposição) + a (artigo)** escola.

Ex.: Ele fez uma homenagem às vítimas.



(...) fez uma homenagem **a (preposição) + as (artigo)** vítimas.

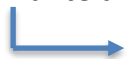
ATENÇÃO: Se a oração fosse “Ele fez uma homenagem a vítimas”, esse “a” **não** é craseado.

Se a crase ocorre da formação entre preposição e artigo, então é preciso que haja **concordância de número** entre o artigo e o substantivo que o segue.

Essa oração só teria crase se fosse escrita com “as” ao invés de “a”.

- **Pronome demonstrativo “a” ou “as”**

Ex.: A letra dela é semelhante a dele.



(...) é semelhante **a (preposição) + a (pronome demonstrativo, substituindo termo “a letra” implícito)** dele.

Se essa oração fosse escrita substituindo o pronome demonstrativo por seu correspondente, teríamos “A letra dela é semelhante à letra dele”. Portanto, ocorre crase.



Ex.: Suas notas foram superiores às da irmã.

↳ (...) foram superiores **as (preposição) + as (pronome demonstrativo, substituindo “as notas” implícito)** da irmã.

Se essa oração fosse escrita substituindo o pronome demonstrativo por seu correspondente, teríamos “Suas notas foram superiores às notas da irmã”. Portanto, ocorre crase.

ATENÇÃO: Pronomes relativos em “a” (que se referem a palavras femininas) ou em “que” com antecedente feminino também são craseados.

Ex.: A escola à qual tinha ingressado era incrível.

Em uma situação anterior à que estavam, tinham agido igual.

➤ Primeira letra do pronome demonstrativo “aquele” e variados

Ex.: Não sobreviveria àquela ofensa.

↳ Não sobreviveria **a (preposição) + aquela** ofensa.

Ex.: Não cederia àquele desmando.

↳ Não cederia **a (preposição) + aquele** desmando.

ATENÇÃO: Mesmo que a palavra “aquele” seja masculina, o que interfere aqui na existência da crase é a primeira letra do termo, ou seja, o “a” do início de “aquele”.

Condições básicas

Há, segundo Celso Cunha (2010), três condições básicas pra que a crase ocorra:

➤ Existência de palavra feminina;

A palavra posterior ao “a” craseado deve ser feminina. **Não se usa crase antes de palavra masculina.**

➤ A palavra regente exigir o uso da preposição “a”

Lembrando do item 1. desta aula, é preciso saber os casos básicos de palavras que são acompanhadas de preposição “a”, principalmente **os verbos**.

➤ A palavra regida admitir o artigo “a”

Como dito na aula 00 deste curso, somente substantivos ou palavras substantivadas são acompanhadas de artigo. Portanto, para que haja crase, é necessário que a palavra a seguir seja **um substantivo ou palavra com valor de substantivo**.





Algumas vezes, a palavra feminina pode estar implícita na frase. Ainda assim, deve-se usar a crase.

Ex.: As notas dela foram melhores em comparação às dele.

Há nessa oração, a palavra “notas” implícita após a crase. Ela não aparece expressa textualmente, pois no português tende-se a evitar as repetições desnecessárias, porém, ainda assim, deve-se usar crase nesse caso.

A oração sem redução seria “As notas dela foram melhores em comparação às **notas** dele”.

Emprego obrigatório

Segundo Celso Cunha (2010), há alguns casos que você precisa decorar em que o uso da crase é **obrigatório**.

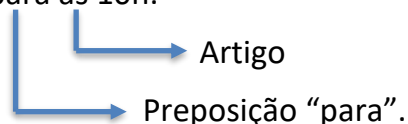
- Indicação e horas ou parte do dia.

Ex.: **À noite**, vou encontrar minhas amigas.

Minha aula começa **às sete horas**.

ATENÇÃO: Se na oração houver outra preposição, não será necessário o uso de crase.

Ex.: A consulta foi marcada para as 10h.



- Locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas.

Ex.: Eles se encontravam **às escondidas**. (locução adverbial de modo)

Ela estava **à espera** de um sinal. (locução prepositiva)

Ele ficava mais esperto **à medida** que crescia. (locução conjuntiva proporcional)

ATENÇÃO: a locução prepositiva “até a” pode receber crase quando seguida de palavra feminina. Esse uso, porém, é facultativo, ou seja, com ou sem crase a escrita estará correta.

Ex.: Até **à hora** do fechamento da matéria, não havia esclarecimentos.

OU

Até **a hora** do fechamento da matéria, não havia esclarecimentos.



- Expressões claras ou subentendidas denotando modo ou maneira.

Ex.: Pedimos um bife **à milanesa**. (à moda de Milão)

Fez um gol **à Pelé**. (à maneira de Pelé).

ATENÇÃO: Um caso muito comum nas provas é o **bife a cavalo**. Nesse caso, não há crase. Para saber disso, você precisaria saber da história da criação desse prato, pois aqui não há um “à moda” implícito. Lembre-se desse caso para não fazer confusão.



Há alguns casos particulares, bastante pontuais, em que se usa crase. Não são tão comuns nas provas de vestibular, mas caso queira se aprofundar no assunto, são esses os casos:

- com a palavra “**casa**” quando seguida de complemento.

Ex.: Fui **à casa** de Maria.

- com a palavra “**terra**” quando seguida de especificação.

Ex.: Os colonizadores chegaram **às terras** brasileiras.

- com a palavra “distância” quando seguida de determinação.

Ex.: Estava **à distância** de dez metros.

Emprego facultativo

Há, segundo Celso Cunha (2010), alguns casos que você precisa decorar em que o uso da crase é **facultativo**.

- Nomes próprios.

Ex.: Ele contou **a Maria** o que tinha acontecido.

OU

Ele contou **à Maria** o que tinha acontecido.

- Pronomes possessivos.

Ex.: Não vou mais **a sua** festa.

OU

Não vou mais **à sua** festa.

Casos em que não ocorre

Celso Cunha (2010) lista, por fim, os casos básicos em que a crase não ocorre:

- Palavra masculina.

Ex.: Ele anda **a cavalo**, ela anda **a pé**.

- Palavras femininas no plural sem artigo.

Ex.: As pessoas têm resistência **a mudanças**.

- Artigos indefinidos.

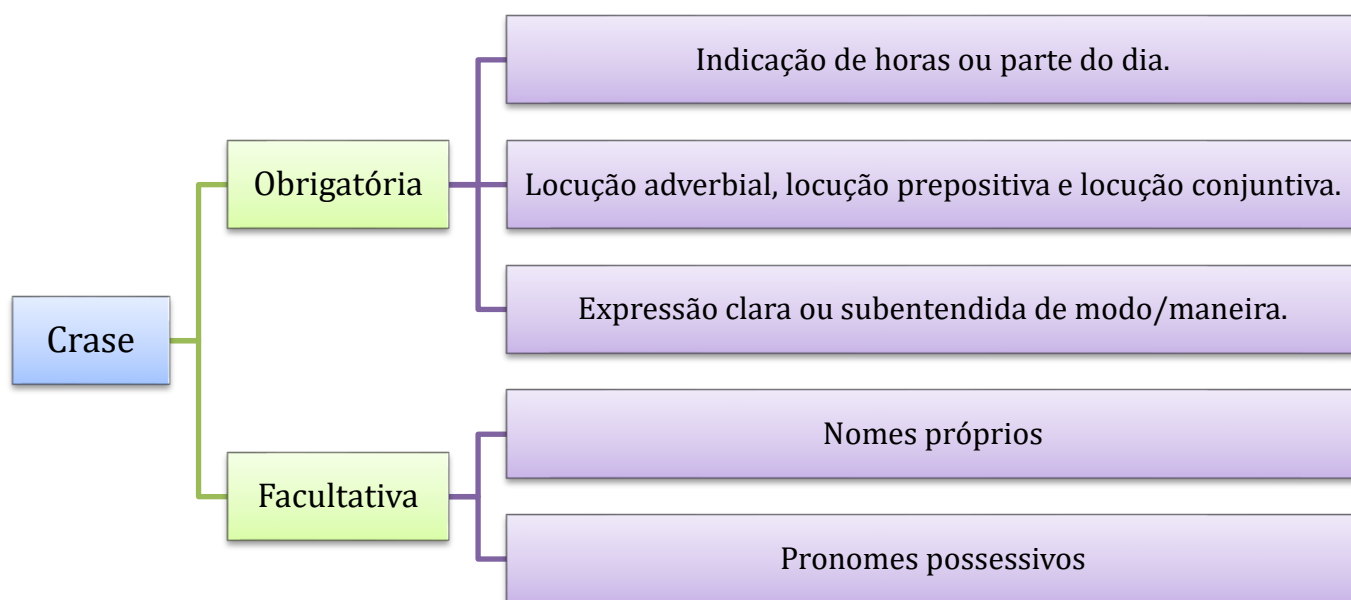
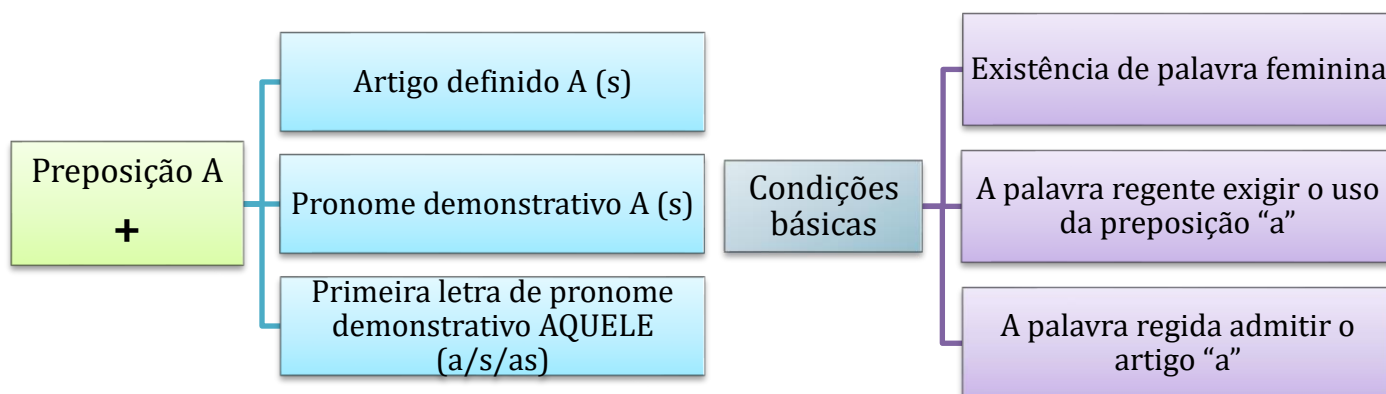
Ex.: Foi **a uma** entrevista em uma grande empresa.

- Verbos.

Ex.: Ela se pôs **a falar** sem parar.



- Pronomes pessoais e de tratamento.
Ex.: Ela dava bons conselhos **a si** mesma, mas nunca os dava **a você**.
- Pronomes demonstrativos “esta” e “essa”.
Ex.: Você só irá **a essa** festa?
- Palavras repetidas.
Ex.: Vamos conversar **cara a cara**.
- Pronomes indefinidos.
Ex.: Não cheguei **a nenhuma** conclusão.
- Pronomes relativos “quem” e “cujo”.
Ex.: Ela é a menina **a quem** me refiro, **a cuja** coragem devo minha vida.





Uma das maiores dúvidas dos alunos é o uso de crase para **nome de cidades**. Há uma dica simples para saber quando usar a crase nessas situações:

Troque o verbo por “voltar”. Se a construção for com “da”, usa-se crase.

Ex.: Vou **a Brasília** – Volto **de Brasília**.

Vou **à China** – Volto **da China**.

Quando houver um termo especificando ou caracterizando a cidade, utiliza-se crase também. A mesma dica funciona para comprovar essa afirmação.

Ex.: Viajei **à Roma Antiga**. – Voltei **da Roma Antiga**.

3.2 – FORMAS COMBINADAS

Além da crase, as preposições podem aparecer associadas a outras palavras de duas maneiras: **combinação** e **contração**.

Combinação

Quando há **a junção de dois termos sem que haja perda dos elementos fonéticos**, ou seja, sem que nenhum deles perca nenhuma parte do seu som, dizemos que ocorreu uma **combinação**.

Há poucos casos em que essencialmente diz-se que houve uma combinação **da preposição A + palavra de outra classe**. São eles:

Preposição A + artigo definido	Preposição A + pronome demonstrativo	+	Preposição A + advérbio onde
--------------------------------	--------------------------------------	---	------------------------------

- à (a + a)

- às (a + as)

- ao (a + o)

- a + os (aos)

- àquele (a + aquele)

- àquela (a + aquela)

- àqueles (a + aqueles)

- àquelas (a + aquelas)

- àquilo (a + aquilo)

aonde (a + onde)



Contração

Já na contração, **na junção dos dois termos há perda de algum dos elementos fonéticos**. A crase é uma formação por contração. A contração pode acontecer quando uma preposição com uma palavra de outra classe. É possível haver contração com as preposições **com, de, em, para e per**.

Quadro resumo de combinações mais frequentes

	+ advérbio	+ artigo definido	+ artigo indefinido	+ pronome demonstrativo	+ pronome indefinido	+ pronome pessoal
Preposição A	aonde	à às ao aos	o	–	–	–
Preposição COM	–	–	cum	–	–	comigo contigo consigo conosco convosco
Preposição DE	daqui daí dali daquém dalém donde	do da dos das	dum duns duma dumas	deste desta destes destas daquilo *o mesmo ocorre com esse (a) e aquele (a).	doutro doutra doutros doutras	dele dela deles delas
Preposição EM	–	no na nos nas	num nuns numa numas	neste nesta nestes nestas naquilo *o mesmo ocorre com esse (a) e aquele (a).	–	nele nela neles nelas
Preposição PARA	–	pro pra pros pras	prum pruns pruma prumas	–	–	–
Preposição PER	–	pelo pela pelos pelas	–	–	–	–



4 – COLOCAÇÃO PRONOMINAL

A colocação pronominal é um tema que costuma causar muitas dúvidas. Antes de entrar nos usos em si, é importante ter em mente que esse tópico se refere à colocação dos **pronomes átonos**, ou seja, aqueles que não são precedidos de preposição.

Por vezes, os pronomes oblíquos **o/a, os/as** podem sofrer uma modificação em função do som:

- Quando precedidos de verbo terminado em **r, s e z** se tornam **lo/la, los/las**:

amar + **o** = amá-**lo**

vimos + **as** = vimo-**las**

fez + **os** = fê-**los**

- Quando precedidos de som nasal, se tornam **no/na, nos/nas**:

põe + **os** = põe-**nos**

viram + **os** = viram-**no**

Em relação ao verbo, o pronome pode estar antes dele, depois dele ou até mesmo no meio dele. Cada um desses casos possui um nome:

Próclise

- O pronome átono proclítico é o que está antes do verbo.
- Ex.: Eu lhe contei uma história.

Ênclise

- O pronome átono enclítico é o que está depois do verbo.
- Ex.: Contei-lhe uma história.

Mesóclise

- O pronome átono mesoclítico está no meio do verbo, ou seja o verbo é quebrado ao meio para encaixar um pronome.
- Ex.: Contar-lhe-ei uma história.

Vamos ver agora as principais situações em que se usam esses casos. Você verá que muitas dessas construções soam estranhas para nós, pois são pouco comuns na oralidade. Mesmo assim, é preciso aprendê-las, pois **a escrita não corresponde necessariamente à fala**.

4.1 – PRÓCLISE

O principal a se lembrar quanto à **próclise** é que algumas palavras atraem o pronome átono. Veja alguns casos mais comuns:



Palavra negativa

- Ex.: Não **o** amo.

Aqui é especialmente uma questão de som da palavra. Se o pronome não estivesse antes do verbo, o som seria muito desagradável (Não amo ele).

Outros exemplos:

- Nunca **a** vi.
- Ninguém **te** podia explicar.

Pronome relativo

- Ex.: Foi ele quem **me** disse.

Pronomes em geral são palavras com muita força. Eles tendem a atrair os pronomes átonos para perto de si.

Outros exemplos:

- Era ele que **te** mandava as mensagens.
- Não sei onde **me** esconder.

Pronome interrogativo

- Ex.: Quem **me** chama a essa hora?

Não se esqueça que pronomes interrogativos também aparecem em perguntas indiretas (Ela perguntou quem a chamaria.)

Mesmo em construções verbais com locução verbal, o pronome átono precede a construção.

- Outros exemplos:
- Por que **lhe** trouxeram aqui?
- Qual mal **me** poderia atingir?

Pronome indefinido

- Ex.: Alguém **lhe** contou isso.

Numerais com traço indefinido (como “ambos”) também se constroem com próclise.

Outros exemplos:

- Ambos **se** preocuparam com as notas.
- Tudo **se** resolveu.

Palavra Exclamativa

- Ex.: Que Deus **nos** abençoe.

- Palavras exclamativas são aquelas que expressam desejos.
- Orações exclamativas também se constroem com próclise.
- Outros exemplos:
- Bons ventos **o** trazem aqui!
- Espero que ele **lhe** diga a verdade.



Preposição em + gerúndio

- Ex.: Ele é o especialista **em se tratando** de física.
Os outros usos do gerúndio são construídos com ênclise (Atendendo-se as expectativas, serei promovido).
- Outros exemplos:
- Ela tem muita dificuldade em se tratando de português.
 - **Em se tratando** de trabalho, estou sempre disposto.

Advérbio

- Ex.: **Talvez me** chamem hoje para a entrevista.
Lembre-se que advérbios podem ser palavras que denotam circunstâncias de afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, tempo, entre outros.
- Outros exemplos:
- Hoje **lhe** pedirei em namoro.
 - Ali **se** come bem.

Conjunção de subordinação

- Ex.: Ele ficou feliz **quando lhe** contaram isso.
Esse ponto ficará mais claro a partir da aula 07, em que estudaremos análise sintática. Por ora, apenas se lembre que uma relação de subordinação é uma relação de **dependência**, ou seja, uma oração depende de outra para fazer sentido.
- Outros exemplos:
- Prefiro **que me** avise por e-mail.
 - Não sei **se te** contei a novidade.

4.2 – MESÓCLISE

A **mesóclise** só é utilizada para construções no **futuro do presente** ou **futuro do pretérito**, ambos do **indicativo**.

Futuro do presente

- Ex.: Amar-**te-ei** para sempre.
- O verbo “amar” na primeira pessoa do futuro do presente se conjuga “amarei”
- Se houver palavra neativa, mesmo no futuro do presente deve ser usada a próclise (Não te amarei para sempre)

Futuro do pretérito

- Ex.: Amar-**te-ia** para sempre.
- O verbo “amar” na primeira pessoa do futuro do pretérito se conjuga “amaria”



4.3 – ÊNCLISE

Na norma culta, convencionou-se que não é possível iniciar períodos com pronome átono. Portanto, **em construções no começo do período, usa-se a ênclise.**

Conjunção de coordenação

- Ex.: Chegou em casa e contou-**me** sobre seu dia.
Perceba que, assim como há palavras que atraem o pronome, outras repelem. Esse é o caso das conjunções de coordenação.
- Outros exemplos:
- Disse que me ajudaria, mas abandonou-**me**.
 - Ora ficava quieto, ora falava-**me** absurdos.

Gerúndio

- Ex.: Saiu esquecendo-se do livro.
O único caso em que o gerúndio não se constrói com ênclise é o citado no item 4.1: quando precedido de “em” (Em se tratando de português).
- Outros exemplos:
- Ele pediu desculpas ligando-me mais tarde.
 - Ele ia confundindo-me com as palavras.

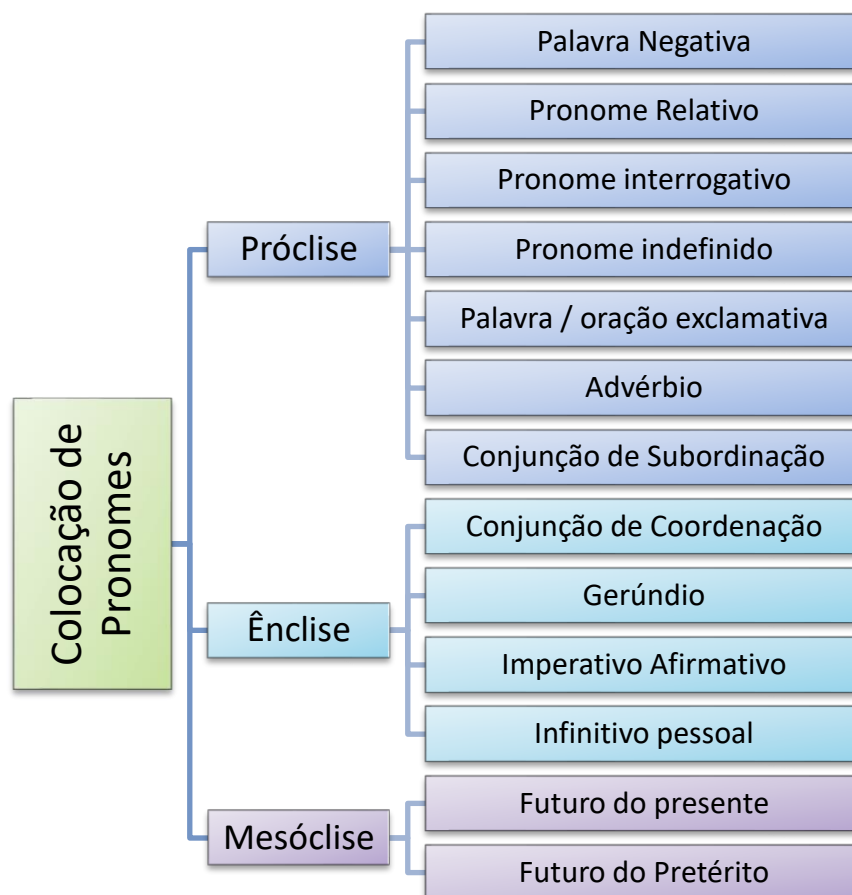
Imperativo afirmativo

- Ex.: João, sente-se imediatamente.
É importante lembrar que não se inicia períodos com pronome átono (Se sente imediatamente, João). Portanto, com ou sem algum termo anterior, a construção aqui é sempre enclítica.
Essa construção é específica do imperativo afirmativo, pois palavras negativas têm mais força e, portanto, atraem o pronome (João, não se sente).
- Outros exemplos:
- Ligue-me assim que puder.
 - Dê-me o livro.

Infinitivo pessoal

- Ex.: Ligaram-se ontem pela manhã.
Não se esqueça que o infinitivo pessoal é aquele que permite flexão do verbo.
- Outros exemplos:
- Prometeram amarem-se para sempre.
 - Ele vivia a interromper-me.





5 – EXERCÍCIOS

Os exercícios da lista se referem aos últimos 10 anos da prova do ITA e de outros vestibulares de cobrança semelhante.

Além disso, há três questões inéditas.

Vamos lá?

5.1 – LISTA DE EXERCÍCIOS

1. (ITA – 2017 adaptado) Considere o seguinte trecho do texto “Vídeos falsos confundem o público e a imprensa”, por Jasper Jackson, tradução de Jo Amado.

Alastair Reid, editor administrativo do site First Draft, **que** é uma coalizão de organizações **que** se especializam em checar informações e conta com o apoio do Google, disse **que** parte do problema é que qualquer pessoa **que** publique em plataformas como o Facebook tem a

capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas **que** são atingidas por uma organização jornalística.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/terrorismo/videos-falsos-confundem-o-publico-e-a-imprensa/>. (Publicado originalmente no jornal The Guardian em 23/3/2016. Acesso em 30/03/2016.)

A palavra **QUE** constitui pronome relativo, **EXCETO** em

- a) [...] que é uma coalizão [...]
- b) [...] que se especializam [...]
- c) [...] que parte do problema [...]
- d) [...] que publique em plataformas [...]
- e) [...] que são atingidas por uma organização jornalística. (ref. 24)

2. (ITA - 2015)

Assinale a opção em que o termo grifado é conjunção integrante.

- a) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam.
- b) As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil.
- c) Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem.
- d) [...] e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, [...]
- e) [...] o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, [...]

3. (ITA – 2015 adaptado)

Trecho do texto do psicanalista uruguaio Marcelo Viñar.

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de pioelho”, “subhomens” ou equivalentes com valor pejorativo.

(*) Pierre Clastres (1934-1977)

(VIÑAR, M. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: Caterina Koltai (org.) *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998)

Considere o trecho do texto e a tirinha abaixo.

Dik Browne





(<http://geografiaetal.blogspot.com.br/2012/04/hagar-o-horrivel.html>)

O par de pronomes que expressa a dicotomia dos conjuntos tribos/navegantes e tribos vizinhas/não navegantes é

- a) eu – você
- b) tu – vós
- c) ele – eles
- d) nós – eles
- e) vocês – eles

4. (ITA 2014 adaptada) Considere os enunciados abaixo, atentando para as palavras em **negrito**.

I. Não há hoje no mundo, em **qualquer** domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin.

II. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu **ridículo** de miséria.

III. [...] uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito **diversa** da que lhe dão fora de lá.

IV. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente **americano**, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, [...]

As palavras em **negrito** têm valor de adjetivo

- a) apenas em I, II e IV.
- b) apenas em I, III e IV.
- c) apenas em II e IV.
- d) apenas em III e IV.
- e) em todas.

5. (ITA – 2011)

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro **que** a cidade já tinha travado no meio

da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, **que** o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas **que** só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro **que** há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, *Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo*, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos **que** 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.

A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de



estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

(Amália Safatle. <http://terramagazine.terra.com.br>, 15/07/2009. Adaptado.)

A palavra **QUE** remete a um antecedente em:

- a) Claro **que** a cidade já tinha travado no meio da tarde.
- b) Sei, como motorista, **que** o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa.
- c) E mais uma porção de cenas **que** só andando a pé se pode observar.
- d) Claro **que** há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas.
- e) [...] o percentual sobe para nada menos **que** 50%.

6. (ITA – 2010)

O texto abaixo é a resposta a uma pergunta dirigida à escritora estadunidense Lenore Skenazy, quando entrevistada.

As coisas mudaram muito em termos do que achamos necessário fazer para manter nossos filhos seguros. Um exemplo: só 10% das crianças americanas vão para a escola sozinhas hoje em dia. Mesmo quando vão de ônibus, são levadas pelos pais até a porta do veículo. Chegou a ponto de colocarem à venda vagas que dão o direito de o pai parar o carro bem em frente à porta na hora de levar e buscar os filhos. Os pais se acham ótimos porque gastam algumas centenas de dólares na segurança das crianças. Mas o que você realmente fez pelo seu filho? Se o seu filho está numa cadeira de rodas, você vai querer estacionar em frente à porta. Essa é a vaga normalmente reservada aos portadores de deficiência. Então, você assegurou ao seu filho saudável a chance de ser tratado como um inválido. Isso é considerado um exemplo de paternidade hoje em dia. (IstoÉ, 22/07/2009)

A palavra “isso”, na última linha do texto, retoma o fato de

- a) as crianças americanas hoje não irem sozinhas à escola.
- b) pais americanos tratarem seus filhos saudáveis como inválidos.
- c) apenas 10% das crianças americanas irem sozinhas para a escola.
- d) venderem vagas para os pais pararem o carro em frente à porta da escola.
- e) os pais levarem e buscarem seus filhos até a porta do ônibus que os leva à escola.



7. (ITA – 2009 adaptado)

Observe o seguinte trecho do texto *Você tem medo de quê?*, de Maria Rita Kehl:

Vou direto ao ponto: estive em Paris. Está dito e precisava ser dito, logo verão por quê. Mas é difícil escapar à impressão de pedantismo ou de exibicionismo, ao dizer isto. Culpa da nossa velha francofilia (já um tanto fora de moda). Ou do complexo de eternos colonizados diante dos países de primeiro mundo. Alguns significantes, como Nova Iorque ou Paris, produzem fascínio instantâneo. Se eu disser “fui a Paris”, o interlocutor responderá sempre: “que luxo!”. E se contar: “fui assaltada em Paris”, ou “fui atropelada em Paris”, é bem provável que escute: “mas que luxo, ser assaltada (atropelada) em Paris!”

(Maria Rita Kehl. *Você tem medo de quê?* Em: <http://www.mariaritakehl.psc.br>, 2007, adaptado.)

“Mas é difícil escapar à impressão de pedantismo ou de exibicionismo, ao dizer isto.”

Com o pronome isto, a autora refere-se

- a) à sua estada em Paris.
- b) à necessidade de ter estado em Paris.
- c) ao pedantismo ou exibicionismo de dizer que esteve em Paris.
- d) à francofilia que justifica dizer que esteve em Paris.
- e) ao complexo brasileiro de eterno colonizado.

8. (ITA - 2008)

OBS: os números elevados ao longo do texto representam a numeração de linhas original da prova.

¹Com um pouco de exagero, costume dizer que todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso.

⁵E já que falamos em acaso, vale lembrar que, em francês, “acaso” escreve-se “hasard”, como no célebre verso de Mallarmé, que diz: “um lance de dados jamais eliminará o acaso”. Ele está, no fundo, referindo-se ao fazer do poema que, em que pese a mestria e lucidez do poeta, está ainda assim sujeito ao azar, ou seja, ao acaso.

Se no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se ¹⁰movendo num campo de amplas dimensões. Se é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se no entanto levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. Nada disso se



pode prever, daí resultando um alto índice de probabilidades, ou seja, de ocorrências ¹⁵imprevisíveis e que, portanto, escapam ao controle.

Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso, da imprevisibilidade. O time adversário desloca para a área do que sofre ²⁰o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol. Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante de aproveitar em seu favor o tiro de canto e fazer o gol. Nessa mesma medida, crescem, para a defesa, as dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que ²⁵seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador. Além do mais, a inquietação ali na área é grande, todos os jogadores se movimentam, uns tentando escapar à marcação, outros procurando marcá-los. Essa movimentação, multiplicada pelo número de jogadores que se movem, aumenta fantasticamente o grau de imprevisibilidade do que ocorrerá quando a bola for lançada. A que altura chegará ³⁰ali? Qual jogador estará, naquele instante, em posição propícia para cabeceá-la, seja para dentro do gol, seja para longe dele? Não existe treinamento tático, posição privilegiada, nada que torne previsível o desfecho do tiro de canto. A bola pode cair ao alcance deste ou daquele jogador e, dependendo da sorte, será gol ou não.

Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto ³⁵do acaso, mas a verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado “pé frio”. Como não pretendo passar por supersticioso, evito aderir abertamente a essa tese, mas quando vejo, durante uma partida, meu time perder “gols feitos”, nasce-me o desagradável temor de que aquele não é um bom dia ⁴⁰para nós e de que a derrota é certa.

Que eu, mero torcedor, pense assim, é compreensível, mas que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a lemanjá. É como se dissessem: ⁴⁵treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; tanto isso é certo que, hoje, entre os preparadores ⁵⁰das equipes há sempre um psicólogo. De fato, se o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si.

Exemplifico essa crença na psicologia com a história de um técnico inglês que, num jogo decisivo da Copa da Europa, teve um de seus jogadores machucado. Não era um craque, mas sua perda desfalaria o time. O médico da equipe, depois de atender o ⁵⁵jogador, disse ao técnico: “Ele já voltou a si do desmaio, mas não sabe quem é”. E o técnico: “Ótimo! Diga que ele é o Pelé e que volte para o campo imediatamente”.

(Ferreira Gullar. Jogos de azar. Em: Folha de S. Paulo, 24/06/2007.)



Qual dos advérbios terminados em **–mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

- a) fantasticamente (linha 28).
- b) abertamente (linha 38).
- c) independentemente (linhas 45 e 46).
- d) psicologicamente (linhas 50 e 51).
- e) imediatamente (linha 56).

9. (ITA - 1999)

Assinale a opção em que a palavra “onde” está corretamente empregada.

- a) Após o comício, houve briga onde estavam envolvidos estudantes de duas escolas diferentes.
- b) Os músicos criaram um clima de alegria onde o anfitrião foi responsabilizado.
- c) Foi importante a reforma do estatuto da escola, de onde resultou a melhoria do ensino.
- d) Viver em um país onde saúde e educação são valorizadas é direito de qualquer cidadão.
- e) Na reunião de segunda-feira, várias decisões foram tomadas pelos sócios da empresa, onde também foi decidido o reajuste das tarifas.

10. (ITA - 2008)

A frase abaixo foi dita por uma atriz como um lamento à insistência dos jornalistas em vasculharem sua vida pessoal:

“É muito triste você não poder sair para jantar com um amigo sem ser perseguida por ninguém.”

Da forma como a frase foi registrada, o sentido produzido é o contrário ao supostamente pretendido pela atriz. Assinale a opção em que há a identificação do(s) elemento(s) que causa(m) tal mal-entendido.

- a) adjetivo (triste)
- b) preposições (para; com; por)
- c) advérbio de intensidade (muito)
- d) locuções verbais (poder sair; ser perseguida)
- e) negação (não; sem; ninguém)



11. (IME – 2019 adaptada)

Esta oração se encontra em um texto sobre trabalho infantil:

“E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.”

O modo em que se encontra o verbo ser na forma verbal acima destacada, em contraste com o modo de todas as outras formas verbais do poema, evoca

- a) um indício de certeza, característico do modo indicativo das formas verbais em português, pois é certo que a vida do menino é amarga.
- b) algo irreal, hipotético, expresso pelo modo subjuntivo, que aponta, no entanto, para um desejo, uma possibilidade, no caso, de que o menino seja resgatado daquele cotidiano que lhe rouba a infância.
- c) um anúncio, um sinal pertinente ao modo indicativo, de que o menino será salvo de sua realidade tão dura.
- d) a certeza, expressa pelo modo verbal, de que a existência do menino é atravessada pelo trabalho infantil.
- e) o tom imperativo da voz poética está presente nessa oração, denotando ordem.

12. (IME – 2016 adaptada)

Assinale a opção em que a análise do termo destacado em negrito está de acordo com o uso no contexto dado.

- a) Ele é um indivíduo **que** põe a verdade à prova o tempo todo. (O vocábulo “que”, nesse caso, é uma conjunção integrante.)
- b) Tudo depende **da dose**. (A expressão "da dose" destacada na oração funciona como complemento nominal.)
- c) A publicidade se aproveita de temas que estão **na mídia** para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem. (A expressão grifada tem valor adverbial de circunstância.)
- d) Na **frialdade** inorgânica da terra! (O vocábulo destacado, numa análise morfológica, equivale a um adjetivo.)
- e) “Busco uma solução
tudo lindo, direitinho
eu quero ter tudo certinho
ter o mundo nesta mão.”

(Em “direitinho” e “certinho” a terminação -inho é um sufixo diminutivo que possui valor adverbial de intensidade.)



13. (IME – 2015 adaptada)

Observe o fragmento extraído do texto “Autossabotagem: o medo de ser feliz”:

“O problema é que, ao fazermos isso, não nos desenvolvemos plenamente. "Todo mundo busca a felicidade, a questão é ter coragem de viver, o que significa correr riscos e assumir responsabilidades", diz ele.”

Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/autossabotagem-o-medo-de-ser-feliz>> (Texto adaptado). Acesso em 29 Abr 2014

“ ... a questão é ter coragem de viver, ... ” / “ ... o que significa correr riscos e assumir responsabilidades ... , ”

Pode-se dizer que o segundo fragmento, em relação à ideia expressa no primeiro, representa uma:

- a) explicação.
- b) finalidade.
- c) causa.
- d) consequência.
- e) exceção.

14. (IME – 2013 adaptada)

Assinale a alternativa em que o elemento destacado pertence a uma classe gramatical **diferente** em relação aos demais:

- a) “Por que atribuir tal importância a um número?”.
- b) “Aplica-se a uma pessoa solitária”
- c) “O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo...”
- d) “A partir deles, outros grupos, como os astecas...”
- e) “Atribuir a cada número um sinal diferente”

15. (IME - 2012)

Em um dos trechos abaixo destacados, o vocábulo sublinhado pertence a distintas classes gramaticais. Assinale-o:

- a) O tempo é independente e completamente separado do espaço. Isso é no que a maioria das pessoas acredita; é o consenso. Entretanto, tivemos que mudar nossas ideias sobre espaço e tempo.”



- b) “Ponto semelhante foi abordado poucas semanas depois por um proeminente **matemático** francês, Henri Poincaré. Os argumentos de Einstein eram mais próximos da Física do que os de Poincaré, que abordava o problema como se este fosse **matemático**.”
- c) “mas agora a ideia abrangia também outras teorias e a velocidade da **luz**: todos os observadores encontram a mesma medida de velocidade da **luz**, não importa quão rápido estejam se movendo.”
- d) Por causa da equivalência entre energia e **massa**, a energia que um objeto tenha, devido a seu movimento, será acrescentada à sua **massa**.
- e) “**diferentes** observadores poderão atribuir **diferentes** velocidades à luz.

16. (IME - 2010)

Considere os seguintes trechos.

Trecho I - “Mas de Cardim deve-se tomar em consideração o seu caráter de padre visitador”.

Trecho II - “Robéria Gomes, de 36, viajou grávida”.

Trecho III - “O curso de mestrado é de dois anos”.

É correto afirmar que

- a) a preposição “de” é uma preposição essencial nas cinco ocasiões em que é utilizada.
- b) a conjunção “mas” é responsável por conferir a função de preposição acidental à preposição “de”, no trecho I.
- c) o autor do trecho I utilizou a ordem direta para apresentação do padre Fernão Cardim, o qual é citado logo ao início da oração.
- d) as palavras “mestrado” e “anos” no trecho III, trazem, à preposição “de”, a função de preposição acidental.
- e) em todas as ocasiões, a preposição “de” confere uma relação de causa às orações.

Texto 1

Imigração Japonesa no Brasil

¹A abolição da escravatura no Brasil em 1888 dá novo impulso à vinda de imigrantes europeus, cujo início se deu com os alemães em 1824. Em 1895 é assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Com 781 japoneses a bordo, o navio Kasato-maru aporta em Santos. De lá eles ⁵são transportados para a hospedaria dos imigrantes, em São Paulo.



Na cafeicultura, a imigração começa com péssimos resultados. Um ano após a chegada ao Brasil, dos 781 imigrantes, apenas 191 permaneceram nos locais de trabalho. A maioria estava em São Paulo, Santos e Argentina. Apesar disso, a imigração continua com a chegada da segunda leva de imigrantes em 1910.

¹⁰Em 1952 é assinado o Tratado de Paz entre o Brasil e o Japão. Nova leva de imigrantes chega ao Brasil para trabalhar nas fazendas administradas pelos japoneses. Grupo de jovens que imigra através da Cooperativa de Cotia recebe o nome de Cotia Seinen. O primeiro grupo chega em 1955.

O crescimento industrial no Japão e o período que foi chamado de “milagre ¹⁵econômico brasileiro” dão origem a grandes investimentos japoneses no Brasil. Os nisseis acabam sendo uma ponte entre os novos japoneses e os brasileiros.

As famílias agrícolas estabelecidas no Brasil passaram a procurar novas oportunidades e buscavam novos espaços para seus filhos. O grande esforço familiar para o estudo de seus filhos faz com que grande número de nisseis ocupe vagas nas ²⁰melhores universidades do país.

Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos. Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que os planos econômicos fracassavam. Parte da ²⁵família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava o Brasil como “dekassegui”,

enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios. Isso ocasionou problemas sociais, tanto por parte daqueles que não se adaptaram à nova realidade, como daqueles que foram abandonados pelos seus entes e até perderam contato.

³⁰Com o passar dos anos, surgiram muitas empresas especializadas em agenciar os “dekasseguis”, como também firmas comerciais no Japão que visaram especificamente o público brasileiro. Em algumas cidades japonesas formaram-se verdadeiras colônias de brasileiros.

Disponível em www.culturajaponesa.com.br (texto adaptado).

Acesso em: 29 ago 2008.

Texto 2

Rio: uma cidade plural já em 1808

As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia.

SANDRA MOREYRA

Jornal O Globo- 28/11/2007

(adaptado)



¹Uma cidade que era um grande porto, com gente de todas as colônias e feitorias portuguesas da África e da Ásia. O Rio era uma cidade quase oriental em 1808. As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. À mesa, os homens usavam a mesma faca que traziam presa à cintura, para se defender de um ⁵inimigo, para descascar frutas ou partir a carne. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia. Corriam também dejetos nas ruas e valas. Negros escravos ou libertos eram dois terços da população e se vestiam ainda de acordo com sua nação de origem. Não só pelo tipo físico bem diferente, como pelas roupas, era possível saber quem vinha do Congo, de Angola ou do Mali; quem era ¹⁰muçulmano, quem vinha da nobreza africana.

Nesta cidade, que já era plural, mas que não tinha infra-estrutura, onde havia assaltos e comércio ilegal nas ruas, chegou um aviso em janeiro de 1808. A corte estava em pleno mar, escapara de Napoleão e estava a caminho do Brasil.

O vice-rei começou a fazer os preparativos e saiu desalojando os maiores ¹⁵comerciantes locais de suas casas, para cedê-las aos novos moradores. Eram pintadas nas portas das casas requisitadas para a Corte as iniciais “PR”, de Príncipe Regente, que viraram “prédio roubado” ou “ponha-se na rua”. Era o jeito que herdamos do sangue lusitano de rir de nossas próprias mazelas.

Quando as naus com a família real chegaram por aqui, em março de 1808, já ²⁰havam passado pela Bahia e permanecido por um mês em Salvador.

Aqui a festa foi imensa e o relato mais divertido e detalhado é o do Padre Luis Gonçalves dos Santos, o Padre Perereca. O padre que vivia no Brasil era um admirador incondicional da monarquia, dos ritos da corte, da etiqueta. Quando descobre que a Corte está chegando, fica assanhadíssimo porque vai ver de perto ²⁵“Sua Alteza Real D. João Nosso Senhor”, como chamava o regente.

É ele quem conta que a chegada dos Bragança por aqui foi acompanhada de luzes, fogos de artifício, badalar de sinos, aplausos e cânticos. Perereca diz que parecia que o sol não havia se posto, tamanha a quantidade de tochas e velas que iluminavam as casas, o largo do Paço e as ruas do centro.

³⁰O Rio tinha 46 ruas naquela época. D João se dirigiu à Sé – provisoriamente instalada na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, porque a Igreja do Carmo, a Sé oficial, estava em obras. Houve uma determinação de que os homens pretos e também os mestiços não deveriam comparecer à cerimônia, na Igreja deles, porque o Príncipe poderia ficar assustado com a quantidade de negros na cidade. Eles se ³⁵esconderam numa esquina e quando o cortejo chegou à Igreja, entraram batucando e cantando e todos se misturaram. Assim era o Rio. Assim era o Brasil.

17. (IME- 2009)

Marque a assertiva INCORRETA.

a) Custas só se usa na linguagem jurídica para designar despesas feitas no processo. Portanto, não devemos dizer: “As filhas vivem às custas do pai”.



- b) A princípio significa inicialmente, antes de mais nada: Ex.: A princípio, precisamos resolver as questões dos jogos olímpicos. Em princípio quer dizer em tese. Ex.: Em princípio, todos concordaram com minha proposta.
- c) Megafone; porta-voz, amplificador do som nos aparelhos radiofônicos são sinônimos de auto-falante, e não alto-falante.
- d) Alface é substantivo feminino. Então dizemos “a alface”.
- e) A palavra “ancião” tem três plurais: anciãos, anciães, anciões

18. (IME - 2008)

Mancha de dendê não sai

Bota pra quarar, Dona Marília
Bota pra quarar...
Saem o sol e a lua
Sai mamãe e sai papai
⁵Bloco vai pra rua
Mancha de Dendê não sai
Como é, maninha,
Como é, cai ou não cai?
Você sai da linha
¹⁰Mancha de Dendê não sai.

Há uma pobre mancha
Você olha e ninguém vê
Coitadinha, é uma mancha
De azeite-de-dendê.
¹⁵Coração na sua
Deixe aí enquanto viver
Mancha continua,
Só não desmancha prazer.

Moraes Moreira - 1984

“Há uma pobre mancha
Você olha e ninguém vê
Coitadinha, é uma mancha
De azeite-de-dendê.”

Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir desprezo, crítica, pouco caso, dentre outras características.



Indique a opção em que o substantivo flexionado quanto ao seu grau transmite-nos a mesma ideia da palavra “Coitadinha”, encontrada no texto de Moraes Moreira.

- a) Aquela **mulherzinha** irresponsável apareceu aqui ontem.
- b) Separe aquele **banquinho** para eu comprar.
- c) O meu **coraçãozinho** bate descompassadamente quando lhe vê.
- d) Pule o **portãozinho** da minha casa, mas cuidado com o cachorro.
- e) Que **doutorzinho** incompetente!

19. (UNICAMP - 2018)

O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores "praticamente intraduzíveis". Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês.

Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:

- i. Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- ii. Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos (i) e (ii) estão presentes:

- a) Quinculinculim (GR, No Urubuquaquá, no Pinhém) e tattarrattat (JJ, Ulisses).
- b) Transtrazer (GR, Grande sertão: veredas) e monoideal (JJ, Ulisses).
- c) Rtststr (JJ, Ulisses) e quinculinculim (GR, No Urubuquaquá, no Pinhém).
- d) Tattarrattat (JJ, Ulisses) e inesquecer-se (GR, Ave, Palavra).

20. (ESPM - 2018)

Assinale o item em que o par de prefixos grifados não possua equivalência semântica:

- a) **hiper**mercado / **super**mercado
- b) **anfí**bio / **ambig**uidade
- c) **endo**venoso / **intra**muscular
- d) **diá**logo / **bien**al
- e) **perif**eria / **circun**ferência



21. (ESPM - 2016)

Levando-se em conta os prefixos latinos e gregos grifados, assinale o par que não possui correspondência de significados:

- a) abuso / anencéfalo
- b) ambidestro / anfíbio
- c) bienal / dilema
- d) circumpolar / periferia
- e) contraveneno / antidoto

22. (UNESP - 2017)

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(Violência urbana, 2003.)

As palavras do texto cujos prefixos traduzem ideia de negação são

- a) “desvirtua” e “transforma”.
- b) “evite” e “isolamento”.



- c) “desfigura” e “ameaça”.
- d) “desconhecido” e “insegurança”.
- e) “subverte” e “dilacera”.

23. (IFBA - 2017)

Leia o fragmento, abaixo, extraído do poema “Quilombos”, do poeta baiano José Carlos Limeira.

“Te vejo meu povo feliz
Teu sonho querendo sentir
Se Palmares ainda vivesse
Pra Palmares teria que ir

Você já pensou se Domingos Jorge Velho e sua malta
Não houvessem tido tanta sorte?

Já pensou naquele país da Serra da Barriga?
Sei que talvez não,
É difícil imaginar uma terra (...)
Onde não fosse possível ver
Criancinhas
De dez, oito, seis anos
Voltando às quatro da manhã
Depois de vender chicletes e o último resquício de dignidade
Nos cruzamentos da cidade.
(...)
Por menos que conte a história
Não te esqueço meu povo
Se Palmares não vive mais
Faremos Palmares de novo.”

LIMEIRA, José Carlos; SEMOG, Éle.

Atabaques. Rio de Janeiro: Ed. dos Autores, 1983.

Do ponto de vista morfológico, na estrutura da palavra “Criancinhas” (l. 13) apresenta-se:

- a) uma desinência verbal que indica quantidade.
- b) um prefixo que tem sentido de medida.
- c) um sufixo de valor diminutivo.
- d) um sufixo que forma substantivo por meio do verbo.



e) uma composição por aglutinação.

24. (IFPE - 2017)

BRINQUEDO VIRA FEBRE ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

(1) RIO - A cena se repete na porta das escolas da cidade: um grupo de adolescentes conversa, nas mãos, algo colorido girando chama a atenção. É o hand spinner, brinquedo que é a nova moda entre os jovens. Segundo a coluna "Gente Boa", a febre pela peça, que possui um círculo no centro e, ao colocar os dedos nas pontas, com um movimento rápido, é possível girá-lo cada vez mais rápido, foi tão grande que o Colégio Santo Inácio teria proibido o brinquedo na escola.

(2) Segundo o Colégio Santo Inácio, tudo não passou de um mal-entendido: nenhum brinquedo é proibido na escola. O que aconteceu foi uma recomendação para que os alunos não usassem durante a aula, já que os estudantes estavam se distraíndo. Perto dali, no Leblon, o Colégio Santo Agostinho passa pelo mesmo problema.

(3) O hand spinner foi criado no início da década de 90 com o objetivo de auxiliar no relaxamento e aumentar a concentração. Ele era recomendado para crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e autismo. Mas a internet foi tomada por vídeos e fotos do brinquedo e viralizou. O professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista em psiquiatria infantil, Jairo Werner, destaca não conhecer estudos que comprovem a eficácia do hand spinner. “Isso virou uma grande moda, tenho pacientes que estão usando, não por recomendação minha, mas por conta própria. É um aparelho que fornece um alívio momentâneo da ansiedade, porque algumas pessoas, em especial as crianças, têm muita energia para extravasar. Tudo pode ser usado para o bem ou para o mal, limite é sempre necessário” — explica Werner.

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/hand-spinner-de-febre-entre-os-adolescentes-pesadelo-dos-colegios-21447838>>. Acesso: 18 jun. 2017 (adaptado).

A palavra “mal-entendido”, na primeira linha do segundo parágrafo do texto, foi escrita com hífen em respeito ao que prescreve o último acordo ortográfico assinado pelos países de língua portuguesa. Entretanto, o referido acordo nem sempre determina a utilização do hífen quando “mal” funciona como prefixo. Sabendo disso, assinale a única alternativa em que se faz obrigatório o uso do hífen com o supracitado prefixo.

- a) Mal-criado.
- b) Mal-amada.
- c) Mal-sucedido.
- d) Mal-cheiroso.
- e) Mal-visto.



25. (URGS - 2017)

Muita gente que ouve a expressão “políticas linguísticas” pela primeira vez pensa em algo solene, formal, oficial, em leis e portarias, em autoridades oficiais, e pode ficar se perguntando o que seriam leis sobre línguas. De fato, há leis sobre línguas, mas as políticas linguísticas também podem ser menos formais – e nem passar por leis propriamente ditas. Em quase todos os casos, figuram no cotidiano, pois envolvem não só a gestão da linguagem, mas também as práticas de linguagem, e as crenças e valores que circulam a respeito delas. Tome, por exemplo, a situação do cidadão das classes confortáveis brasileiras, que quer que a escola ensine a norma culta da língua portuguesa. Ele folga em saber que se vai exigir isso dos candidatos às vagas para o ensino superior, mas nem sempre observa ou exige o mesmo padrão culto, por exemplo, na ata de condomínio, que ele aprova como está, **desapegada** da ortografia e das regras de concordância verbais e nominais preconizadas pela gramática normativa. Ele acha ótimo que a escola dos filhos faça baterias de exercícios para fixar as normas ortográficas, mas pouco se incomoda com os problemas de redação nos enunciados das tarefas dirigidas às crianças ou nos textos de comunicação da escola dirigidos à comunidade escolar. Essas são políticas linguísticas. Afinal, onde há gente, há grupos de pessoas que falam línguas. Em cada um desses grupos, há decisões, tácitas ou explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou não, e por aí afora. Vamos chamar essas escolhas – assim como as discussões que levam até elas e as ações que delas resultam – de políticas. Esses grupos, pequenos ou grandes, de pessoas tratam com outros grupos, que por sua vez usam línguas e têm as suas políticas internas. Vivendo imersos em linguagem e tendo constantemente que lidar com outros indivíduos e outros grupos mediante o uso da linguagem, não surpreende que os recursos de linguagem lá pelas tantas se tornem, eles próprios, tema de política e objetos de políticas explícitas. Como esses recursos podem ou devem se apresentar? Que funções eles podem ou devem ter? Quem pode ou deve ter acesso a eles? Muito do que fazemos, portanto, diz respeito às políticas linguísticas.

Adaptado de: GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Do que tratam as políticas linguísticas. *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016.

Assinale a alternativa em que o prefixo des atribui à forma a que se agrega o mesmo sentido que atribui à **desapegada**.

- a) Desdenhada.
- b) Designada.
- c) Desabrochada.
- d) Destrambelhada.
- e) Desabitada.

26. (UNIPÊ - 2017)

A atuação do profissional médico caracteriza, historicamente, ação que desafia o conhecimento. É muito fácil perceber isso em apanhado retrospectivo da história da Medicina. Da observação empírica ao conhecimento científico institucionalizado da Medicina, esses desafios se



estendem além da esfera do conhecimento, para abranger, cada vez mais, também outros no campo institucional e, por fim, nas sociedades democráticas contemporâneas, aqueles exigidos pelo Estado de Direito. Se, um dia, já se fez cirurgia sem anestésicos, sem técnicas de esterilização e assepsia, no mundo de hoje, isso seria **inconcebível**, inaceitável e juridicamente passível de punição.

O ato médico caracteriza-se principalmente pela natureza intervencionista, ou seja, há a “intenção de intervir”, cientificamente justificada em um diagnóstico que embasa o “porquê intervir” e da mesma forma estabelece o “como intervir”. Intervir do ponto de vista médico significa alterar de um estado inicial indesejável para um estado final previsivelmente almejado. E esse estado final almejado é estabelecido não pelo médico ou pelo paciente, mas pelo consenso científico. E toda a ação que se distanciar desses contornos necessitará de justificção adicional. Atente-se que, aqui, até mesmo a atitude passiva, ou seja, a não intervenção, é pautada pelo mesmo raciocínio: a atitude programada. Esses são pressupostos que constituem a essência para a elaboração do texto legal que regulamenta não apenas o ato médico, mas também o exercício profissional do médico em seu amplo contexto. Assim, o ato médico sempre será ação **desafiando** conhecimento!

MURR, Leidimar Pereira. Ato médico: ação que desafia o conhecimento. Disponível em: <<http://ojaleco.blogspot.com.br/2009/11/ato-medico-acaoque-desafia-o.html>>. Acesso em: 4 abr. 2017.
Adaptado.

Os prefixos formadores das palavras derivadas “inconcebível” e “desafiando” traduzem, respectivamente, as ideias de

- a) introdução e transição.
- b) negação e ação contrária.
- c) intensidade e destruição.
- d) oposição e relação mútua.
- e) retrocesso e simultaneidade.

27. (UERJ - 2016)

O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.



Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahiper corporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker Adaptado de Folha de São Paulo, 29/07/2014.

O termo megahiper corporações é formado por um processo que enfatiza o tamanho e o poder das corporações econômicas atuais.

Essa ênfase é produzida pelo emprego de:

- a) sufixos de caráter aumentativo
- b) prefixos com sentido semelhante
- c) radicais de combinação obrigatória
- d) desinências de significado específico

28. (UFAM - 2015)

Há muito tempo, o homem sonha construir máquinas que possam livrá-lo das tarefas entediantes do dia a dia. Durante todo o século XX, os escritores de ficção científica estavam preocupados em criar histórias sobre robôs que servissem seus mestres em tudo, sem reclamar e sem se cansar. Essa era uma visão tentadora, mas, do ponto de vista tecnológico, até o final do século XX continuava a ser um sonho remoto, simplesmente porque não houve meios de construir essas máquinas. Que atrasados ainda somos! E, apesar da rejeição de muitos, essa perspectiva tem um quê de atraente.



Alguns pesquisadores dos Estados Unidos, da Europa e do Japão continuam a perseguir, incansavelmente, o sonho de criar servidores robóticos multifuncionais, que possam fazer o trabalho pesado. A busca tem sido difícil e os progressos, lentos. No entanto, a partir do ano 2000, vêm sendo desenvolvidos robôs experimentais com considerável sofisticação. Muitos cientistas já se convenceram de que essa tecnologia não é apenas possível, mas inevitável. Hoje em dia, a “era dos robôs” continua situada em algum lugar do futuro, mas está cada dia mais próxima. Sendo assim, daqui a alguns anos, não pegaremos numa vassoura que não seja através de um robô.

Como dizia o escritor Oscar Wilde, a civilização precisa de escravos. Que os escravos sejam, então, as máquinas. Por isso, esses robôs têm que ser construídos, para que tenhamos um novo amanhecer em nossa vida, com um enlace entre homens e máquinas.

(BALCH, Tucher. “As Maravilhosas máquinas inteligentes do futuro”. Texto adaptado.)

Assinale a alternativa em que aquilo que se afirma de palavra tirada do texto NÃO está correto:

- a) “incansavelmente” possui os seguintes elementos mórficos: in (prefixo); cans (radical); ável (sufixo nominal); mente (sufixo adverbial)
- b) “estavam” possui os seguintes elementos mórficos: est (radical); a (vogal temática); va (desinência modo-temporal); m (desinência número-pessoal)
- c) “trabalho” é palavra formada por derivação imprópria.
- d) “amanhecer” é vocábulo formado por derivação parassintética.
- e) “enlace” é vocábulo formado por derivação regressiva.

29. (UFSCar - 2013)

O termo infeliz é formado pela combinação do prefixo de negação in- à base feliz. A alternativa em que a palavra também é formada com prefixo de negação é:

- a) desleal.
- b) ingerir.
- c) transportar.
- d) eufônico.
- e) decair.

30. (UFPR - 2014)

Brazuca é um nome triste, mas não por ser com ‘z’

A escolha do nome da bola que a Adidas lançará para a Copa do Mundo de 2014 foi feita por votação na internet a partir de uma 2 lista tríplice. Com 77.8% das preferências, Brazuca



derrotou Bossa Nova e Carnavalesca. Como quase todos os analistas da língua que estão de plantão esta semana, lamentei a notícia (considerava Bossa Nova o menos ruim de três nomes fracos), mas por motivos diversos. Não é a grafia com z que me incomoda, mas a palavra em si. Convém explicar. Sim, é verdade que todos os dicionários e o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), da Academia Brasileira de Letras, registram apenas brasuca, com s. Afinal, a palavra não é derivada de Brasil, brasileiro? Eis toda a base para a argumentação dos que implicaram com a grafia. Uma argumentação que deixa de levar em conta dois fatos singelos.

A forma brazuca é muito mais usada na vida real. Uma pesquisa no Google traz mais de milhões de páginas, contra pouco mais de um décimo disso para brasuca. Pode-se defender a tese de que a preferência popular não é suficiente para alterar a grafia de um termo vernáculo, mas atenção: estamos falando de palavra informal, brincalhona, recente. Brazuca é uma gíria, e as gírias, como todas as criações populares, têm a mania de escolher como serão conhecidas.

Ainda que não fosse assim, o batismo da bola da Copa do Mundo é um ato de branding, ramo do marketing que tem regras próprias, entre elas a de privilegiar formas gráficas fortes – e nesse mundo a letra z goza de grande prestígio. Naturalmente, a correspondência com a grafia “Brazil” numa marca destinada a ter circulação internacional também deve ter sido considerada um trunfo por seus criadores.

Se não é a grafia, o que sobra para criticar em Brazuca, a bola? Sua carga cultural idiota, só isso. O fato de que, brazuca ou brasuca, a palavra é um sinônimo tolo de brasileiro. O termo nasceu em Portugal com tom depreciativo (o sufixo “-uca”, o mesmo de mixuruca, deixa isso claro), numa espécie de contraponto ao nosso “portuga”. Até aí, tudo bem: a própria palavra brasileiro tinha uso pejora antes de ser assumida em espírito de desafio pelos nativos desta terra.

O problema é que, ao ser adotado por aqui, brazuca/brasuca virou um clichê patriótico viscoso, folclórico e carregado de autocomplacência, primo da malemolência, da ginga e da incrível musicalidade de muitos inzoneiros* que habita este gigante adormecido. É por isso que Brazuca é bola fora – e Brasuca não seria melhor.

(Sérgio Rodrigues, 04/09/2012, <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/curiosidades-etimologicas>>.)

*Inzoneiro: Adj. Bras. Pop. 1. Mexeriqueiro, intrigante, mentiroso. 2. Sonso, manhoso. (Dicionário Aurélio)

A partir do texto, considere as seguintes afirmativas:

1. As palavras mixuruca, muvuca e maluca confirmam a afirmação que o autor faz sobre o sufixo –uca.
2. O autor rechaça tanto brazuca quanto brasuca, por serem formas associadas a um patriotismo caricato.
3. Para o autor, o gigante adormecido tem qualidades que não podem ser comprometidas pela escolha de um nome com erro de grafia.



Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 2 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.

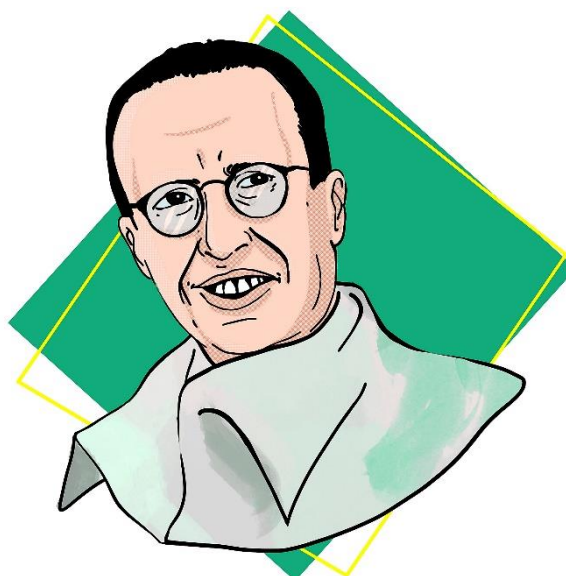
31. (FGV - 2013)

Satélite

Fim de tarde.
No céu plúmbeo
A Lua baça
Paira
Muito cosmograficamente
Satélite.

Desmetaforizada,
Desmitificada,
Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e dos enamorados,
Mas tão somente
Satélite.
Ah Lua deste fim de tarde,
Demissionária de atribuições românticas,
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,
gosto de ti, assim:
Coisa em si,
– Satélite.



Manuel Bandeira

No contexto do poema de Manuel Bandeira, sobre os termos “Desmetaforizada”, “Desmitificada” e “Despojada”, só NÃO é correto afirmar:

- a) configuram uma gradação descendente, do ponto de vista rítmico.
- b) desenvolvem uma ideia já presente no advérbio de modo, usado na primeira estrofe.



- c) contêm um prefixo que intensifica a noção contida no radical.
- d) podem ser entendidos como expressões que traduzem ideia de causa.
- e) opõem-se, quanto ao sentido, à expressão “disponibilidades sentimentais”.

32. (FGV - 2012)

Sua excelência

[O ministro] vinha absorvido e tangido por uma chusma de sentimentos atinentes a si mesmo que quase lhe falavam a um tempo na consciência: orgulho, força, valor, satisfação própria etc. etc.

Não havia um negativo, não havia nele uma dúvida; todo ele estava embriagado de certeza de seu valor intrínseco, das suas qualidades extraordinárias e excepcionais de condutor dos povos. A respeitosa atitude de todos e a deferência universal que o cercavam, reafirmadas tão eloquentemente naquele banquete, eram nada mais, nada menos que o sinal da convicção dos povos de ser ele o resumo do país, vendo nele o solucionador das suas dificuldades presentes e o agente eficaz do seu futuro e constante progresso.

Na sua ação repousavam as pequenas esperanças dos humildes e as desmarcadas ambições dos ricos.

Era tal o seu inebriamento que chegou a esquecer as coisas feias do seu ofício... Ele se julgava, e só o que lhe parecia grande entrava nesse julgamento.

As obscuras determinações das coisas, acertadamente, haviam-no erguido até ali, e mais alto levá-lo-iam, visto que, só ele, ele só e unicamente, seria capaz de fazer o país chegar ao destino que os antecedentes dele impunham.

(Lima Barreto. Os bruzundangas. Porto Alegre: L&PM, 1998, pp. 15-6)

A palavra que apresenta, em sua formação, um prefixo e um sufixo formador de adjetivo é:

- a) esperanças.
- b) sentimentos.
- c) unicamente.
- d) respeitosas.
- e) extraordinárias.

33. (UNIRG - 2012)

A construção do título do livro "Sagarana" foi inventada pelo próprio autor e provém da junção de a) 'saga' que quer dizer "em busca de", e 'rana' que significa uma "feição universalizante" do épico.



- b) 'saga' palavra lúdica que se origina dos rapsodos gregos, e 'rana' nas canções de gesta medievais.
- c) 'saga' origina-se do mito poético que situa a narrativa entre o real e o mágico, e 'rana' que alude ao ápice da existência.
- d) 'saga' radical de origem germânica que significa "criação verbal a serviço do épico", e rana, do sufixo da língua indígena tupi, que significa "à maneira de".

34. (UFRJ - 2005)

Em relação à palavra "bioética", é possível verificar, em seu processo de formação, a presença de

- a) prefixo (bio) + radical (ética).
- b) radical (bio) + radical (ética).
- c) radical (bio) + sufixo (-ético).
- d) prefixo (bio) + radical (ét-) + sufixo (-ica).
- e) radical (bioét) + sufixo (-ica).

35. (UNITAU - 2018)



Na frase “Marielle é executada à tiros”, apresentada na charge em questão, o acento indicativo de crase foi empregado de modo inadequado, porque não se usa acento indicativo de crase

- a) antes de palavras no plural.
- b) antes de palavras masculinas.
- c) antes de palavras indefinidas.
- d) depois de verbos no presente do indicativo.

e) depois de palavras que não são regidas por preposição.

36. (IFRS - 2018)



“‘Às vezes’ sempre tem crase!”, afirma uma das personagens. Na realidade, a expressão somente recebe acento grave quando se trata de uma locução adverbial de tempo, indicando algo que acontece em apenas algumas ocasiões, sendo sinônimo, por exemplo, de “de vez em quando”, “ocasionalmente”. Em qual das alternativas a crase na expressão “às vezes” foi utilizada INCORRETAMENTE?

- a) Todas às vezes que vou para a praia, bebo uma água de coco.
- b) Você fala muito alto às vezes, mesmo quando não deve.
- c) Às vezes, preciso checar a caixa de spam do meu e-mail.
- d) Às vezes, é preciso parar e respirar fundo.
- e) Sinto-me solitária às vezes, mas gosto de morar sozinha.

37. (UNESP – 2018)

“[...] os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida [...]” (3º parágrafo)

Os termos destacados constituem, respectivamente,

- a) um artigo, uma preposição e uma preposição.
- b) uma preposição, um artigo e uma preposição.
- c) um artigo, um pronome e um pronome.
- d) um pronome, uma preposição e um artigo.
- e) uma preposição, um artigo e um pronome.

38. (UFRGS – 2018)



- Temos sorte de viver no Brasil - dizia meu pai, depois da guerra. - Na Europa mataram milhões de judeus.

Contava as experiências que os médicos nazistas faziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças, faziam-nas encolher - à maneira, li depois, dos índios Jivaros. Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos transplantes: uniam a metade superior de um homem _____ metade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros de um bode. Felizmente morriam essas atroz quimeras; expiravam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como aberrações. (_____ essa altura eu tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu pai pensava que a descrição das maldades nazistas me deixava comovido.)

Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho - o melhor vinho do armazém -, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do rádio, acompanhando _____ notícias da guerra no Oriente Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado: em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito esquisitos, Guedali.

Tipos esquisitos - aquilo me dava ideias. Por que não ir para Israel? Num país de gente tão estranha - e, ainda por cima, em guerra - eu certamente não chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo pelas ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta e oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, varado de balas. Aquela, sim, era a morte que eu almejava, morte heroica, esplêndida justificativa para uma vida miserável, de monstro encurralado. E, caso não morresse, poderia viver depois num kibutz. Eu, que conhecia tão bem a vida numa fazenda, teria muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os membros do kibutz terminariam por me aceitar; numa nova sociedade há lugar para todos, mesmo os de patas de cavalo.

Adaptado de: SCLIAR, M. O centauro no jardim. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001. UFRGS - CV 2018 - LP 09.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 6, 8 e 11, nessa ordem.

- a) à - À - às
- b) a - A - às
- c) à - A - às
- d) a - À - as
- e) à - A - as

39. (UFJF - 2017)

Além disso, parte dos participantes teve sua atividade cerebral medida através de ressonância magnética funcional.

Assim, foi observado que a resposta da amígdala, uma região do cérebro na qual se processam as reações emocionais, era mais intensa na primeira vez que os participantes enganavam seus companheiros.



Os termos em destaque, nos trechos acima, estabelecem relação de:

- a) complementação e de conclusão de raciocínio.
- b) continuidade e de inversão de raciocínio.
- c) conclusão e de adição de informação.
- d) complementação e de causalidade.
- e) causalidade e de conclusão.

40. (FGV - 2017)

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

– Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva. Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.

– Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de ter feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao pronto-socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda regalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Na prisão, Almira comportou-se com delicadeza e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate.

(Clarice Lispector. *A Legião Estrangeira*, 1964. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a preposição “de” forma uma expressão indicativa de causa.

- a) ... por que Alice viera atrasada e **de** olhos vermelhos.
- b) ... e insistia com os olhos cheios **de** lágrimas.
- c) – Sua gorda! disse Alice de repente, branca **de** raiva.



- d) ... pegou o garfo e enfiou-o no pescoço **de** Alice.
- e) Mas a gorda, mesmo depois **de** ter feito o gesto...

41. (FGV - 2017)

Pobres precisam de banheiro, não de celular, diz BM

¹ As famílias mais pobres do mundo estão mais propensas a terem telefones ² celulares do que banheiros ou água limpa.

³ Segundo relatório do Banco Mundial, intitulado "Dividendos Digitais", o número ⁴ de usuários de internet mais que triplicou em uma década, para 3,2 bilhões no final ⁵ do ano passado, representando mais de 40 por cento da população mundial.

⁶ Embora a expansão da internet e de outras tecnologias digitais tenha facilitado ⁷ a comunicação e promovido um senso de comunidade global, ela não ofereceu o ⁸ enorme aumento de produtividade que muitos esperavam, disse o Banco. Ela também ⁹ não melhorou as oportunidades para as pessoas mais pobres do mundo, nem ajudou ¹⁰ a propagar a "governança responsável".

¹¹ "Os benefícios totais da transformação da informação e comunicação somente se ¹² tornarão realidade se os países continuarem a melhorar seu clima de negócios, ¹³ investirem na educação e saúde de sua população e proverem a boa governança. Nos ¹⁴ países em que esses fundamentos são fracos, as tecnologias digitais não impulsionam ¹⁵ a produtividade nem reduzem a desigualdade", afirmou o relatório.

¹⁶ A visão do Banco Mundial contrasta com o otimismo dos empreendedores da ¹⁷ tecnologia, como Mark Zuckerberg e Bill Gates, que têm argumentado que o acesso ¹⁸ universal à internet é essencial para eliminar a pobreza extrema.

¹⁹ "Quando as pessoas têm acesso às ferramentas e ao conhecimento da internet, ²⁰ elas têm acesso a oportunidades que tornam a vida melhor para todos nós", diz uma ²¹ declaração do ano passado assinada, entre outros, por Zuckerberg e Gates.

²² Segundo o Banco Mundial, conectar o mundo "é essencial, mas está longe de ser ²³ suficiente" para eliminar a pobreza.

<http://exame.abril.com.br/14/01/2016>. Adaptado.

No trecho "é essencial, mas está longe de ser suficiente" (Refs. 22-23), a palavra sublinhada poderia ser corretamente substituída por

- a) porquanto.
- b) posto que.
- c) conquanto.
- d) não obstante.
- e) por conseguinte.



42. (IBMEC - 2016)

Nada além

O amor bate à porta

e tudo é festa.

O amor bate a porta

e nada resta.

Cineas Santos. Disponível em:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/cin01.html>. Acesso em 03/08/2015.

Em relação ao jogo de ideias presente no par “bate à porta” e “bate a porta” nos versos acima, é correto afirmar que o emprego do acento grave está associado a

- a) fatores sintáticos que determinam diferentes significados.
- b) opções estilísticas que conferem sonoridade e ritmo ao poema.
- c) elementos morfológicos que acarretam mudança de classe gramatical.
- d) mecanismos fonológicos que promovem a tonicidade das palavras.
- e) recursos argumentativos que explicitam efeitos de subjetividade nos textos.

43. (FGV - 2016)

Na virada do século, chegou o euro. Na prática, era como se o marco alemão mudasse de nome para “euro” e passasse a suprir o resto do continente (a maior parte dele, pelo menos). Parecia bom para todas as partes. Os governos dos países menos pibados passariam a receber os impostos dos seus cidadãos em euros, uma moeda garantida pelo PIB alemão. Impostos servem para pagar as dívidas dos governos – além da lagosta dos governantes. E agora os contribuintes pagavam em euros. Resultado: o mercado passou a emprestar para os países bagunçados da Europa a juros baixíssimos.

Aí choveu euro na periferia da Europa. A economia ali cresceu como nunca, mas os governantes gastaram como sempre. Além disso, não perceberam que seus países eram pequenos demais para suportar o peso de uma moeda forte.

Com os PIBs dos europobres caindo, a arrecadação deles diminuiu. Menos arrecadação, mais problemas para pagar dívidas. Aí tome mais dinheiro emprestado para ir rolando a pendura, só que agora a juros menos fofos.

(Superinteressante, agosto de 2015. Adaptado)

De acordo com a norma-padrão, assinale a alternativa correta quanto à regência e ao uso ou não do acento indicativo da crase.



- a) Coube à moeda alemã à garantia que o euro chegasse com segurança a países europeus.
- b) Coube a moeda alemã à garantia de que o euro chegasse com segurança nos países europeus.
- c) Coube à moeda alemã a garantia de que o euro chegasse com segurança aos países europeus.
- d) Coube à moeda alemã a garantia que o euro chegasse com segurança à países europeus.
- e) Coube a moeda alemã a garantia que o euro chegasse com segurança nos países europeus.

44. (UNESP - 2016)

Art. 6º São direitos básicos do consumidor:

I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;

II – a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;

III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre os riscos que apresentem;

IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;

V – a modificação das cláusulas contratuais que estabeleçam prestações desproporcionais ou sua revisão em razão de fatos supervenientes que as tornem excessivamente onerosas;

VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos;

VII – o acesso aos órgãos judiciários e administrativos com vistas à prevenção ou reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos ou difusos, assegurada a proteção Jurídica, administrativa e técnica aos necessitados;

VIII – a facilitação da defesa de seus direitos, inclusive com a inversão do ônus da prova, a seu favor, no processo civil, quando, a critério do juiz, for verossímil a alegação ou quando for ele hipossuficiente, segundo as regras ordinárias de experiências;

IX – a adequada e eficaz prestação dos serviços públicos em geral.

Art. 7º Os direitos previstos neste código não excluem outros decorrentes de tratados ou convenções internacionais de que o Brasil seja signatário, da legislação interna ordinária, de regulamentos expedidos pelas autoridades administrativas competentes, bem como dos que derivem dos princípios gerais do direito, analogia, costumes e equidade.

Parágrafo único. Tendo mais de um autor a ofensa, todos responderão solidariamente pela reparação dos danos previstos nas normas de consumo.

(www.planalto.gov.br)



Nos trechos “asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade das contratações” (inciso II) e “assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados” (inciso VII), a análise das concordâncias dos adjetivos em destaque permite afirmar que

- a) apenas a primeira ocorrência está correta.
- b) apenas a segunda ocorrência está correta.
- c) as duas ocorrências são aceitáveis, mas não corretas.
- d) as duas ocorrências estão incorretas.
- e) as duas ocorrências estão corretas

45. (IBMEC - 2015)

Segundo a Wikipedia, o direito autoral do autorretrato, o "selfie" para usar o termo da moda, que uma macaca fez com o equipamento que furtara de um fotógrafo pertence ao animal. A discussão surgiu porque David Slater, o dono da máquina, pediu aos editores da enciclopédia que retirassem a imagem por violação de direitos autorais. Como piada, a argumentação da Wikipedia funciona bem. Receio, porém, que essa linha de raciocínio deixe uma fronteira jurídica desguarnecida. Se os direitos pertencem à macaca, por que instrumento legal ela os cedeu à enciclopédia?

Não são, entretanto, questões jurídicas que eu gostaria de discutir aqui, mas sim a noção de autoria. Obviamente ela transcende à propriedade do equipamento. Se a foto não tivesse sido tirada por uma macaca, mas por um outro fotógrafo com a máquina de Slater, ninguém hesitaria em creditar a imagem a esse outro profissional. Só que não é tão simples. Imaginemos agora que Slater está andando pela trilha e, sem querer, deixa seu aparelho cair no chão, de modo que o disparador é acionado. Como que por milagre, a máquina registra uma imagem maravilhosa, que ganha inúmeros prêmios. Neste caso, atribuir a foto a Slater não viola nossa intuição de autoria, ainda que o episódio possa ser descrito como uma obra do acaso e não o resultado de uma ação voluntária.

A questão prática aqui é saber se o "selfie" da macaca está mais para o caso do fotógrafo que usa a máquina de outro profissional ou para o golpe de sorte. E é aqui que as coisas vão ficando complicadas. Fazê-lo implica não só decidir quanta consciência devemos atribuir à sítima mas também até que ponto estamos dispostos a admitir que nossas vidas são determinadas pelo aleatório. E humanos, por razões evolutivas, temos verdadeira alergia ao fortuito. Não foi por outro motivo que inventamos tantos panteões de deuses.

(Hélio Schwartzman, Folha de S. Paulo, 09/08/2014)

Na passagem “Obviamente ela transcende à propriedade do equipamento”, o emprego do sinal indicador de crase é

- a) inadequado, pois o termo regido é um substantivo que rejeita a presença de um artigo definido.



- b) obrigatório, pois contém a junção da preposição “a” com o artigo “a” antecedendo um adjetivo feminino.
- c) equivocado, pois o termo regente é transitivo direto, dispensando a preposição obrigatória.
- d) facultativo, pois o verbo “transcender” pode ser regido ou não de preposição, sem que haja alterações semânticas.
- e) necessário, pois tem a função de sinalizar uma pronúncia alongada que ressalta a fusão da preposição com o artigo.

46. (UNESP - 2015)

Assinale a alternativa em que o trecho, extraído de *Ciência Hoje* (<http://cienciahoje.uol.com.br>), está correto quanto à concordância, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.

- a) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil serão beneficiados, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas têm papel essencial na conservação e na purificação das águas.
- b) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil será beneficiada, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas tem papel essencial na conservação e na purificação das águas.
- c) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil serão beneficiadas, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas têm papel essencial na conservação e na purificação das águas.
- d) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil será beneficiado, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas tem papel essencial na conservação e na purificação das águas.

47. (FGV - 2015)

Texto para as questões 30 e 31:

Pela tarde apareceu o Capitão Vitorino. Vinha numa burra velha, de chapéu de palha muito alvo, com a fita verde- -amarela na lapela do paletó. O mestre José Amaro estava sentado na tenda, sem trabalhar. E quando viu o compadre alegrou-se. Agora as visitas de Vitorino faziam-lhe bem. Desde aquele dia em que vira o compadre sair com a filha para o Recife, fazendo tudo com tão boa vontade, que Vitorino não lhe era mais o homem infeliz, o pobre bobo, o sem-vergonha, o vagabundo que tanto lhe desagradava. Vitorino apeou-se para falar do ataque ao Pilar. Não era amigo de Quinca Napoleão, achava que aquele bicho vivia de roubar o povo, mas não aprovava o que o capitão fizera com a D. Inês.

– Meu compadre, uma mulher como a D. Inês é para ser respeitada.

– E o capitão desrespeitou a velha, compadre?



– Eu não estava lá. Mas me disseram que botou o rifle em cima dela, para fazer medo, para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre. Ela não deu. José Medeiros, que é homem, borrou-se todo quando lhe entrou um cangaceiro no estabelecimento. Me disseram que o safado chorava como bezerro desmamado. Este cachorro anda agora com o fogo da força da polícia fazendo o diabo com o povo.

(José Lins do Rego, *Fogo Morto*)

Sem que haja alteração de sentido do texto, assinale a alternativa correta quanto à regência verbal.

- a) Quando o Capitão Vitorino chegou na sua casa, Mestre José Amaro foi cumprimentar-lhe.
- b) Mestre José Amaro lembrou-se que tinha desfeito a imagem de Vitorino como um bobo.
- c) A forma solícita como Vitorino tratou a filha vinha de encontro à imagem dele como pobre bobo.
- d) Vitorino não se simpatizava de Quinca Napoleão e lhe desaprovava o que fizera a D. Inês.
- e) Vitorino não era amigo de Quinca Napoleão, pensava de que ele vivia de roubar o povo.

48. (FGV – 2015)

A colocação do pronome está adequada à situação comunicativa da narrativa literária, mas está em desacordo com a norma-padrão, na seguinte passagem do texto:

- a) E quando viu o compadre alegrou-se.
- b) Agora as visitas de Vitorino faziam-lhe bem.
- c) ... Vitorino não lhe era mais o homem infeliz, o pobre bobo...
- d) ... para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre.
- e) Me disseram que o safado chorava como bezerro desmamado.



5.2 - GABARITO

1. C	17. C	33. D
2. D	18. C	34. B
3. D	19. D	35. A
4. B	20. D	36. A
5. C	21. A	37. B
6. B	22. D	38. E
7. A	23. C	39. A
8. C	24. B	40. C
9. D	25. B	41. D
10. E	26. B	42. A
11. B	27. B	43. C
12. E	28. C	44. E
13. A	29. A	45. D
14. C	30. B	46. C
15. B	31. C	47. C
16. A	32. E	48. E



5.3 – EXERCÍCIOS COMENTADOS

1. (ITA – 2017 adaptado)

Considere o seguinte trecho do texto “Vídeos falsos confundem o público e a imprensa”, por Jasper Jackson, tradução de Jo Amado.

Alastair Reid, editor administrativo do site First Draft, **que** é uma coalizão de organizações **que** se especializam em checar informações e conta com o apoio do Google, disse **que** parte do problema é que qualquer pessoa **que** publique em plataformas como o Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas **que** são atingidas por uma organização jornalística.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/terrorismo/videos-falsos-confundem-o-publico-e-a-imprensa/>. (Publicado originalmente no jornal The Guardian em 23/3/2016. Acesso em 30/03/2016.)

A palavra **QUE** constitui pronome relativo, **EXCETO** em

- a) [...] que é uma coalizão [...]
- b) [...] que se especializam [...]
- c) [...] que parte do problema [...]
- d) [...] que publique em plataformas [...]
- e) [...] que são atingidas por uma organização jornalística. (ref. 24)

Comentário: Em C, “que” é conjunção subordinativa, pois não pode ser substituída por nenhum termo que a antecede, mas sim liga duas orações, criando uma relação de subordinação entre elas: uma complementa a informação da outra. **Veremos melhor esse assunto nas próximas aulas, quando abordarmos as funções do que e as relações de subordinação.**

DICA: procure substituir o “que” por um termo anterior e veja se algum faz sentido na frase. Se sim, então é um pronome relativo.

Na alternativa A, “que” se refere a “First Draft”.

Na alternativa B, “que” se refere a “organizações”.

Na alternativa D, “que” se refere a “qualquer pessoa”.

Na alternativa E, “que” se refere a “aquelas”.

Gabarito: C

2. (ITA - 2015)

Assinale a opção em que o termo grifado é conjunção integrante.

- a) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam.
- b) As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil.



- c) Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem.
- d) [...] e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, [...]
- e) [...] o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, [...]

Comentários: Apenas em D “que” é conjunção integrante (ou subordinativa).

Dica: Se você puder substituir o “que” por um “isso” e a oração fizer sentido, é uma conjunção integrante (ex.: “e quem nos garante isso”) **Veremos mais profundamente esse assunto nas próximas aulas.**

Na alternativa A, “que” faz parte de uma locução adverbial de tempo, “logo que”;

Nas alternativas B, C e E, “que” é pronome relativo, referindo-se respectivamente a “pessoas”, “fotografias” e “clandestino”.

Gabarito: D

3. (ITA – 2015 adaptado)

Trecho do texto do psicanalista uruguaio Marcelo Viñar.

Nos estudos de antropologia política de Pierre Clastres*, estudioso francês que conviveu durante muito tempo com tribos indígenas sul-americanas, menciona-se o fato de frequentemente os membros dessas tribos designarem a si mesmos com um vocábulo que em sua língua era sinônimo de “os homens” e reservavam para seus congêneres de tribos vizinhas termos como “ovos de pioelho”, “subhomens” ou equivalentes com valor pejorativo.

(*) Pierre Clastres (1934-1977)

(VIÑAR, M. O reconhecimento do próximo. Notas para pensar o ódio ao estrangeiro. In: Caterina Koltai (org.) *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta; Fapesp, 1998)

Considere o trecho do texto e a tirinha abaixo.

Dik Browne



(<http://geografiaetal.blogspot.com.br/2012/04/hagar-o-horrivel.html>)

O par de pronomes que expressa a dicotomia dos conjuntos tribos/navegantes e tribos vizinhas/não navegantes é

- a) eu – você
- b) tu – vós
- c) ele – eles
- d) nós – eles
- e) vocês – eles

Comentários: A relação aqui é de significados, pois ambos os trechos tratam de como o “nós” trata o “outros” e como ele dá nome àqueles que são diferentes de si. Portanto, a que melhor se enquadra é alternativa D.

A é incorreta, pois Hagar e o filho são do mesmo grupo, não podendo haver um “você”;

B e E são incorretas, pois, novamente, não há referência à segunda pessoa;

C é incorreta, pois a questão não é plural/singular, mas sim a diferença de pessoa.

Gabarito: D

4. (ITA 2014 adaptada) Considere os enunciados abaixo, atentando para as palavras em **negrito**.

I. Não há hoje no mundo, em **qualquer** domínio de atividade artística, um artista cuja arte contenha maior universalidade que a de Charles Chaplin.

II. Agrada por não sei quê de elegante que há no seu **ridículo** de miséria.

III. [...] uma fita de Carlito nos Estados Unidos tem uma significação muito **diversa** da que lhe dão fora de lá.

IV. A interpretação cabe perfeitamente dentro do tipo e mais: o americano bem verdadeiramente **americano**, o que veda a entrada do seu território a doentes e estropiados, [...]

As palavras em **negrito** têm valor de adjetivo

- a) apenas em I, II e IV.
- b) apenas em I, III e IV.
- c) apenas em II e IV.
- d) apenas em III e IV.
- e) em todas.

Comentários:

No item I., “qualquer” adjetiva “domínio”.

No item II. o adjetivo se encontra substantivado, ou seja, com valor de substantivo. Neste item, “ridículo” precedido por um pronome possessivo “sua”, o que confirma seu valor substantivo.

No item III. “diversa” adjetiva “significação”.



No item IV. “americano” é adjetivo de “americano”. **CUIDADO:** apesar de serem grafados na mesma forma, o substantivo “americano” (precedido do artigo “o”) é diferente do adjetivo “americano” (pátrio, ou seja, refere-se ao local de nascimento).

Gabarito: B

5. (ITA – 2011)

Véspera de um dos muitos feriados em 2009 e a insana tarefa de mover-se de um bairro a outro em São Paulo para uma reunião de trabalho. Claro **que** a cidade já tinha travado no meio da tarde. De táxi, pagaria uma fortuna para ficar parada e chegar atrasada, pois até as vias alternativas que os taxistas conhecem estavam entupidas. De ônibus, nem o corredor funcionaria, tomado pela fila dos mastodônticos veículos. Uma dádiva: eu não estava de carro. Com as pernas livres dos pedais do automóvel e um sapato baixo, nada como viver a liberdade de andar a pé. Carro já foi sinônimo de liberdade, mas não contava com o congestionamento.

Liberdade de verdade é trafegar entre os carros, e mesmo sem apostar corrida, observar que o automóvel na rua anda à mesma velocidade média que você na calçada. É quase como flunar. Sei, como motorista, **que** o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa. Enquanto você, no carro, gasta dinheiro para encher o ar de poluentes, esquentar o planeta e chegar atrasado às reuniões. E ainda há quem pegue congestionamento para andar de esteira na academia de ginástica.

Do Itaim ao Jardim Paulista, meia horinha de caminhada. Deu para ver que a Avenida Nove de Julho está cheia de mudas crescidas de pau-brasil. E mais uma porção de cenas **que** só andando a pé se pode observar. Até chegar ao compromisso pontualmente.

Claro **que** há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas. Já foram inclusive objeto de teses acadêmicas. Uma delas, *Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo*, de Maria Ermelina Brosch Malatesta, sustenta que, apesar de ser a saída mais utilizada pela população nas atuais condições de esgotamento dos sistemas de mobilidade, o modo de transporte a pé é tratado de forma inadequada pelos responsáveis por administrar e planejar o município.

As maiores reclamações de quem usa o mais simples e barato meio de locomoção são os "obstáculos" que aparecem pelo caminho: bancas de camelôs, bancas de jornal, lixeira, postes. Além das calçadas estreitas, com buracos, degraus, desníveis. E o estacionamento de veículos nas calçadas, mais a entrada e a saída em guias rebaixadas, aponta o estudo.

Sem falar nas estatísticas: atropelamentos correspondem a 14% dos acidentes de trânsito. Se o acidente envolve vítimas fatais, o percentual sobe para nada menos **que** 50% – o que atesta a falta de investimento público no transporte a pé.

Na Região Metropolitana de São Paulo, as viagens a pé, com extensão mínima de 500 metros, correspondem a 34% do total de viagens. Percentual parecido com o de Londres, de 33%. Somadas aos 32% das viagens realizadas por transporte coletivo, que são iniciadas e concluídas por uma viagem a pé, perfazem o total de 66% das viagens! Um número bem desproporcional ao espaço destinado aos pedestres e ao investimento público destinado a eles, especialmente em uma cidade como São Paulo, onde o transporte individual motorizado tem a primazia.



A locomoção a pé acontece tanto nos locais de maior densidade – caso da área central, com registro de dois milhões de viagens a pé por dia –, como nas regiões mais distantes, onde são maiores as deficiências de transporte motorizado e o perfil de renda é menor. A maior parte das pessoas que andam a pé tem poder aquisitivo mais baixo. Elas buscam alternativas para enfrentar a condução cara, desconfortável ou lotada, o ponto de ônibus ou estação distantes, a demora para a condução passar e a viagem demorada.

Já em bairros nobres, como Moema, Itaim e Jardins, por exemplo, é fácil ver carrões que saem das garagens para ir de uma esquina a outra e disputar improváveis vagas de estacionamento. A ideia é manter-se fechado em shoppings, boutiques, clubes, academias de ginástica, escolas, escritórios, porque o ambiente lá fora – o nosso meio ambiente urbano – dizem que é muito perigoso.

(Amália Safatle. <http://terramagazine.terra.com.br>, 15/07/2009. Adaptado.)

A palavra **QUE** remete a um antecedente em:

- a) Claro **que** a cidade já tinha travado no meio da tarde.
- b) Sei, como motorista, **que** o mais irritante do trânsito é quando o pedestre naturalmente te ultrapassa.
- c) E mais uma porção de cenas **que** só andando a pé se pode observar.
- d) Claro **que** há pedras no meio do caminho dos pedestres, e muitas.
- e) [...] o percentual sobe para nada menos **que** 50%.

Comentários: C é a única alternativa em que “que” é pronome relativo, remetendo a “uma porção de cena”.

Em A, “que” é conjunção e liga as orações “[É] Claro” e “a cidade já (...)”.

Em B, “que” é conjunção e liga as orações “Sei” e “o mais irritante do trânsito é (...)”.

Em D, “que” é conjunção e liga as orações “[É] Claro” e “há pedras no meio (...)”.

Em E, “que” é parte integrante de “nada menos que”, expressão que intensifica a expressão do número.

Gabarito: C

6. (ITA – 2010)

O texto abaixo é a resposta a uma pergunta dirigida à escritora estadunidense Lenore Skenazy, quando entrevistada.

As coisas mudaram muito em termos do que achamos necessário fazer para manter nossos filhos seguros. Um exemplo: só 10% das crianças americanas vão para a escola sozinhas hoje em dia. Mesmo quando vão de ônibus, são levadas pelos pais até a porta do veículo. Chegou a ponto de colocarem à venda vagas que dão o direito de o pai parar o carro bem em frente à porta na hora de levar e buscar os filhos. Os pais se acham ótimos porque gastam algumas centenas de dólares na segurança das crianças. Mas o que você realmente fez pelo seu filho?



Se o seu filho está numa cadeira de rodas, você vai querer estacionar em frente à porta. Essa é a vaga normalmente reservada aos portadores de deficiência. Então, você assegurou ao seu filho saudável a chance de ser tratado como um inválido. Isso é considerado um exemplo de paternidade hoje em dia. (IstoÉ, 22/07/2009)

A palavra “isso”, na última linha do texto, retoma o fato de

- a) as crianças americanas hoje não irem sozinhas à escola.
- b) pais americanos tratarem seus filhos saudáveis como inválidos.
- c) apenas 10% das crianças americanas irem sozinhas para a escola.
- d) venderem vagas para os pais pararem o carro em frente à porta da escola.
- e) os pais levarem e buscarem seus filhos até a porta do ônibus que os leva à escola.

Comentários: Lembre-se que o pronome **substitui** um nome. Portanto, você deve ser capaz de identificar qual nome ele está substituindo. Não serão informações que não estavam no texto. O pronome demonstrativo “isso” indica algo que já foi dito anteriormente, portanto, chances são que ele substitua uma informação que o preceda brevemente.

A única alternativa que pode substituir o pronome sem prejuízo de conteúdo é a alternativa B (Assegurar ao seu filho saudável a chance de ser tratado como um inválido é considerado um exemplo de paternidade hoje em dia.).

A alternativa B é também a definição mais geral, quase um resumo das informações contidas ali; portanto, a que melhor contempla a ideia de conclusão do texto presente no último período. O “isso” se refere a toda uma prática, não a apenas uma ação (como apresentado nas outras alternativas).

Gabarito: B

7. (ITA – 2009 adaptado) Observe o seguinte trecho do texto *Você tem medo de quê?*, de Maria Rita Kehl:

Vou direto ao ponto: estive em Paris. Está dito e precisava ser dito, logo verão por quê. Mas é difícil escapar à impressão de pedantismo ou de exibicionismo, ao dizer isto. Culpa da nossa velha francofilia (já um tanto fora de moda). Ou do complexo de eternos colonizados diante dos países de primeiro mundo. Alguns significantes, como Nova Iorque ou Paris, produzem fascínio instantâneo. Se eu disser “fui a Paris”, o interlocutor responderá sempre: “que luxo!”. E se contar: “fui assaltada em Paris”, ou “fui atropelada em Paris”, é bem provável que escute: “mas que luxo, ser assaltada (atropelada) em Paris!”

(Maria Rita Kehl. *Você tem medo de quê?* Em: <http://www.mariaritakehl.psc.br>, 2007, adaptado.)

“Mas é difícil escapar à impressão de pedantismo ou de exibicionismo, ao dizer isto.”

Com o pronome isto, a autora refere-se



- a) à sua estada em Paris.
- b) à necessidade de ter estado em Paris.
- c) ao pedantismo ou exibicionismo de dizer que esteve em Paris.
- d) à francofilia que justifica dizer que esteve em Paris.
- e) ao complexo brasileiro de eterno colonizado.

Comentários: “Isto” é um pronome demonstrativo que remete à informação da estada em Paris. Pode ser substituído facilmente por “Mas é difícil escapar à impressão de pedantismo ou exibicionismo, ao dizer que estive em Paris”.

Nenhuma das outras alternativas oferece esta possibilidade.

ATENÇÃO: Nem sempre os pronomes demonstrativos estarão utilizados corretamente nos textos de apoio. Principalmente em textos com algum grau de oralidade, como crônicas e editoriais, pode-se encontrar usos errôneos de “isto” e “isso”. Lembre-se das regras de uso para a **redação**, mas na análise gramatical, confie no **contexto** e na **lógica**.

Gabarito: A

8. (ITA - 2008)

OBS: os números elevados ao longo do texto representam a numeração de linhas original da prova.

¹Com um pouco de exagero, costumo dizer que todo jogo é de azar. Falo assim referindo-me ao futebol que, ao contrário da roleta ou da loteria, implica tática e estratégia, sem falar no principal, que é o talento e a habilidade dos jogadores. Apesar disso, não consegue eliminar o azar, isto é, o acaso.

⁵E já que falamos em acaso, vale lembrar que, em francês, “acaso” escreve-se “hasard”, como no célebre verso de Mallarmé, que diz: “um lance de dados jamais eliminará o acaso”. Ele está, no fundo, referindo-se ao fazer do poema que, em que pese a mestria e lucidez do poeta, está ainda assim sujeito ao azar, ou seja, ao acaso.

Se no poema é assim, imagina numa partida de futebol, que envolve 22 jogadores se ¹⁰movendo num campo de amplas dimensões. Se é verdade que eles jogam conforme esquemas de marcação e ataque, seguindo a orientação do técnico, deve-se no entanto levar em conta que cada jogador tem sua percepção da jogada e decide deslocar-se nesta ou naquela direção, ou manter-se parado, certo de que a bola chegará a seus pés. Nada disso se pode prever, daí resultando um alto índice de probabilidades, ou seja, de ocorrências ¹⁵imprevisíveis e que, portanto, escapam ao controle.

Tomemos, como exemplo, um lance que quase sempre implica perigo de gol: o tiro de canto. Não é à toa que, quando se cria essa situação, os jogadores da defesa se afligem em anular as possibilidades que têm os adversários de fazerem o gol. Sentem-se ao sabor do acaso, da imprevisibilidade. O time adversário desloca para a área do que sofre ²⁰o tiro de canto seus jogadores mais altos e, por isso mesmo, treinados para cabecear para dentro do gol. Isto reduz o grau de imprevisibilidade por aumentar as possibilidades do time atacante de aproveitar em seu favor o tiro de canto e fazer o gol. Nessa mesma medida, crescem, para a defesa, as



dificuldades de evitar o pior. Mas nada disso consegue eliminar o acaso, uma vez que o batedor do escanteio, por mais exímio que ²⁵seja, não pode com precisão absoluta lançar a bola na cabeça de determinado jogador. Além do mais, a inquietação ali na área é grande, todos os jogadores se movimentam, uns tentando escapar à marcação, outros procurando marcá-los. Essa movimentação, multiplicada pelo número de jogadores que se movem, aumenta fantasticamente o grau de imprevisibilidade do que ocorrerá quando a bola for lançada. A que altura chegará ³⁰ali? Qual jogador estará, naquele instante, em posição propícia para cabeceá-la, seja para dentro do gol, seja para longe dele? Não existe treinamento tático, posição privilegiada, nada que torne previsível o desfecho do tiro de canto. A bola pode cair ao alcance deste ou daquele jogador e, dependendo da sorte, será gol ou não.

Não quero dizer com isso que o resultado das partidas de futebol seja apenas fruto ³⁵do acaso, mas a verdade é que, sem um pouco de sorte, neste campo, como em outros, não se vai muito longe; jogadores, técnicos e torcedores sabem disso, tanto que todos querem se livrar do chamado “pé frio”. Como não pretendo passar por supersticioso, evito aderir abertamente a essa tese, mas quando vejo, durante uma partida, meu time perder “gols feitos”, nasce-me o desagradável temor de que aquele não é um bom dia ⁴⁰para nós e de que a derrota é certa.

Que eu, mero torcedor, pense assim, é compreensível, mas que dizer de técnicos de futebol que vivem de terço na mão e medalhas de santos sob a camisa e que, em face de cada lance decisivo, as puxam para fora, as beijam e murmuram orações? Isso para não falar nos que consultam pais-de-santo e pagam promessas a lemanjá. É como se dissessem: ⁴⁵treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas, mas, independentemente disso, existem forças imponderáveis que só obedecem aos santos e pais-de-santo; são as forças do acaso.

Mas não se pode descartar o fator psicológico que, como se sabe, atua sobre os jogadores de qualquer esporte; tanto isso é certo que, hoje, entre os preparadores ⁵⁰das equipes há sempre um psicólogo. De fato, se o jogador não estiver psicologicamente preparado para vencer, não dará o melhor de si.

Exemplifico essa crença na psicologia com a história de um técnico inglês que, num jogo decisivo da Copa da Europa, teve um de seus jogadores machucado. Não era um craque, mas sua perda desfalaria o time. O médico da equipe, depois de atender o ⁵⁵jogador, disse ao técnico: “Ele já voltou a si do desmaio, mas não sabe quem é”. E o técnico: “Ótimo! Diga que ele é o Pelé e que volte para o campo imediatamente”.

(Ferreira Gullar. Jogos de azar. Em: Folha de S. Paulo, 24/06/2007.)

Qual dos advérbios terminados em **–mente** incide sobre o conteúdo de toda a frase?

- a) fantasticamente (linha 28).
- b) abertamente (linha 38).
- c) independentemente (linhas 45 e 46).
- d) psicologicamente (linhas 50 e 51).
- e) imediatamente (linha 56).



Comentários: A alternativa C é a correta, pois o termo “disso” a que “independentemente” se liga pode ser substituído por “treino os jogadores, traço o esquema de jogo, armo jogadas”, o que representa a frase toda.

A alternativa A está incorreta, pois “fantasticamente” se refere apenas ao verbo “aumenta”, criando relação de modo.

A alternativa B está incorreta, pois “abertamente” se refere apenas a “aderir”, criando relação de modo.

A alternativa D está incorreta, pois “psicologicamente” se refere apenas a “estiver preparado”, criando relação de modo.

A alternativa E está incorreta, pois “imediatamente” se refere apenas a “volte”, criando relação de tempo.

Gabarito: C

9. (ITA - 1999)

Assinale a opção em que a palavra “onde” está corretamente empregada.

- a) Após o comício, houve briga onde estavam envolvidos estudantes de duas escolas diferentes.
- b) Os músicos criaram um clima de alegria onde o anfitrião foi responsabilizado.
- c) Foi importante a reforma do estatuto da escola, de onde resultou a melhoria do ensino.
- d) Viver em um país onde saúde e educação são valorizadas é direito de qualquer cidadão.
- e) Na reunião de segunda-feira, várias decisões foram tomadas pelos sócios da empresa, onde também foi decidido o reajuste das tarifas.

Comentários: “onde” é um conectivo que expressa a ideia de lugar **físico**, ou seja, de espaço. Por isso, a correta é a alternativa D: “onde” se relaciona a “país”.

A alternativa A é incorreta, pois o conectivo mais adequado para se relacionar a “briga” (um evento) seria “em que”.

A alternativa B é incorreta, pois o conectivo mais adequado para se relacionar a “clima de alegria”, numa oração de apresenta voz passiva (anfitrião foi responsabilizado), é “pelo qual”. A voz passiva pede, nesse caso, a preposição “por/pelo”.

A alternativa C é incorreta, pois o conectivo mais adequado para se relacionar a “reforma” é “da qual”, mantendo a preposição “de”, porém substituindo o “onde”.

A alternativa E é incorreta, pois o conectivo mais adequado para se relacionar a “reunião” é “em que”. Esta construção, porém, causa certo estranhamento na ordem em que está dada. Se esta oração estivesse colocada logo após “na reunião de segunda feira”, a escrita seria mais fluida.

Gabarito: D

10. (ITA - 2008)

A frase abaixo foi dita por uma atriz como um lamento à insistência dos jornalistas em vasculharem sua vida pessoal:



“É muito triste você não poder sair para jantar com um amigo sem ser perseguida por ninguém.”

Da forma como a frase foi registrada, o sentido produzido é o contrário ao supostamente pretendido pela atriz. Assinale a opção em que há a identificação do(s) elemento(s) que causa(m) tal mal-entendido.

- a) adjetivo (triste)
- b) preposições (para; com; por)
- c) advérbio de intensidade (muito)
- d) locuções verbais (poder sair; ser perseguida)
- e) negação (não; sem; ninguém)

Comentários: Da maneira que o texto foi redigido, há a sensação de que é um problema que ninguém persiga a atriz, ou seja, que ela gostaria de ser perseguida quando sai para jantar. Isso ocorre porque a construção com dupla negativa (não poder sair... sem ser) causa noção de positivo: esse período poderia ser reescrito como “É muito triste você sair para jantar com um amigo e ser perseguida”. Assim, para que a oração fizesse sentido, seria necessário substituir “ninguém” por “alguém”.

A alternativa A está incorreta, pois o adjetivo “triste” denota o sentimento negativo da atriz, então não há incoerência.

A alternativa B está incorreta, pois as preposições servem para encadear as informações, não há mal-entendido no seu uso.

A alternativa C está incorreta, pois o advérbio de intensidade não causa mal-entendido, mas sim mostra a força da insatisfação da atriz.

A alternativa D está incorreta, pois as locuções verbais são apenas modos de conjugar um verbo e, neste caso, não modificam o sentido da oração.

Gabarito: E

11. (IME – 2019 adaptada)

Esta oração se encontra em um texto sobre trabalho infantil:

“E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.”

O modo em que se encontra o verbo ser na forma verbal acima destacada, em contraste com o modo de todas as outras formas verbais do poema, evoca

- a) um indício de certeza, característico do modo indicativo das formas verbais em português, pois é certo que a vida do menino é amarga.
- b) algo irreal, hipotético, expresso pelo modo subjuntivo, que aponta, no entanto, para um desejo, uma possibilidade, no caso, de que o menino seja resgatado daquele cotidiano que lhe rouba a infância.



- c) um anúncio, um sinal pertinente ao modo indicativo, de que o menino será salvo de sua realidade tão dura.
- d) a certeza, expressa pelo modo verbal, de que a existência do menino é atravessada pelo trabalho infantil.
- e) o tom imperativo da voz poética está presente nessa oração, denotando ordem.

Comentários: o verbo “ser” está conjugado no subjuntivo, denotando noção de hipótese e desejo: ainda que não seja uma ação concreta/real, a pessoa exprime sua vontade de que o menino seja salvo. Isso está expresso na alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o verbo não está no indicativo, mas no subjuntivo.

A alternativa C está incorreta pelo mesmo motivo de A: o verbo não está no indicativo.

A alternativa D está incorreta, pois não há certeza expressa na frase, e sim um desejo.

A alternativa E está incorreta, pois não há uso do imperativo, mas sim do subjuntivo.

Gabarito B

12. (IME – 2016 adaptada) - DIFÍCIL

Assinale a opção em que a análise do termo destacado em negrito está de acordo com o uso no contexto dado.

- a) Ele é um indivíduo **que** põe a verdade à prova o tempo todo. (O vocábulo “que”, nesse caso, é uma conjunção integrante.)
- b) Tudo depende **da dose**. (A expressão "da dose" destacada na oração funciona como complemento nominal.)
- c) A publicidade se aproveita de temas que estão **na mídia** para recriá-los a partir de um jogo de sedução com a linguagem. (A expressão grifada tem valor adverbial de circunstância.)
- d) Na **frialdade** inorgânica da terra! (O vocábulo destacado, numa análise morfológica, equivale a um adjetivo.)
- e) “Busco uma solução
tudo lindo, direitinho
eu quero ter tudo certinho
ter o mundo nesta mão.”

(Em “direitinho” e “certinho” a terminação -inho é um sufixo diminutivo que possui valor adverbial de intensidade.)

Comentários: Na alternativa E, os diminutivos aparecem para caracterizar a maneira como as ações se dão. Neste caso, o narrador demonstra “buscar direitinho” e “ter certinho”. Neste contexto, porém, essas palavras demonstram a intensidade com que o narrador fará essas ações: certinho, por exemplo, neste contexto se equivale a “muito certo”, ou seja, o sufixo “inho” é equivalente a “muito”.

A alternativa A está incorreta, pois “que” é pronome relativo, referindo-se a “ele”.



A alternativa B está incorreta, pois “da dose” complementa o **verbo** e, portanto, é complemento verbal. Veremos melhor esse assunto nas próximas aulas.

A alternativa C está incorreta, pois “na mídia” tem valor adverbial de lugar. **Circunstância** não é um tipo de advérbio. Todos os advérbios atribuem alguma circunstância a um verbo. Assim, essa alternativa era **imprecisa**.

A alternativa D está incorreta, pois “frialdade” é um substantivo.

ATENÇÃO: mesmo sem saber o significado de “frialdade”, só o fato de ser uma palavra precedida por artigo já seria indicativo suficiente de que, se não era um substantivo, era uma palavra se comportando como um.

Gabarito: E

13. (IME – 2015 adaptada)

Observe o fragmento extraído do texto “Autossabotagem: o medo de ser feliz”:

“O problema é que, ao fazermos isso, não nos desenvolvemos plenamente. “Todo mundo busca a felicidade, a questão é ter coragem de viver, o que significa correr riscos e assumir responsabilidades”, diz ele.”

Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/noticias/autossabotagem-o-medo-de-ser-feliz>> (Texto adaptado). Acesso em 29 Abr 2014

“ ... a questão é ter coragem de viver, ... ” / “ ... o que significa correr riscos e assumir responsabilidades ..., ”

Pode-se dizer que o segundo fragmento, em relação à ideia expressa no primeiro, representa uma:

- a) explicação.
- b) finalidade.
- c) causa.
- d) consequência.
- e) exceção.

Comentários: Há uma ideia explicativa implícita na relação entre as duas orações.

DICA: em questões desse tipo, inclua na oração original um conectivo que expresse a ideia proposta e teste se faz sentido. Ex.: “A questão é ter coragem de viver, ou seja, correr riscos e assumir responsabilidades.” Assim, fica claro que a alternativa correta é A. Nas alternativas seguintes, vamos ver como ficaria cada opção se fosse substituída por um conectivo equivalente.

A alternativa B está incorreta, pois correr riscos e assumir responsabilidades não é a finalidade de ter coragem. (“A questão é ter coragem de viver **a fim de** correr riscos e assumir responsabilidades.”)



A alternativa C está incorreta, pois não é porque se corre riscos e assume responsabilidades que se tem coragem. (“A questão é ter coragem de viver, **pois** significa correr riscos e assumir responsabilidades.”)

A alternativa D está incorreta, pois correr riscos e assumir responsabilidades não é consequência de ter coragem (“A questão é ter coragem de viver, **portanto**, correr riscos e assumir responsabilidades.”)

A alternativa E está incorreta, pois não há ideia de exceção entre as duas orações (“A questão é ter coragem de viver, exceto correr riscos e assumir responsabilidades.”)

Gabarito: A

14. (IME – 2013 adaptada)

Assinale a alternativa em que o elemento destacado pertence a uma classe gramatical **diferente** em relação aos demais:

- a) “Por que atribuir tal importância a um número?”.
- b) “Aplica-se a uma pessoa solitária”
- c) “O termo descreve um sentimento de ausência, a falta de algo...”
- d) “A partir deles, outros grupos, como os astecas...”
- e) “Atribuir a cada número um sinal diferente”

Comentários: Na alternativa C, a palavra “a” se comporta como artigo, precedendo o substantivo “falta”.

Nas demais alternativas, “a” se comporta como preposição. Além da própria análise do contexto, seria possível responder a essa questão lembrando que os verbos que aparecem nas alternativas exigem preposição:

Na alternativa A, “atribuir”.

Na alternativa B, “aplicar”.

Na alternativa D, a expressão “a partir”.

Na alternativa E, “atribuir”.

Gabarito: C

15. (IME - 2012)

Em um dos trechos abaixo destacados, o vocábulo sublinhado pertence a distintas classes gramaticais. Assinale-o:

- a) O tempo é independente e completamente separado do espaço. Isso é no que a maioria das pessoas acredita; é o consenso. Entretanto, tivemos que mudar nossas ideias sobre espaço e tempo.”



- b) “Ponto semelhante foi abordado poucas semanas depois por um proeminente **matemático** francês, Henri Poincaré. Os argumentos de Einstein eram mais próximos da Física do que os de Poincaré, que abordava o problema como se este fosse **matemático**.”
- c) “mas agora a ideia abrangia também outras teorias e a velocidade da **luz**: todos os observadores encontram a mesma medida de velocidade da **luz**, não importa quão rápido estejam se movendo.”
- d) Por causa da equivalência entre energia e **massa**, a energia que um objeto tenha, devido a seu movimento, será acrescentada à sua **massa**.
- e) “**diferentes** observadores poderão atribuir **diferentes** velocidades à luz.

Comentários: Apesar de ser tradicionalmente classificado como adjetivo (denotando profissão/ocupação), na alternativa B, “matemático” aparece em duas classes gramaticais distintas: a primeira vez como substantivo, antecedido do artigo “um” e caracterizado pelos adjetivos “proeminente” e “francês”; e adjetivo em si, em “como se fosse matemático”, acompanhando o verbo “ser”.

Na alternativa A, “tempo” aparece como substantivo nas duas ocasiões.

Na alternativa C, “luz” aparece como substantivo formando a locução adjetiva “da luz”.

Na alternativa D, “massa” aparece como substantivo nos dois momentos.

Na alternativa E, “diferentes” aparece como adjetivo em ambos os momentos.

Gabarito: B

16. (IME- 2010)

Considere os seguintes trechos.

Trecho I - “Mas de Cardim deve-se tomar em consideração o seu caráter de padre visitador”.

Trecho II - “Robéria Gomes, de 36, viajou grávida”.

Trecho III - “O curso de mestrado é de dois anos”.

É correto afirmar que

- a) a preposição “de” é uma preposição essencial nas cinco ocasiões em que é utilizada.
- b) a conjunção “mas” é responsável por conferir a função de preposição acidental à preposição “de”, no trecho I.
- c) o autor do trecho I utilizou a ordem direta para apresentação do padre Fernão Cardim, o qual é citado logo ao início da oração.
- d) as palavras “mestrado” e “anos” no trecho III, trazem, à preposição “de”, a função de preposição acidental.
- e) em todas as ocasiões, a preposição “de” confere uma relação de causa às orações.



Comentários: A alternativa A é a correta, pois a preposição “de” é essencial, ou seja, ela sempre desempenha o papel de preposição.

Lembre-se que preposições podem ser **essenciais** (sempre aparecem como preposição) ou **acidentais** (podem aparecer ou não como preposição).

A alternativa B está incorreta, pois a conjunção “mas” não influi neste caso para tornar “de” preposição acidental, pois ela é essencial.

A alternativa C está incorreta, pois a oração está na ordem indireta. Na ordem direta ela seria “Deve-se tomar em consideração o seu caráter de padre visitador de Cardim.”

A alternativa D está incorreta, pois a preposição “de” é preposição essencial.

A alternativa E está incorreta, pois a preposição “de” não confere relação de causa.

Gabarito: A

Texto 1

Imigração Japonesa no Brasil

¹A abolição da escravatura no Brasil em 1888 dá novo impulso à vinda de imigrantes europeus, cujo início se deu com os alemães em 1824. Em 1895 é assinado o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão.

Com 781 japoneses a bordo, o navio Kasato-maru aporta em Santos. De lá eles ⁵são transportados para a hospedaria dos imigrantes, em São Paulo.

Na cafeicultura, a imigração começa com péssimos resultados. Um ano após a chegada ao Brasil, dos 781 imigrantes, apenas 191 permaneceram nos locais de trabalho. A maioria estava em São Paulo, Santos e Argentina. Apesar disso, a imigração continua com a chegada da segunda leva de imigrantes em 1910.

¹⁰Em 1952 é assinado o Tratado de Paz entre o Brasil e o Japão. Nova leva de imigrantes chega ao Brasil para trabalhar nas fazendas administradas pelos japoneses. Grupo de jovens que imigra através da Cooperativa de Cotia recebe o nome de Cotia Seinen. O primeiro grupo chega em 1955.

O crescimento industrial no Japão e o período que foi chamado de “milagre ¹⁵econômico brasileiro” dão origem a grandes investimentos japoneses no Brasil. Os nisseis acabam sendo uma ponte entre os novos japoneses e os brasileiros.

As famílias agrícolas estabelecidas no Brasil passaram a procurar novas oportunidades e buscavam novos espaços para seus filhos. O grande esforço familiar para o estudo de seus filhos faz com que grande número de nisseis ocupe vagas nas ²⁰melhores universidades do país.

Mais tarde, com o rápido crescimento econômico no Japão, as indústrias japonesas foram obrigadas a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos. Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando, no Brasil, à medida que os planos econômicos fracassavam. Parte da ²⁵família, cujos ascendentes eram japoneses, deixava o Brasil como “dekassegui”,



enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou administrar os negócios. Isso ocasionou problemas sociais, tanto por parte daqueles que não se adaptaram à nova realidade, como daqueles que foram abandonados pelos seus entes e até perderam contato.

³⁰Com o passar dos anos, surgiram muitas empresas especializadas em agenciar os “dekasseguis”, como também firmas comerciais no Japão que visaram especificamente o público brasileiro. Em algumas cidades japonesas formaram-se verdadeiras colônias de brasileiros.

Disponível em www.culturajaponesa.com.br (texto adaptado).

Acesso em: 29 ago 2008.

Texto 2

Rio: uma cidade plural já em 1808

As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia.

SANDRA MOREYRA

Jornal O Globo- 28/11/2007

(adaptado)

¹Uma cidade que era um grande porto, com gente de todas as colônias e feitorias portuguesas da África e da Ásia. O Rio era uma cidade quase oriental em 1808. As mulheres se sentavam no chão, com as pernas cruzadas. À mesa, os homens usavam a mesma faca que traziam presa à cintura, para se defender de um ⁵inimigo, para descascar frutas ou partir a carne. Nas ruas o dinheiro corria no maior entreposto de escravos da colônia. Corriam também dejetos nas ruas e valas. Negros escravos ou libertos eram dois terços da população e se vestiam ainda de acordo com sua nação de origem. Não só pelo tipo físico bem diferente, como pelas roupas, era possível saber quem vinha do Congo, de Angola ou do Mali; quem era ¹⁰muçulmano, quem vinha da nobreza africana.

Nesta cidade, que já era plural, mas que não tinha infra-estrutura, onde havia assaltos e comércio ilegal nas ruas, chegou um aviso em janeiro de 1808. A corte estava em pleno mar, escapara de Napoleão e estava a caminho do Brasil.

O vice-rei começou a fazer os preparativos e saiu desalojando os maiores ¹⁵comerciantes locais de suas casas, para cedê-las aos novos moradores. Eram pintadas nas portas das casas requisitadas para a Corte as iniciais “PR”, de Príncipe Regente, que viraram “prédio roubado” ou “ponha-se na rua”. Era o jeito que herdamos do sangue lusitano de rir de nossas próprias mazelas.

Quando as naus com a família real chegaram por aqui, em março de 1808, já ²⁰havam passado pela Bahia e permanecido por um mês em Salvador.



Aqui a festa foi imensa e o relato mais divertido e detalhado é o do Padre Luis Gonçalves dos Santos, o Padre Perereca. O padre que vivia no Brasil era um admirador incondicional da monarquia, dos ritos da corte, da etiqueta. Quando descobre que a Corte está chegando, fica assanhadíssimo porque vai ver de perto ²⁵“Sua Alteza Real D. João Nosso Senhor”, como chamava o regente.

É ele quem conta que a chegada dos Bragança por aqui foi acompanhada de luzes, fogos de artifício, badalar de sinos, aplausos e cânticos. Perereca diz que parecia que o sol não havia se posto, tamanha a quantidade de tochas e velas que iluminavam as casas, o largo do Paço e as ruas do centro.

³⁰O Rio tinha 46 ruas naquela época. D João se dirigiu à Sé – provisoriamente instalada na Igreja do Rosário dos Homens Pretos, porque a Igreja do Carmo, a Sé oficial, estava em obras. Houve uma determinação de que os homens pretos e também os mestiços não deveriam comparecer à cerimônia, na Igreja deles, porque o Príncipe poderia ficar assustado com a quantidade de negros na cidade. Eles se ³⁵esconderam numa esquina e quando o cortejo chegou à Igreja, entraram batucando e cantando e todos se misturaram. Assim era o Rio. Assim era o Brasil.

17. (IME- 2009)

Marque a assertiva INCORRETA.

- a) Custas só se usa na linguagem jurídica para designar despesas feitas no processo. Portanto, não devemos dizer: “As filhas vivem às custas do pai”.
- b) A princípio significa inicialmente, antes de mais nada: Ex.: A princípio, precisamos resolver as questões dos jogos olímpicos. Em princípio quer dizer em tese. Ex.: Em princípio, todos concordaram com minha proposta.
- c) Megafone; porta-voz, amplificador do som nos aparelhos radiofônicos são sinônimos de auto-falante, e não alto-falante.
- d) Alface é substantivo feminino. Então dizemos “a alface”.
- e) A palavra “ancião” tem três plurais: anciãos, anciães, anciões

Comentários: A alternativa C apresenta informação incorreta, pois “auto” e “alto” têm significados diferentes: “auto” significa “aquilo que funciona por si mesmo” e “alto” funciona como advérbio da forma nominal do verbo “falante”, significando “que fala em tom de voz alto”.

A alternativa A apresenta informação verdadeira, pois quando usado no sentido familiar (o pai sustenta a filha), a palavra deveria vir no singular: “As filhas vivem à custa do pai”. Ainda que na oralidade seja mais comum o uso no plural, segundo a norma culta do português, “custas” significa apenas “expensas de processo judicial”.

A alternativa B apresenta informação verdadeira, pois a mudança da preposição “a” para “em” modifica o sentido da expressão.

A alternativa D apresenta informação verdadeira, pois apesar de frequentemente aparecer erroneamente na oralidade, alface é substantivo feminino, portanto, precedido pelo artigo “a”.



A alternativa E apresenta informação verdadeira, pois algumas palavras do português não têm forma fixa de plural. **Ancião** é uma delas.

Gabarito: C

18. (IME - 2008)

“Há uma pobre mancha
Você olha e ninguém vê
Coitadinha, é uma mancha
De azeite-de-dendê.”

Fora da ideia de tamanho, as formas aumentativas e diminutivas podem traduzir desprezo, crítica, pouco caso, dentre outras características.

Indique a opção em que o substantivo flexionado quanto ao seu grau transmite-nos a mesma ideia da palavra “Coitadinha”, encontrada no texto de Moraes Moreira.

- a) Aquela **mulherzinha** irresponsável apareceu aqui ontem.
- b) Separe aquele **banquinho** para eu comprar.
- c) O meu **coraçõzinho** bate descompassadamente quando lhe vê.
- d) Pule o **portãozinho** da minha casa, mas cuidado com o cachorro.
- e) Que **doutorzinho** incompetente!

Comentários: Na palavra “coitadinha” está implícito um caráter afetoso, carinhoso. O mesmo aspecto está presente na alternativa C, em “coraçõzinho”.

Na alternativa A o diminutivo apresenta aspecto de depreciação.

Na alternativa B o diminutivo representa o tamanho físico real do objeto referido.

Na alternativa D o diminutivo também representa o tamanho físico real do objeto referido.

Na alternativa E o diminutivo apresenta aspecto de depreciação.

Gabarito: C

19. (UNICAMP - 2018)

O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores "praticamente intraduzíveis". Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês.

Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:



- i. Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- ii. Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos (i) e (ii) estão presentes:

- a) Quinculinculim (GR, No Urubuquaquá, no Pinhém) e tattarrattat (JJ, Ulisses).
- b) Transtrazer (GR, Grande sertão: veredas) e monoideal (JJ, Ulisses).
- c) Rttsttr (JJ, Ulisses) e quinculinculim (GR, No Urubuquaquá, no Pinhém).
- d) Tattarrattat (JJ, Ulisses) e esquecer-se (GR, Ave, Palavra).

Comentários

Alternativa A - incorreta. “Tattarrattat” não é derivado a partir de nenhuma palavra existente.

Alternativa B - incorreta. “Transtrazer” é o processo número (ii) e não (i): derivação a partir da inclusão do prefixo “trans-” ao verbo “trazer”.

Alternativa C - incorreta. “Quinculinculim” não é derivado a partir de nenhuma palavra existente.

Alternativa D - correta – gabarito. A palavra “tattarrattat” imita o som de batidas na porta, sendo, portanto, uma onotopia; já “esquecer-se” é formada por derivação prefixal, da união do prefixo “In-” com o verbo pronominal “esquecer-se”.

Gabarito: D

20. (ESPM - 2018)

Assinale o item em que o par de prefixos grifados não possua equivalência semântica:

- a) hipermercado / supermercado
- b) anfíbio / ambiguidade
- c) endovenoso / intramuscular
- d) diálogo / bienal
- e) periferia / circunferência

Comentários

Cuidado: está sendo pedido os termos que NÃO apresentam equivalência semântica.

Alternativa A - incorreta. O prefixo hiper- significa 'acima; sobre; por cima, muito': hiperativo, hipertenso, hipertexto; ao passo que “super-” denota 'sobre; além de; por cima; demais'; ocorre no vern. com as acp. de: 1) 'posição acima de': superposição, superumeral; 2) 'abundância, excesso': superaquecimento, superlotar; ver sobre-. De acordo com o dicionário Houaiss, eles têm significado igual.

Alternativa B - incorreta. Tanto “anfi-” quanto “ambi-” transmitem ideia de duplicidade.

Alternativa C - incorreta. “Endo” e “intra” transmitem ideia de interioridade (localidade).

Alternativa D - correta – gabarito. “Per-” dá ideia de cruzamento, através de, ao passo que circunferência denota ao redor de. **Atenção: são parecidos, mas não iguais.**

Gabarito: D

21. (ESPM - 2016)



Levando-se em conta os prefixos latinos e gregos grifados, assinale o par que não possui correspondência de significados:

- a) abuso / anencéfalo
- b) ambidestro / anfíbio
- c) bienal / dilema
- d) circumpolar / periferia
- e) contraveneno / antidoto

Comentários

Alternativa A: correta – gabarito. De origem latina, o prefixo ab- indica separação, afastamento; já o prefixo an-, de origem grega, indica negação.

Alternativa B: incorreta. Tanto ambi- quanto anfi- indicam duplicidade.

Alternativa C: incorreta. Tanto bi- quanto di- indicam duplicidade.

Alternativa D: incorreta. Tanto circum- quanto peri- indicam posição em torno de algo.

Alternativa E: incorreta. Tanto contra- quanto anti- indicam oposição.

Gabarito: A

22. (UNESP - 2017)

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo.

É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca, comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo.

A violência urbana subverte e desvirtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(Violência urbana, 2003.)



As palavras do texto cujos prefixos traduzem ideia de negação são

- a) “desvirtua” e “transforma”.
- b) “evite” e “isolamento”.
- c) “desfigura” e “ameaça”.
- d) “desconhecido” e “insegurança”.
- e) “subverte” e “dilacera”.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Em “desvirtua” sim, mas em “transforma” não: “trans-“ dá ideia de superação, de transposição de limites, de mudança, de alteração.

Alternativa B: incorreta. Em “evite” não há prefixo.

Alternativa C: incorreta. Em “ameaça” não há prefixo.

Alternativa D: correta – gabarito. Tanto “des-“ quanto “in-“ nesse caso transmitem ideia semântica de negação, oposição, privação.

Alternativa E: incorreta. Em ambos há prefixos, mas “sub-“ transmite ideia de inferioridade e “di” de divisão, repartição.

Gabarito: D

23. (IFBA - 2017)

Leia o fragmento, abaixo, extraído do poema “Quilombos”, do poeta baiano José Carlos Limeira.

“Te vejo meu povo feliz
Teu sonho querendo sentir
Se Palmares ainda vivesse
Pra Palmares teria que ir

Você já pensou se Domingos Jorge Velho e sua malta
Não houvessem tido tanta sorte?

Já pensou naquele país da Serra da Barriga?
Sei que talvez não,
É difícil imaginar uma terra (...)
Onde não fosse possível ver
Criancinhas
De dez, oito, seis anos
Voltando às quatro da manhã
Depois de vender chicletes e o último resquício de dignidade
Nos cruzamentos da cidade.
(...)
Por menos que conte a história
Não te esqueço meu povo
Se Palmares não vive mais
Faremos Palmares de novo.”



Do ponto de vista morfológico, na estrutura da palavra “Crianças” (l. 13) apresenta-se:

- a) uma desinência verbal que indica quantidade.
- b) um prefixo que tem sentido de medida.
- c) um sufixo de valor diminutivo.
- d) um sufixo que forma substantivo por meio do verbo.
- e) uma composição por aglutinação.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Não se trata de desinência verbal, pois não é verbo. “Criança” é substantivo; logo, a desinência é nominal.

Alternativa B: incorreta. Não é prefixo, mas sim sufixo.

Alternativa C: correta – gabarito. A palavra “crianças” é formada pelo substantivo “criança”, pelo sufixo de valor diminutivo “-inha” e flexão de gênero plural marcado pelo “s”.

Alternativa D: incorreta. É sufixo, mas “criança” é substantivo e não verbo.

Alternativa E: incorreta. Segundo a teoria, na aglutinação, unem-se as palavras suprimindo um ou mais de seus elementos fonéticos. Isso significa que na aglutinação há perda de algum som. No caso, não há junção de palavras, a palavra é uma só (criança), adicionada de sufixo.

Gabarito: C

24. (IFPE - 2017)

BRINQUEDO VIRA FEBRE ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

(1) RIO - A cena se repete na porta das escolas da cidade: um grupo de adolescentes conversa, nas mãos, algo colorido girando chama a atenção. É o hand spinner, brinquedo que é a nova moda entre os jovens. Segundo a coluna "Gente Boa", a febre pela peça, que possui um círculo no centro e, ao colocar os dedos nas pontas, com um movimento rápido, é possível girá-lo cada vez mais rápido, foi tão grande que o Colégio Santo Inácio teria proibido o brinquedo na escola.

(2) Segundo o Colégio Santo Inácio, tudo não passou de um mal-entendido: nenhum brinquedo é proibido na escola. O que aconteceu foi uma recomendação para que os alunos não usassem durante a aula, já que os estudantes estavam se distraindo. Perto dali, no Leblon, o Colégio Santo Agostinho passa pelo mesmo problema.

(3) O hand spinner foi criado no início da década de 90 com o objetivo de auxiliar no relaxamento e aumentar a concentração. Ele era recomendado para crianças com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e autismo. Mas a internet foi tomada por vídeos e fotos do brinquedo e viralizou. O professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista em psiquiatria infantil, Jairo Werner, destaca não conhecer estudos que comprovem a eficácia do hand spinner. “Isso virou uma grande moda, tenho pacientes que estão usando, não por recomendação minha, mas por conta própria. É um aparelho que fornece um alívio momentâneo da ansiedade, porque algumas pessoas, em especial as crianças, têm muita energia para extravasar. Tudo pode ser usado para o bem ou para o mal, limite é sempre necessário” — explica Werner.



Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/hand-spinner-de-febre-entre-os-adolescentes-pesadelo-dos-colegios-21447838>>. Acesso: 18 jun. 2017 (adaptado).

A palavra “mal-entendido”, na primeira linha do segundo parágrafo do texto, foi escrita com hífen em respeito ao que prescreve o último acordo ortográfico assinado pelos países de língua portuguesa. Entretanto, o referido acordo nem sempre determina a utilização do hífen quando “mal” funciona como prefixo. Sabendo disso, assinale a única alternativa em que se faz obrigatório o uso do hífen com o supracitado prefixo.

- a) Mal-criado.
- b) Mal-amada.
- c) Mal-sucedido.
- d) Mal-cheiroso.
- e) Mal-visto.

Comentários

Alternativa A: incorreta. O termo subsequente começa com consoante e, portanto, não precisa haver hífen obrigatório.

Alternativa B: correta – gabarito. “Mal” em Língua Portuguesa é advérbio. Geralmente, um advérbio pode ser utilizado como prefixo. Por exemplo, o uso de “não” à frente de algumas palavras.

No caso, a obrigatoriedade se dá, porque o segundo termo começa com vogal, de forma que a letra “l” junto à letra “a” requer obrigatoriamente a inclusão do hífen.

Alternativa C: incorreta. O termo subsequente começa com consoante e, portanto, não precisa haver hífen obrigatório.

Alternativa D: incorreta. O termo subsequente começa com consoante e, portanto, não precisa haver hífen obrigatório.

Alternativa E: incorreta. O termo subsequente começa com consoante e, portanto, não precisa haver hífen obrigatório.

Atenção: ainda iremos estudar de maneira mais aprofundada o Novo Acordo Ortográfico, não se preocupem.

Gabarito: B

25. (URGS - 2017)

Muita gente que ouve a expressão “políticas linguísticas” pela primeira vez pensa em algo solene, formal, oficial, em leis e portarias, em autoridades oficiais, e pode ficar se perguntando o que seriam leis sobre línguas. De fato, há leis sobre línguas, mas as políticas linguísticas também podem ser menos formais— e nem passar por leis propriamente ditas. Em quase todos os casos, figuram no cotidiano, pois envolvem não só a gestão da linguagem, mas também as práticas de linguagem, e as crenças e valores que circulam a respeito delas. Tome, por exemplo, a situação do cidadão das classes confortáveis brasileiras, que quer que a escola ensine a norma culta da língua portuguesa. Ele folga em saber que se vai exigir isso dos candidatos às vagas para o ensino superior, mas nem sempre observa ou exige o mesmo padrão culto, por exemplo, na ata de condomínio, que ele aprova como está, **desapegada** da ortografia e das regras de concordância verbais e nominais



preconizadas pela gramática normativa. Ele acha ótimo que a escola dos filhos faça baterias de exercícios para fixar as normas ortográficas, mas pouco se incomoda com os problemas de redação nos enunciados das tarefas dirigidas às crianças ou nos textos de comunicação da escola dirigidos à comunidade escolar. Essas são políticas linguísticas. Afinal, onde há gente, há grupos de pessoas que falam línguas. Em cada um desses grupos, há decisões, tácitas ou explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou não, e por aí afora. Vamos chamar essas escolhas – assim como as discussões que levam até elas e as ações que delas resultam – de políticas. Esses grupos, pequenos ou grandes, de pessoas tratam com outros grupos, que por sua vez usam línguas e têm as suas políticas internas. Vivendo imersos em linguagem e tendo constantemente que lidar com outros indivíduos e outros grupos mediante o uso da linguagem, não surpreende que os recursos de linguagem lá pelas tantas se tornem, eles próprios, tema de política e objetos de políticas explícitas. Como esses recursos podem ou devem se apresentar? Que funções eles podem ou devem ter? Quem pode ou deve ter acesso a eles? Muito do que fazemos, portanto, diz respeito às políticas linguísticas.

Adaptado de: GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Do que tratam as políticas linguísticas. *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016.

Assinale a alternativa em que o prefixo des atribui à forma a que se agrega o mesmo sentido que atribui à desapegada.

- a) Desdenhada.
- b) Designada.
- c) Desabrochada.
- d) Destrabelhada.
- e) Desabitada.

Comentários

Alternativa A: incorreta. O prefixo “des-” é parte do radical das palavras.

Alternativa B: correta – gabarito. O prefixo “des-” é parte do radical das palavras.

Alternativa C: incorreta. O prefixo “des” indica “movimento de cima para baixo”.

Alternativa D: incorreta. O prefixo “des-” é parte do radical das palavras.

Alternativa E: incorreta. O prefixo “des” também indica contrário: “desabitado” é o local sem habitante.

Gabarito: B

26. (UNIPÊ - 2017)

A atuação do profissional médico caracteriza, historicamente, ação que desafia o conhecimento. É muito fácil perceber isso em apanhado retrospectivo da história da Medicina. Da observação empírica ao conhecimento científico institucionalizado da Medicina, esses desafios se estendem além da esfera do conhecimento, para abranger, cada vez mais, também outros no campo institucional e, por fim, nas sociedades democráticas contemporâneas, aqueles exigidos pelo Estado de Direito. Se, um dia, já se fez cirurgia sem anestésicos, sem técnicas de esterilização e assepsia, no mundo de hoje, isso seria inconcebível, inaceitável e juridicamente passível de punição.



O ato médico caracteriza-se principalmente pela natureza intervencionista, ou seja, há a “intenção de intervir”, cientificamente justificada em um diagnóstico que embasa o “porquê intervir” e da mesma forma estabelece o “como intervir”. Intervir do ponto de vista médico significa alterar de um estado inicial indesejável para um estado final previsivelmente almejado. E esse estado final almejado é estabelecido não pelo médico ou pelo paciente, mas pelo consenso científico. E toda a ação que se distanciar desses contornos necessitará de justificção adicional. Atente-se que, aqui, até mesmo a atitude passiva, ou seja, a não intervenção, é pautada pelo mesmo raciocínio: a atitude programada. Esses são pressupostos que constituem a essência para a elaboração do texto legal que regulamenta não apenas o ato médico, mas também o exercício profissional do médico em seu amplo contexto. Assim, o ato médico sempre será ação **desafiando** conhecimento!

MURR, Leidimar Pereira. Ato médico: ação que desafia o conhecimento. Disponível em: <<http://ojaleco.blogspot.com.br/2009/11/ato-medico-acao-que-desafia-o.html>>. Acesso em: 4 abr. 2017.
Adaptado.

Os prefixos formadores das palavras derivadas “inconcebível” e “desafiando” traduzem, respectivamente, as ideias de

- a) introdução e transição.
- b) negação e ação contrária.
- c) intensidade e destruição.
- d) oposição e relação mútua.
- e) retrocesso e simultaneidade.

Comentários

Alternativa A: incorreta. O prefixo “in-” ao “concebível”, que significa plausível, indica privação, negação. E “desafiar” não é necessariamente antônimo de “afiar”.

Alternativa B: correta – gabarito. Ambos transmitem ideias parecidas, mas não totalmente iguais.

Alternativa C: incorreta. Não indica intensidade, mas sim negação.

Alternativa D: incorreta. Até pode denotar oposição o primeiro, mas não relação mútua o segundo.

Alternativa E: incorreta. Não são prefixos que transmitem ideia semântica temporal.

Gabarito: B

27. (UERJ - 2016)

O FUTURO ERA LINDO

A informação seria livre. Todo o saber do mundo seria compartilhado, bem como a música, 2o cinema, a literatura e a ciência. O custo seria zero. O espaço seria infinito. A velocidade, 3estonteante. A solidariedade e a colaboração seriam os valores supremos. A criatividade, o único 4poder verdadeiro. O bem triunfaria sobre os males do capitalismo. O sistema de representação se tornaria obsoleto. Todos os seres humanos teriam oportunidades iguais em qualquer lugar do 6planeta. Todos seriam empreendedores e inventivos. Todos poderiam se expressar livremente. 7Censura, nunca mais. As fronteiras deixariam de existir. As distâncias se tornariam irrelevantes. O inimaginável seria possível. O sonho, qualquer sonho, poderia se tornar realidade.



Livre, grátis, inovador, coletivo, palavras-chave do novo mundo que a internet inaugurou. Por anos esquecemos que a internet foi uma invenção militar, criada para manter o poder de quem já o tinha. Por anos fingimos que transformar produtos físicos em produtos virtuais era algo ecologicamente correto, esquecendo que a fabricação de computadores e celulares, com a obsolescência embutida em seu DNA, demanda o consumo de quantidades vexatórias de combustíveis fósseis, de produtos químicos e de água, sem falar no volume assombroso de lixo não reciclado em que resultam, incluindo lixo tóxico.

Ninguém imaginou que o poder e o dinheiro se tornariam tão concentrados em megahiper corporações norte-americanas como o Google, que iriam destruir para sempre tantas indústrias e atividades em tão pouco tempo. Ninguém previu que os mesmos Estados Unidos, graças às maravilhas da internet sempre tão aberta e juvenil, se consolidariam como os maiores espões do mundo, humilhando potências como a Alemanha e também o Brasil, impondo os métodos de sua inteligência militar sobre a população mundial, e guiando ao arrepio da justiça os bebês engenheiros nota dez em matemática mas ignorantes completos em matéria de ética, política e em boas maneiras.

Ninguém previu a febre das notícias inventadas, a civilização de perfis falsos, as enxurradas de vírus, os arrastões de números de cartão de crédito, a empulhação dos resultados numéricos falseados por robôs ou gerados por trabalhadores mal pagos em países do terceiro mundo, o fim da privacidade, o terrorismo eletrônico, inclusive de Estado.

Marion Strecker Adaptado de Folha de São Paulo, 29/07/2014.

O termo megahiper corporações é formado por um processo que enfatiza o tamanho e o poder das corporações econômicas atuais.

Essa ênfase é produzida pelo emprego de:

- a) sufixos de caráter aumentativo
- b) prefixos com sentido semelhante
- c) radicais de combinação obrigatória
- d) desinências de significado específico

Comentários

Alternativa A: incorreta. No caso são prefixos, não sufixos.

Alternativa B: correta – gabarito. O termo “megahiper corporações” é formado pelos prefixos de origem grega “mega-” e “hiper-” que expressam noção semântica de *grande quantidade*, enfatizando o tamanho e o poder das corporações econômicas atuais.

Alternativa C: incorreta. No caso não são radicais (parte integrante da palavra), mas sim prefixos.

Alternativa D: incorreta. Desinências ocorrem ao final das palavras, ao passo que o prefixo no início.

Gabarito: B

28. (UFAM - 2015)



Há muito tempo, o homem sonha construir máquinas que possam livrá-lo das tarefas entediadas do dia a dia. Durante todo o século XX, os escritores de ficção científica estavam preocupados em criar histórias sobre robôs que serviam seus mestres em tudo, sem reclamar e sem se cansar. Essa era uma visão tentadora, mas, do ponto de vista tecnológico, até o final do século XX continuava a ser um sonho remoto, simplesmente porque não houve meios de construir essas máquinas. Que atrasados ainda somos! E, apesar da rejeição de muitos, essa perspectiva tem um quê de atraente.

Alguns pesquisadores dos Estados Unidos, da Europa e do Japão continuam a perseguir, incansavelmente, o sonho de criar servidores robóticos multifuncionais, que possam fazer o trabalho pesado. A busca tem sido difícil e os progressos, lentos. No entanto, a partir do ano 2000, vêm sendo desenvolvidos robôs experimentais com considerável sofisticação. Muitos cientistas já se convenceram de que essa tecnologia não é apenas possível, mas inevitável. Hoje em dia, a “era dos robôs” continua situada em algum lugar do futuro, mas está cada dia mais próxima. Sendo assim, daqui a alguns anos, não pegaremos numa vassoura que não seja através de um robô.

Como dizia o escritor Oscar Wilde, a civilização precisa de escravos. Que os escravos sejam, então, as máquinas. Por isso, esses robôs têm que ser construídos, para que tenhamos um novo amanhecer em nossa vida, com um enlace entre homens e máquinas.

(BALCH, Tucher. “As Maravilhosas máquinas inteligentes do futuro”. Texto adaptado.)

Assinale a alternativa em que aquilo que se afirma de palavra tirada do texto NÃO está correto:

- a) “incansavelmente” possui os seguintes elementos morfológicos: in (prefixo); cans (radical); ável (sufixo nominal); mente (sufixo adverbial)
- b) “estavam” possui os seguintes elementos morfológicos: est (radical); a (vogal temática); va (desinência modo-temporal); m (desinência número-pessoal)
- c) “trabalho” é palavra formada por derivação imprópria.
- d) “amanhecer” é vocábulo formado por derivação parassintética.
- e) “enlace” é vocábulo formado por derivação regressiva.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Lembrando que é possível haver juntos na mesma palavra dois sufixos. No caso, é um advérbio de modo.

Alternativa B: incorreta. O tempo no caso é pretérito imperfeito e a conjugação está na terceira pessoa do plural.

Alternativa C: correta – gabarito. Segundo vimos na teoria, a derivação imprópria ocorre quando não se adiciona nenhum elemento, mas há mudança na classe da palavra. No caso, “trabalho” é um substantivo o qual não sofreu processo de formação de palavras.

Alternativa D: incorreta. No caso, tanto a prefixação de “a” quanto a sufixação de “-ecer”.

Alternativa E: incorreta. Segundo a teoria, derivação regressiva é quando a terminação do verbo é substituída por uma vogal, criando um substantivo. No caso, “laçar” se transformou em “lace”, adicionado do prefixo “en-”.



Gabarito: C

29. (UFSCar - 2013)

O termo infeliz é formado pela combinação do prefixo de negação in- à base feliz. A alternativa em que a palavra também é formada com prefixo de negação é:

- a) desleal.
- b) ingerir.
- c) transportar.
- d) eufônico.
- e) decair.

Comentários

Alternativa A: correta – gabarito. No caso, “des-“ também indica negação, oposição, privação.

Alternativa B: incorreta. **Atenção:** “in-“ pode indicar negação; porém, aqui, ele é utilizado no sentido de interioridade (localidade).

Alternativa C: incorreta. “Trans-“ significa ir além, superar, alterar, mudar.

Alternativa D: incorreta. “Eu-“ é um prefixo grego que significa “bem”. Logo, “eufônico” denota soar bem.

Alternativa E: incorreta. **Cuidado:** A formação de “decair” provém da **união** de uma preposição a um verbo.

Gabarito: A

30. (UFPR - 2014)

Brazuca é um nome triste, mas não por ser com ‘z’

A escolha do nome da bola que a Adidas lançará para a Copa do Mundo de 2014 foi feita por votação na internet a partir de uma 2 lista tríplice. Com 77.8% das preferências, Brazuca derrotou Bossa Nova e Carnavalesca. Como quase todos os analistas da língua que estão de plantão esta semana, lamentei a notícia (considerava Bossa Nova o menos ruim de três nomes fracos), mas por motivos diversos. Não é a grafia com z que me incomoda, mas a palavra em si. Convém explicar. Sim, é verdade que todos os dicionários e o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), da Academia Brasileira de Letras, registram apenas brasuca, com s. Afinal, a palavra não é derivada de Brasil, brasileiro? Eis toda a base para a argumentação dos que implicaram com a grafia. Uma argumentação que deixa de levar em conta dois fatos singelos.

A forma brazuca é muito mais usada na vida real. Uma pesquisa no Google traz mais de milhões de páginas, contra pouco mais de um décimo disso para brasuca. Pode-se defender a tese de que a preferência popular não é suficiente para alterar a grafia de um termo vernáculo, mas atenção: estamos falando de palavra informal, brincalhona, recente. Brazuca é uma gíria, e as gírias, como todas as criações populares, têm a mania de escolher como serão conhecidas.

Ainda que não fosse assim, o batismo da bola da Copa do Mundo é um ato de branding, ramo do marketing que tem regras próprias, entre elas a de privilegiar formas gráficas fortes – e nesse mundo a letra z goza de grande prestígio. Naturalmente, a correspondência com a grafia



“Brazil” numa marca destinada a ter circulação internacional também deve ter sido considerada um trunfo por seus criadores.

Se não é a grafia, o que sobra para criticar em Brazuca, a bola? Sua carga cultural idiota, só isso. O fato de que, brazuca ou brasuca, a palavra é um sinônimo tolo de brasileiro. O termo nasceu em Portugal com tom depreciativo (o sufixo “-uca”, o mesmo de mixuruca, deixa isso claro), numa espécie de contraponto ao nosso “portuga”. Até aí, tudo bem: a própria palavra brasileiro tinha uso pejora antes de ser assumida em espírito de desafio pelos nativos desta terra.

O problema é que, ao ser adotado por aqui, brazuca/brasuca virou um clichê patriótico viscoso, folclórico e carregado de autocomplacência, primo da malemolência, da ginga e da incrível musicalidade de muitos inzoneiros* que habita este gigante adormecido. É por isso que Brazuca é bola fora – e Brasuca não seria melhor.

(Sérgio Rodrigues, 04/09/2012, <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/curiosidades-etimologicas>>.)

*Inzoneiro: Adj. Bras. Pop. 1. Mexeriqueiro, intrigante, mentiroso. 2. Sonso, manhoso. (Dicionário Aurélio)

A partir do texto, considere as seguintes afirmativas:

1. As palavras mixuruca, muvuca e maluca confirmam a afirmação que o autor faz sobre o sufixo –uca.
2. O autor rechaça tanto brazuca quanto brasuca, por serem formas associadas a um patriotismo caricato.
3. Para o autor, o gigante adormecido tem qualidades que não podem ser comprometidas pela escolha de um nome com erro de grafia.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa 2 é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.

Comentários

Afirmação I: correta. No caso, o processo de formação de palavras é a sufixação.

Afirmação II: correta. Trata-se de uma questão de Interpretação de Texto. Isso pode ser verificado em expressões como “Sua carga cultural idiota, só isso”, “sinônimo tolo de brasileiro” e “clichê patriótico viscoso, folclórico e carregado de autocomplacência” por exemplo.



Afirmção III: incorreta. Trata-se de uma questão de Interpretação de Texto. O gigante adormecido seria algo positivo, mas inzoneiro, que habita nele, não (vide nota de rodapé). Ambos os termos seriam ruins, não pelo erro de grafia, mas porque eles representariam o brasileiro enquanto tipo tolo, ou seja, não seriam termos dignos, de acordo com o autor.

Gabarito: B

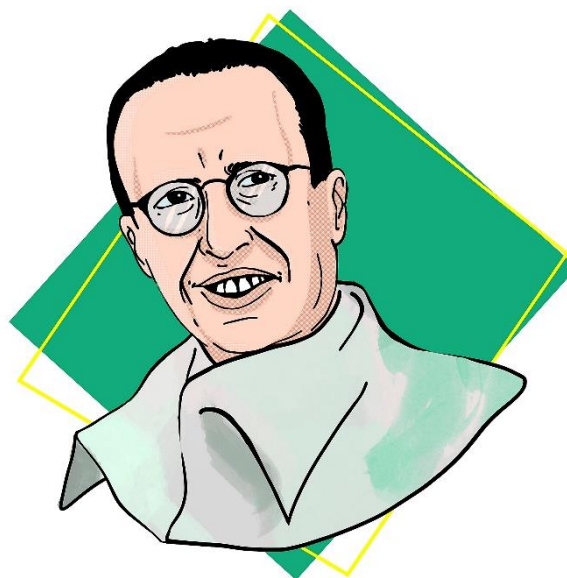
31. (FGV - 2013)

Satélite

Fim de tarde.
No céu plúmbeo
A Lua baça
Paira
Muito cosmograficamente
Satélite.

Desmetaforizada,
Desmitificada,
Despojada do velho segredo de melancolia,
Não é agora o golfão de cismas,
O astro dos loucos e dos enamorados,
Mas tão somente
Satélite.
Ah Lua deste fim de tarde,
Demissionária de atribuições românticas,
Sem show para as disponibilidades sentimentais!

Fatigado de mais-valia,
gosto de ti, assim:
Coisa em si,
– Satélite.



Manuel Bandeira

No contexto do poema de Manuel Bandeira, sobre os termos “Desmetaforizada”, “Desmitificada” e “Despojada”, só NÃO é correto afirmar:

- a) configuram uma gradação descendente, do ponto de vista rítmico.
- b) desenvolvem uma ideia já presente no advérbio de modo, usado na primeira estrofe.
- c) contêm um prefixo que intensifica a noção contida no radical.
- d) podem ser entendidos como expressões que traduzem ideia de causa.
- e) opõem-se, quanto ao sentido, à expressão “disponibilidades sentimentais”.

Comentários

Alternativa A: incorreta. Até porque as palavras vão se tornando menores.

Alternativa B: incorreta. No caso, “cosmograficamente”, relativo à maneira do universo.

Alternativa C: correta – gabarito. Trata-se de um prefixo que transmite ideia de negação e não intensificação.

Alternativa D: incorreta. “Causa” porque consistem em adjetivos derivados de verbo no particípio. Logo, transmitem uma qualidade, qualidade esta que pode ser de causa no contexto.

Alternativa E: incorreta. **Cuidado:** são prefixos de negação, oposição, mas “disponibilidades sentimentais” condiz com o processo de desmetaforização, desmitificação e despojamento no caso.

Gabarito: C

32. (FGV - 2012)

Sua excelência

[O ministro] vinha absorvido e tangido por uma chusma de sentimentos atinentes a si mesmo que quase lhe falavam a um tempo na consciência: orgulho, força, valor, satisfação própria etc. etc.

Não havia um negativo, não havia nele uma dúvida; todo ele estava embriagado de certeza de seu valor intrínseco, das suas qualidades extraordinárias e excepcionais de condutor dos povos. A respeitosa atitude de todos e a deferência universal que o cercavam, reafirmadas tão eloquentemente naquele banquete, eram nada mais, nada menos que o sinal da convicção dos povos de ser ele o resumo do país, vendo nele o solucionador das suas dificuldades presentes e o agente eficaz do seu futuro e constante progresso.

Na sua ação repousavam as pequenas esperanças dos humildes e as desmarcadas ambições dos ricos.

Era tal o seu inebriamento que chegou a esquecer as coisas feias do seu ofício... Ele se julgava, e só o que lhe parecia grande entrava nesse julgamento.

As obscuras determinações das coisas, acertadamente, haviam-no erguido até ali, e mais alto levá-lo-iam, visto que, só ele, ele só e unicamente, seria capaz de fazer o país chegar ao destino que os antecedentes dele impunham.

(Lima Barreto. Os bruzundangas. Porto Alegre: L&PM, 1998, pp. 15-6)

A palavra que apresenta, em sua formação, um prefixo e um sufixo formador de adjetivo é:

- a) esperanças.
- b) sentimentos.
- c) unicamente.
- d) respeitosas.
- e) extraordinárias.

Comentários

Alternativa A: incorreta. No caso, há só o sufixo “-ança”, sendo a palavra derivada do verbo “esperar”. Sequer é um adjetivo, mas sim um substantivo.



Alternativa B: incorreta. Não é um adjetivo, mas sim um substantivo.

Alternativa C: incorreta. Há apenas sufixo designador de advérbio de modo: “-mente”.

Alternativa D: incorreta. Trata-se de um adjetivo, mas não há prefixação.

Alternativa E: correta – gabarito. No caso, o prefixo é “extra-”, o sufixo “-árias” e consiste num adjetivo.

Gabarito: E

33. (UNIRG - 2012)

A construção do título do livro "Sagarana" foi inventada pelo próprio autor e provém da junção de

a) 'saga' que quer dizer "em busca de", e 'rana' que significa uma "feição universalizante" do épico.

b) 'saga' palavra lúdica que se origina dos rapsodos gregos, e 'rana' nas canções de gesta medievais.

c) 'saga' origina-se do mito poético que situa a narrativa entre o real e o mágico, e 'rana' que alude ao ápice da existência.

d) 'saga' radical de origem germânica que significa "criação verbal a serviço do épico", e rana, do sufixo da língua indígena tupi, que significa "à maneira de".

Comentários

Alternativa A: incorreta. É o contrário: a alusão ao épico é estabelecida em relação ao primeiro termo. No caso, não seria difícil discernir que “saga” se trata de um gênero textual.

Alternativa B: incorreta. Não são gregos, mas sim nórdicos. Na Grécia, havia epopeia.

Alternativa C: incorreta. Em relação ao primeiro termo, até pode ser, mas o segundo já deveria ser mais generalizante.

Alternativa D: correta – gabarito. Segundo o Dicionário Etimológico (CUNHA, 2010, p. 575), “saga” é a designação comum às narrativas em prosa, históricas ou lendárias, nórdicas, redigidas sobretudo na Islândia nos sécs. XIII e XIV. Por outro lado, conforme o Dicionário Informal, “Rana” é um vocábulo do tupi-guarani que significa: “semelhante; parecido com; imitado; falso”.

Gabarito: D

34. (UFRJ - 2005)

Em relação à palavra "bioética", é possível verificar, em seu processo de formação, a presença de

a) prefixo (bio) + radical (ética).

b) radical (bio) + radical (ética).

c) radical (bio) + sufixo (-ético).

d) prefixo (bio) + radical (ét-) + sufixo (-ica).

e) radical (bioét) + sufixo (-ica).

Comentários

Alternativa A: incorreta. “Ética” não é o radical, mas sim a palavra que serve de base.

Alternativa B: correta – gabarito. **Cuidado:** no caso, “bio” não é prefixo, pois sua constituição é parte integrante da palavra.



Alternativa C: incorreta. “Ética” não é sufixo.

Alternativa D: incorreta. “-lca” não é sufixo.

Alternativa E: incorreta. A palavra foi desmembrada incorretamente.

Gabarito: B

35. (UNITAU - 2018)



Na frase “Marielle é executada à tiros”, apresentada na charge em questão, o acento indicativo de crase foi empregado de modo inadequado, porque não se usa acento indicativo de crase

- a) antes de palavras no plural.
- b) antes de palavras masculinas.
- c) antes de palavras indefinidas.
- d) depois de verbos no presente do indicativo.
- e) depois de palavras que não são regidas por preposição.

Comentários

Alternativa A: correta – gabarito. Não só a palavra constitui plural, mas “tiro” é palavra masculina.

Alternativa B: incorreta. Também, mas no caso é porque a palavra está no plural.

Alternativa C: incorreta. “Tiros” é um substantivo comum. Em sua classificação, não se aplica o adjetivo “indefinido”.

Alternativa D: incorreta. **Cuidado:** a premissa está correta, mas não se aplica à frase. De fato, não se utiliza crase antes de verbos, pois eles não possuem gêneros. Porém, “tiros” é substantivo e não verbo.

Alternativa E: incorreta. **Atenção:** “executada” não é verbo (embora represente um particípio), mas sim adjetivo, porque está flexionado em número e gênero. Logo, “a tiros” é um complemento do adjetivo e não de um verbo. Um nome (adjetivo) pode reger uma preposição. Porém, aqui não é um caso de regência, de forma que a expressão “executada a” está correta, mas não o seu complemento, pois “tiros” é substantivo no masculino/plural. Outras opções:

- Executada a tiros;
- Executada aos tiros.

Gabarito: A

36. (IFRS - 2018)





“Às vezes’ sempre tem crase!”, afirma uma das personagens. Na realidade, a expressão somente recebe acento grave quando se trata de uma locução adverbial de tempo, indicando algo que acontece em apenas algumas ocasiões, sendo sinônimo, por exemplo, de “de vez em quando”, “ocasionalmente”. Em qual das alternativas a crase na expressão “às vezes” foi utilizada INCORRETAMENTE?

- a) Todas às vezes que vou para a praia, bebo uma água de coco.
- b) Você fala muito alto às vezes, mesmo quando não deve.
- c) Às vezes, preciso checar a caixa de spam do meu e-mail.
- d) Às vezes, é preciso parar e respirar fundo.
- e) Sinto-me solitária às vezes, mas gosto de morar sozinha.

Comentários

Alternativa A: correta – gabarito. Se antes de “as vezes” há o pronome indefinido “todas” quer dizer que sintaticamente se trata de um sujeito e, morfologicamente, de um substantivo, não devendo haver crase nesse caso.

Alternativa B: incorreta. No caso, consiste em advérbio de frequência.

Alternativa C: incorreta. No caso, consiste em advérbio de frequência, indicando temporalidade.

Alternativa D: incorreta. No caso, consiste em advérbio de frequência, indicando temporalidade.

Alternativa E: incorreta. No caso, consiste em advérbio de frequência.

Gabarito: A

37. (UNESP – 2018)

“[...] os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida [...]” (3º parágrafo)

Os termos destacados constituem, respectivamente,

- a) um artigo, uma preposição e uma preposição.
- b) uma preposição, um artigo e uma preposição.
- c) um artigo, um pronome e um pronome.
- d) um pronome, uma preposição e um artigo.
- e) uma preposição, um artigo e um pronome.



Comentários: O primeiro “a” é uma preposição, pois se relaciona com o verbo “condenar” que se encontra suprimido (a pobreza condenou aos miseráveis); o segundo “a” é um artigo, que precede o substantivo “pobreza”; e o terceiro também é preposição pelo mesmo motivo do primeiro. Portanto, a alternativa correta é B.

A alternativa A está incorreta, pois o pronome relativo “quem” não admite artigo”.

A alternativa C está incorreta pelo mesmo motivo que A: o pronome relativo “quem” não admite artigo”.

A alternativa D está incorreta, pois o pronome demonstrativo “este” também não admite artigo.

A alternativa E está incorreta, pois “a” não é uma opção de pronome neste caso, já que não substitui o complemento do verbo.

Gabarito: B

38. (UFRGS – 2018)

- Temos sorte de viver no Brasil - dizia meu pai, depois da guerra. - Na Europa mataram milhões de judeus.

Contava as experiências que os médicos nazistas faziam com os prisioneiros. Decepavam-lhes as cabeças, faziam-nas encolher - à maneira, li depois, dos índios Jivaros. Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos transplantes: uniam a metade superior de um homem _____ metade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros de um bode. Felizmente morriam essas atozes quimeras; expiravam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como aberrações. (____ essa altura eu tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu pai pensava que a descrição das maldades nazistas me deixava comovido.)

Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho - o melhor vinho do armazém -, brindamos ao acontecimento. E não saíamos de perto do rádio, acompanhando _____ notícias da guerra no Oriente Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado: em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito esquisitos, Guedali.

Tipos esquisitos - aquilo me dava ideias. Por que não ir para Israel? Num país de gente tão estranha - e, ainda por cima, em guerra - eu certamente não chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo pelas ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta e oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, varado de balas. Aquela, sim, era a morte que eu almejava, morte heroica, esplêndida justificativa para uma vida miserável, de monstro encurralado. E, caso não morresse, poderia viver depois num kibutz. Eu, que conhecia tão bem a vida numa fazenda, teria muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os membros do kibutz terminariam por me aceitar; numa nova sociedade há lugar para todos, mesmo os de patas de cavalo.

Adaptado de: SCLIAR, M. O centauro no jardim. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2001. UFRGS - CV 2018 - LP 09.



Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas das linhas 6, 8 e 11, nessa ordem.

- a) à - À - às
- b) a - A - às
- c) à - A - às
- d) a - À - as
- e) à - A – as

Comentários:

Na primeira lacuna, deve-se completar com “à”, pois o verbo “unir” é transitivo direto e indireto. Portanto, a construção correta é “(...) uniam a metade superior de um homem à metade inferior de uma mulher”

Na segunda lacuna, deve-se completar com a preposição “a”, sem acento grave, pois o termo conseqüente (essa) não permite artigo. Portanto, a construção correta é “A essa altura eu tinha os olhos cheios de lágrimas.”

NA terceira lacuna, deve-se completar com o artigo “as”, sem acento grave, pois o verbo “acompanhar”, nesse caso, é transitivo direto. Portanto, a construção correta é “(...) acompanhando as notícias da guerra no Oriente Médio”.

Gabarito: E

39. (UFJF MG/2017)

Além disso, parte dos participantes teve sua atividade cerebral medida através de ressonância magnética funcional.

Assim, foi observado que a resposta da amígdala, uma região do cérebro na qual se processam as reações emocionais, era mais intensa na primeira vez que os participantes enganavam seus companheiros.

Os termos em destaque, nos trechos acima, estabelecem relação de:

- a) complementação e de conclusão de raciocínio.
- b) continuidade e de inversão de raciocínio.
- c) conclusão e de adição de informação.
- d) complementação e de causalidade.
- e) causalidade e de conclusão.

Comentários: “Além disso” é um conectivo que expressa ideia de adição de novas informações, complementando o que já havia sido dito antes. Já “assim” é um conectivo que expressa conclusão, apanhando todas as ideias faladas até então e resumindo numa conclusão. Portanto, a alternativa correta é A.



A alternativa B é incorreta, pois não há inversão de raciocínio em “assim”, pelo contrário, há apanhado de ideias.

A alternativa C é incorreta, pois “além disso” dá ideia de adição, não conclusão e “assim” dá ideia de conclusão, não adição.

A alternativa D é incorreta, pois “assim” não tem noção de causalidade, mas sim de “conclusão”.

A alternativa E é incorreta, pois “além disso” não tem noção de causa, mas de adição.

Gabarito: A

40. (FGV - 2017)

Foi exatamente durante o almoço que se deu o fato.

Almira continuava a querer saber por que Alice viera atrasada e de olhos vermelhos. Abatida, Alice mal respondia. Almira comia com avidez e insistia com os olhos cheios de lágrimas.

– Sua gorda! disse Alice de repente, branca de raiva. Você não pode me deixar em paz?!

Almira engasgou-se com a comida, quis falar, começou a gaguejar. Dos lábios macios de Alice haviam saído palavras que não conseguiam descer com a comida pela garganta de Almira G. de Almeida.

– Você é uma chata e uma intrometida, rebentou de novo Alice. Quer saber o que houve, não é? Pois vou lhe contar, sua chata: é que Zequinha foi embora para Porto Alegre e não vai mais voltar! Agora está contente, sua gorda?

Na verdade Almira parecia ter engordado mais nos últimos momentos, e com comida ainda parada na boca.

Foi então que Almira começou a despertar. E, como se fosse uma magra, pegou o garfo e enfiou-o no pescoço de Alice. O restaurante, ao que se disse no jornal, levantou-se como uma só pessoa. Mas a gorda, mesmo depois de ter feito o gesto, continuou sentada olhando para o chão, sem ao menos olhar o sangue da outra.

Alice foi ao pronto-socorro, de onde saiu com curativos e os olhos ainda regalados de espanto. Almira foi presa em flagrante.

Na prisão, Almira comportou-se com delicadeza e alegria, talvez melancólica, mas alegria mesmo. Fazia graças para as companheiras. Finalmente tinha companheiras. Ficou encarregada da roupa suja, e dava-se muito bem com as guardiãs, que vez por outra lhe arranjavam uma barra de chocolate.

(Clarice Lispector. *A Legião Estrangeira*, 1964. Adaptado)

Assinale a alternativa em que a preposição “de” forma uma expressão indicativa de causa.

- a) ... por que Alice viera atrasada e **de** olhos vermelhos.
- b) ... e insistia com os olhos cheios **de** lágrimas.
- c) – Sua gorda! disse Alice de repente, branca **de** raiva.



- d) ... pegou o garfo e enfiou-o no pescoço **de** Alice.
e) Mas a gorda, mesmo depois **de** ter feito o gesto...

Comentários: O “de” expressa relação de causa na alternativa C: ela estava branca porque estava com raiva (branca por causa da raiva).

A alternativa A está incorreta, pois “de olhos vermelhos” relata o estado em que Alice veio, mas não indica causa.

A alternativa B está incorreta, pois “de lágrimas” identifica do que os olhos estavam cheios, não **porque** estavam cheios.

A alternativa D está incorreta, pois “de Alice” indica de quem é o pescoço, portanto não há relação de causa, mas pertencimento.

A alternativa E está incorreta, pois “depois de” indica posterioridade, não causa.

Gabarito: C

41. (FGV - 2017)

Pobres precisam de banheiro, não de celular, diz BM

¹ As famílias mais pobres do mundo estão mais propensas a terem telefones ² celulares do que banheiros ou água limpa.

³ Segundo relatório do Banco Mundial, intitulado “Dividendos Digitais”, o número ⁴ de usuários de internet mais que triplicou em uma década, para 3,2 bilhões no final ⁵ do ano passado, representando mais de 40 por cento da população mundial.

⁶ Embora a expansão da internet e de outras tecnologias digitais tenha facilitado ⁷ a comunicação e promovido um senso de comunidade global, ela não ofereceu o ⁸ enorme aumento de produtividade que muitos esperavam, disse o Banco. Ela também ⁹ não melhorou as oportunidades para as pessoas mais pobres do mundo, nem ajudou ¹⁰ a propagar a “governança responsável”.

¹¹ “Os benefícios totais da transformação da informação e comunicação somente se ¹² tornarão realidade se os países continuarem a melhorar seu clima de negócios, ¹³ investirem na educação e saúde de sua população e proverem a boa governança. Nos ¹⁴ países em que esses fundamentos são fracos, as tecnologias digitais não impulsionam ¹⁵ a produtividade nem reduzem a desigualdade”, afirmou o relatório.

¹⁶ A visão do Banco Mundial contrasta com o otimismo dos empreendedores da ¹⁷ tecnologia, como Mark Zuckerberg e Bill Gates, que têm argumentado que o acesso ¹⁸ universal à internet é essencial para eliminar a pobreza extrema.

¹⁹ “Quando as pessoas têm acesso às ferramentas e ao conhecimento da internet, ²⁰ elas têm acesso a oportunidades que tornam a vida melhor para todos nós”, diz uma ²¹ declaração do ano passado assinada, entre outros, por Zuckerberg e Gates.



²² Segundo o Banco Mundial, conectar o mundo “é essencial, mas está longe de ser ²³ suficiente” para eliminar a pobreza.

<http://exame.abril.com.br/14/01/2016>. Adaptado.

No trecho “é essencial, mas está longe de ser suficiente” (Refs. 22-23), a palavra sublinhada poderia ser corretamente substituída por

- a) porquanto.
- b) posto que.
- c) conquanto.
- d) não obstante.
- e) por conseguinte.

Comentários: Neste contexto, “mas” é uma conjunção que denota oposição. Portanto, deve ser substituída por outra de igual valor. A alternativa D, não obstante, apresenta a melhor opção.

A alternativa A está incorreta, pois “porquanto” tem valor de consequência.

A alternativa B está incorreta, pois “posto que” tem valor de consequência.

A alternativa C está incorreta, pois “conquanto” tem valor de concessão.

A alternativa E está incorreta, pois “por conseguinte” tem valor de consequência.

Gabarito: D

42. (IBMEC - 2016)

Nada além

O amor bate à porta

e tudo é festa.

O amor bate a porta

e nada resta.

Cineas Santos. Disponível em:

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/cin01.html>. Acesso em 03/08/2015.

Em relação ao jogo de ideias presente no par “bate à porta” e “bate a porta” nos versos acima, é correto afirmar que o emprego do acento grave está associado a

- a) fatores sintáticos que determinam diferentes significados.
- b) opções estilísticas que conferem sonoridade e ritmo ao poema.
- c) elementos morfológicos que acarretam mudança de classe gramatical.
- d) mecanismos fonológicos que promovem a tonicidade das palavras.
- e) recursos argumentativos que explicitam efeitos de subjetividade nos textos.



Comentários: Em “bate à porta” há significado figurado. O termo significa que o amor chegou, que ele se direcionou a algum lugar. Já em “bate a porta”, não há ideia de movimento em direção a nenhum lugar. Significa que ele fechou a porta, ação comumente referida como “bateu”.

A alternativa B está incorreta, pois o “a” craseado e a preposição tem o mesmo som, logo, não é uma questão de sonoridade.

A alternativa C está incorreta, pois presume-se a crase a partir do contexto da frase, não por aspectos morfológicos.

A alternativa D está incorreta, pelo mesmo motivo que B: o “a” craseado e a preposição tem o mesmo som, logo, não é uma questão de sonoridade.

A alternativa E está incorreta, pois não há recursos de argumentação, mas sim uma brincadeira com o termo “bater a porta” utilizado de duas maneiras diferentes.

Gabarito: A

43. (FGV - 2016)

Na virada do século, chegou o euro. Na prática, era como se o marco alemão mudasse de nome para “euro” e passasse a suprir o resto do continente (a maior parte dele, pelo menos). Parecia bom para todas as partes. Os governos dos países menos pibados passariam a receber os impostos dos seus cidadãos em euros, uma moeda garantida pelo PIB alemão. Impostos servem para pagar as dívidas dos governos – além da lagosta dos governantes. E agora os contribuintes pagavam em euros. Resultado: o mercado passou a emprestar para os países bagunçados da Europa a juros baixíssimos.

Aí choveu euro na periferia da Europa. A economia ali cresceu como nunca, mas os governantes gastaram como sempre. Além disso, não perceberam que seus países eram pequenos demais para suportar o peso de uma moeda forte.

Com os PIBs dos europobres caindo, a arrecadação deles diminuiu. Menos arrecadação, mais problemas para pagar dívidas. Aí tome mais dinheiro emprestado para ir rolando a pendura, só que agora a juros menos fofos.

(Superinteressante, agosto de 2015. Adaptado)

De acordo com a norma-padrão, assinale a alternativa correta quanto à regência e ao uso ou não do acento indicativo da crase.

- a) Coube à moeda alemã à garantia que o euro chegasse com segurança a países europeus.
- b) Coube a moeda alemã à garantia de que o euro chegasse com segurança nos países europeus.
- c) Coube à moeda alemã a garantia de que o euro chegasse com segurança aos países europeus.
- d) Coube à moeda alemã a garantia que o euro chegasse com segurança à países europeus.
- e) Coube a moeda alemã a garantia que o euro chegasse com segurança nos países europeus.



Comentários: Caber, no sentido de responsabilidade, exige a presença de preposição. Como “moeda” é uma palavra feminina, a grafia correta é “coube à moeda alemã”.

“garantia de que o euro chegasse com segurança” é o complemento direto de “caber”, ou seja, sem preposição. Portanto, a grafia correta é “a garantia de que (...)”, sem crase.

A regência de “chegar” neste caso é com a preposição “a”. Portanto, a grafia correta é “chegasse com segurança aos países europeus”, já que “países europeus” é palavra masculina, precedida de artigo “os”.

ATENÇÃO: apesar de comum na oralidade, não se usa a preposição “em” para denotar local em que se chega.

Gabarito: C

44. (UNESP - 2016)

Art. 6º São direitos básicos do consumidor:

I – a proteção da vida, saúde e segurança contra os riscos provocados por práticas no fornecimento de produtos e serviços considerados perigosos ou nocivos;

II – a educação e divulgação sobre o consumo adequado dos produtos e serviços, asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade nas contratações;

III – a informação adequada e clara sobre os diferentes produtos e serviços, com especificação correta de quantidade, características, composição, qualidade, tributos incidentes e preço, bem como sobre os riscos que apresentem;

IV – a proteção contra a publicidade enganosa e abusiva, métodos comerciais coercitivos ou desleais, bem como contra práticas e cláusulas abusivas ou impostas no fornecimento de produtos e serviços;

V – a modificação das cláusulas contratuais que estabeleçam prestações desproporcionais ou sua revisão em razão de fatos supervenientes que as tornem excessivamente onerosas;

VI – a efetiva prevenção e reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos e difusos;

VII – o acesso aos órgãos judiciários e administrativos com vistas à prevenção ou reparação de danos patrimoniais e morais, individuais, coletivos ou difusos, assegurada a proteção Jurídica, administrativa e técnica aos necessitados;

VIII – a facilitação da defesa de seus direitos, inclusive com a inversão do ônus da prova, a seu favor, no processo civil, quando, a critério do juiz, for verossímil a alegação ou quando for ele hipossuficiente, segundo as regras ordinárias de experiências;

IX – a adequada e eficaz prestação dos serviços públicos em geral.

Art. 7º Os direitos previstos neste código não excluem outros decorrentes de tratados ou convenções internacionais de que o Brasil seja signatário, da legislação interna ordinária, de regulamentos expedidos pelas autoridades administrativas competentes, bem como dos que derivem dos princípios gerais do direito, analogia, costumes e equidade.



Parágrafo único. Tendo mais de um autor a ofensa, todos responderão solidariamente pela reparação dos danos previstos nas normas de consumo.

(www.planalto.gov.br)

Nos trechos “asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade das contratações” (inciso II) e “assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados” (inciso VII), a análise das concordâncias dos adjetivos em destaque permite afirmar que

- a) apenas a primeira ocorrência está correta.
- b) apenas a segunda ocorrência está correta.
- c) as duas ocorrências são aceitáveis, mas não corretas.
- d) as duas ocorrências estão incorretas.
- e) as duas ocorrências estão corretas

Comentários: Para responder a essa questão, é preciso analisar os termos centrais da oração para descobrir se há concordância entre o verbo e eles.

Em “asseguradas a liberdade de escolha e a igualdade das contratações” há dois termos centrais: “liberdade” e “igualdade”. Portanto, o verbo precisa estar no plural.

Já em “assegurada a proteção jurídica, administrativa e técnica aos necessitados”, o termo central é “proteção”. Portanto, o verbo precisa estar no singular. Essa segunda oração pode causar dúvidas, já que há referência a três elementos diferentes: proteção jurídica, proteção administrativa e proteção técnica. Porém, a palavra “proteção”, que é a informação central, está no singular. Se a construção fosse a partir de “as proteções jurídica, administrativa e técnica”, o verbo deveria vir no plural.

Gabarito: E

45. (IBMEC - 2015)

Segundo a Wikipedia, o direito autoral do autorretrato, o "selfie" para usar o termo da moda, que uma macaca fez com o equipamento que furtara de um fotógrafo pertence ao animal. A discussão surgiu porque David Slater, o dono da máquina, pediu aos editores da enciclopédia que retirassem a imagem por violação de direitos autorais. Como piada, a argumentação da Wikipedia funciona bem. Receio, porém, que essa linha de raciocínio deixe uma fronteira jurídica desguarnecida. Se os direitos pertencem à macaca, por que instrumento legal ela os cedeu à enciclopédia?

Não são, entretanto, questões jurídicas que eu gostaria de discutir aqui, mas sim a noção de autoria. Obviamente ela transcende à propriedade do equipamento. Se a foto não tivesse sido tirada por uma macaca, mas por um outro fotógrafo com a máquina de Slater, ninguém hesitaria em creditar a imagem a esse outro profissional. Só que não é tão simples. Imaginemos agora que Slater está andando pela trilha e, sem querer, deixa seu aparelho cair no chão, de modo que o disparador é acionado. Como que por milagre, a máquina registra uma imagem maravilhosa, que ganha inúmeros prêmios. Neste caso, atribuir a foto a Slater não viola nossa intuição de autoria,



ainda que o episódio possa ser descrito como uma obra do acaso e não o resultado de uma ação voluntária.

A questão prática aqui é saber se o "selfie" da macaca está mais para o caso do fotógrafo que usa a máquina de outro profissional ou para o golpe de sorte. E é aqui que as coisas vão ficando complicadas. Fazê-lo implica não só decidir quanta consciência devemos atribuir à símia mas também até que ponto estamos dispostos a admitir que nossas vidas são determinadas pelo aleatório. E humanos, por razões evolutivas, temos verdadeira alergia ao fortuito. Não foi por outro motivo que inventamos tantos panteões de deuses.

(Hélio Schwartsman, Folha de S. Paulo, 09/08/2014)

Na passagem “Obviamente ela transcende à propriedade do equipamento”, o emprego do sinal indicador de crase é

- a) inadequado, pois o termo regido é um substantivo que rejeita a presença de um artigo definido.
- b) obrigatório, pois contém a junção da preposição “a” com o artigo “a” antecedendo um adjetivo feminino.
- c) equivocado, pois o termo regente é transitivo direto, dispensando a preposição obrigatória.
- d) facultativo, pois o verbo “transcender” pode ser regido ou não de preposição, sem que haja alterações semânticas.
- e) necessário, pois tem a função de sinalizar uma pronúncia alongada que ressalta a fusão da preposição com o artigo.

Comentários: O uso da crase neste caso é facultativo, pois o verbo “transcender” pode tanto ser construído de maneira transitiva direta quanto indireta. Portanto, a alternativa correta é a alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois “propriedade” é palavra feminina, não apresentando impedimento para o uso de crase.

A alternativa B está incorreta, pois o termo que antecede é um substantivo, não adjetivo. Lembre-se que apenas substantivos ou palavras substantivadas admitem artigo.

A alternativa C está incorreta, pois “transcender” admite ambas as formas.

A alternativa E está incorreta, pois não há necessariamente uma pronúncia alongada na crase.

Gabarito: D

46. (UNESP - 2015)

Assinale a alternativa em que o trecho, extraído de *Ciência Hoje* (<http://cienciahoje.uol.com.br>), está correto quanto à concordância, de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa.



- a) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil serão beneficiados, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas têm papel essencial na conservação e na purificação das águas.
- b) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil será beneficiada, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas tem papel essencial na conservação e na purificação das águas.
- c) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil serão beneficiadas, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas têm papel essencial na conservação e na purificação das águas.
- d) Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil será beneficiado, caso o país faça uma importante lição de casa: cuidar das nascentes e preservar as florestas, pois elas tem papel essencial na conservação e na purificação das águas.

Comentários: Apesar de apresentar textos longos, o erro a ser encontrado na questão está na oração “Segundo a maioria dos cientistas, a agricultura e a própria segurança hídrica do Brasil serão beneficiadas, caso o país faça uma importante lição de casa (...)”.

A alternativa correta é a alternativa C, pois tanto a concordância verbal quanto a nominal estão adequadas. Os termos centrais da oração são “agricultura” e “segurança”, portanto, o verbo deve estar no plural. Para que não haja ambiguidade, o adjetivo está no plural. Assim fica claro que ele se refere aos dois termos, e não apenas ao mais próximo a ele.

A alternativa A está incorreta, pois o adjetivo “beneficiados” está no masculino, o que é errado dado que os dois termos centrais estão no feminino.

A alternativa B está incorreta, pois o verbo “será” está no singular, o que faz com que ele aparente se referir apenas ao termo mais próximo.

A alternativa D está incorreta, pois o verbo “será” está no singular, o que faz com que ele aparente se referir apenas ao termo mais próximo e o adjetivo “beneficiado” está no masculino singular, o que é errado dado há dois termos centrais no feminino.

Gabarito: C

47. (FGV - 2015)

Texto para as questões 29 e 30:

Pela tarde apareceu o Capitão Vitorino. Vinha numa burra velha, de chapéu de palha muito alvo, com a fita verde- -amarela na lapela do paletó. O mestre José Amaro estava sentado na tenda, sem trabalhar. E quando viu o compadre alegrou-se. Agora as visitas de Vitorino faziam-lhe bem. Desde aquele dia em que vira o compadre sair com a filha para o Recife, fazendo tudo com tão boa vontade, que Vitorino não lhe era mais o homem infeliz, o pobre bobo, o sem-vergonha, o vagabundo que tanto lhe desagradava. Vitorino apeou-se para falar do ataque ao Pilar. Não era amigo de Quinca Napoleão, achava que aquele bicho vivia de roubar o povo, mas não aprovava o que o capitão fizera com a D. Inês.

– Meu compadre, uma mulher como a D. Inês é para ser respeitada.

– E o capitão desrespeitou a velha, compadre?



– Eu não estava lá. Mas me disseram que botou o rifle em cima dela, para fazer medo, para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre. Ela não deu. José Medeiros, que é homem, borrou-se todo quando lhe entrou um cangaceiro no estabelecimento. Me disseram que o safado chorava como bezerro desmamado. Este cachorro anda agora com o fogo da força da polícia fazendo o diabo com o povo.

(José Lins do Rego, *Fogo Morto*)

Sem que haja alteração de sentido do texto, assinale a alternativa correta quanto à regência verbal.

- a) Quando o Capitão Vitorino chegou na sua casa, Mestre José Amaro foi cumprimentar-lhe.
- b) Mestre José Amaro lembrou-se que tinha desfeito a imagem de Vitorino como um bobo.
- c) A forma solícita como Vitorino tratou a filha vinha de encontro à imagem dele como pobre bobo.
- d) Vitorino não se simpatizava de Quinca Napoleão e lhe desaprovava o que fizera a D. Inês.
- e) Vitorino não era amigo de Quinca Napoleão, pensava de que ele vivia de roubar o povo.

Comentários: “vir de encontro” é uma expressão que significa “ser contrário”. É diferente da expressão “vir ao encontro” que significa “ir em direção a algo”. Por isso, nesse caso, a regência está correta, já que há uma quebra de expectativa: a ação de Vitorino foi contrária ao esperado. Por isso, a alternativa correta é Alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois a regência do verbo “chegar” se faz com preposição “a” nesse caso, não “em” (na = em + a)

A alternativa B está incorreta, pois a regência do verbo “lembrar” se faz com preposição “de” nesse caso, e na oração está sem preposição alguma.

A alternativa D está incorreta, pois a regência do verbo “simpatizar” se faz sem preposição nesse caso.

A alternativa E está incorreta, pois a regência do verbo “pensar” se faz sem preposição nesse caso.

Gabarito: C

48. (FGV – 2015)

A colocação do pronome está adequada à situação comunicativa da narrativa literária, mas está em desacordo com a norma-padrão, na seguinte passagem do texto:

- a) E quando viu o compadre alegrou-se.
- b) Agora as visitas de Vitorino faziam-lhe bem.
- c) ... Vitorino não lhe era mais o homem infeliz, o pobre bobo...
- d) ... para ver se D. Inês lhe dava a chave do cofre.
- e) Me disseram que o safado chorava como bezerro desmamado.



Comentários: A alternativa que apresenta incorreção é a alternativa E, pois não é possível, na escrita segundo a norma culta, iniciar uma oração por um pronome oblíquo átono, neste caso, “Me”.

A alternativa A não apresenta incorreção, pois quando há conjunção coordenativa (e) ocorre ênclise.

A alternativa B não apresenta incorreção, pois quando há advérbio (bem) ocorre ênclise.

A alternativa C não apresenta incorreção, pois quando há palavra negativa (não) ocorre próclise.

A alternativa D não apresenta incorreção, pois quando há uma conjunção subordinativa (se) ocorre próclise.

Gabarito: E

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este material é bastante completo e detalhado, mas você não precisa se desesperar!

Como vimos, no vestibular do ITA importa mais **entender** os contextos e significados do que decorar regras. Preste muita atenção, portanto, para o **significado** das palavras nos seus **contextos**.

Além disso, é importante treinar flexões nominais e verbais para não errar na **redação**! Lembre-se que o uso correto da norma culta vale 2 pontos na prova de redação.

Na próxima aula, veremos a continuação desse assunto e estudaremos:

- Regência nominal e verbal;
- Concordância nominal e verbal;
- Colocação pronominal; e
- Crase e demais formas combinadas.

Até lá, pratique bastante com os exercícios desta aula, para chegar sem dúvidas na próxima aula! Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof.^a Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

Versão	Data	Modificações
1	05/03/2020	Primeira versão do texto.

